

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL
PLAGEDER**

RÉGIS DATTEIN SOLANO

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL – EFASOL: A EDUCAÇÃO
COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL NO
MUNICÍPIO DE VALE DO SOL, RS E REGIÃO**

Porto Alegre

2017

RÉGIS DATTEIN SOLANO

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL – EFASOL: A EDUCAÇÃO
COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL NO
MUNICÍPIO DE VALE DO SOL, RS E REGIÃO**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharel em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Prof. Dr.^a Aline Reis Calvo Hernandez

Coorientadora: M.^a Carima Oliveira Atiyel

Porto Alegre

2017

RÉGIS DATTEIN SOLANO

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL – EFASOL: A EDUCAÇÃO
COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL NO
MUNICÍPIO DE VALE DO SOL, RS E REGIÃO**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharel em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, 15 de dezembro de 2017

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Aline Reis Calvo Hernandez (Orientadora)
UFRGS

Prof. Dr. João Dorneles Ramos
UFRGS

Profa. Dra. Tatiana Gerhardt
UFRGS

Dedico minhas escritas...

Primeiramente à minha família, pelo entendimento dos momentos que estava ausente, pela compreensão e pelos momentos de apoio...

Aos grandes companheiros e companheiras das Escolas Famílias Agrícolas do Rio Grande do Sul - EFASOL, EFASC, EFASERRA e EFASUL, meus eternos irmãos, esse trabalho é nosso!

A todos os agricultores familiares e aos jovens que estão lutando por uma vida melhor no campo na busca de reconhecimento de quem alimenta o Brasil....

Tenho orgulho de todos vocês!

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos... aquela única parte que falta, onde nos damos conta de que finalizamos um trabalho que necessitou de muito esforço, dedicação, noites em claro, comprometimento e força de vontade.

Primeiramente, quero agradecer de uma forma muito especial a minha família, sendo meu pai, seu Alberi Grassel Solano, que sempre me apoiou, dizendo que isso era uma fase importante em minha vida, mas que um dia iria passar, além disso agradeço a compreensão que em muitos momentos me entendia quando não podia ajudar nas tarefas de casa, pois em vários finais de semana tirava esse momento para estudar. Agradecer a minha mãe, dona Marlice Dattein Solano, pessoa pela qual admiro muito e sempre esteve no meu lado me estimulando ir além. Mãe, esse trabalho, bem como essa trajetória que fiz foi um dever meu enquanto filho, pois você optou em abrir mão de sua faculdade para se dedicar a mim quando eu era pequeno, portanto eu chegar até aqui, foi uma forma de retribuir a você tudo que fizestes por mim. Ao meu irmão (mano), Ricardo Dattein Solano, pessoa que me espelho muito pelo seu caráter e também pela paciência, pois em muitos e muitos momentos conversava contigo relatando que as coisas estavam difíceis, que não iria aguentar, e você sempre dizia: “Mano véio, não te afroxa! Isso é uma fase que tu tá passando, como sempre te disse, tu tá semeando para depois colher”. Obrigado meu irmão, obrigado minha mãe, obrigado meu pai. Obrigado família!

Agradeço de uma forma muito especial aos companheiros das Escolas Famílias Agrícola, escola pela qual me fez ver o mundo diferente, motivo que estou até hoje vinculado a ela. Ao companheiro Adair Pozzebon da AGEFA/EFASC, que pelas idas e vindas sempre me dava umas dicas para compor meu trabalho, ao companheiro João Paulo Reis Costa da AGEFA/EFASC, que no início do meu trabalho quando havia inúmeras dúvidas me passou materiais e dicas para produzir esse trabalho.

Aos companheiros da EFASOL, Ismael Gomes, que trazia algumas provocações e dicas para melhorar cada vez mais meu trabalho, a companheira Claudinha (Claudia Gonçalves) que desde o início demonstrou grande parceria na realização desse trabalho, que em vários momentos

conversamos, trocamos ideias sobre Educação do Campo, Alternância e assim por diante.

A todos os colegas e companheiros da EFASOL agradeço imensamente por “segurarem os pontos” quando necessitava me fazer ausente, esse trabalho é de vocês meus caros.

Às famílias ligadas a EFASOL, aos jovens que se propuseram em participar da minha pesquisa, bem como suas famílias, obrigado pela atenção e comprometimento de vocês e todos os jovens da escola, esse trabalho foi para demonstrar o quanto vocês são importantes também.

Não posso deixar de lembrar de minha co-orientadora Carima Atiyel, obrigado pela paciência e pelos momentos de conversas longas quando tinha dúvidas, agradeço sua colaboração e principalmente sua dedicação, agradeço também minha orientadora, Profa. Aline Hernandez, que nos momentos de correção sempre trazia ótimas sugestões para aprimorar meu trabalho. Além disso, agradeço à banca, que além da Profa. Aline Hernandez como minha orientadora, o Prof. João Dorneles Ramos e a Profa. Tatiana Gerhardt que olharam, analisaram e contribuíram no meu trabalho realizado com muito carinho e dedicação.

À UFRGS, à UAB polo de Cachoeira do Sul, à tutora presencial Diviane Bernardi, ao colega Charles Pozzebon, onde entramos juntos nessa proposta e fomos até o final, aos colegas Gustavo Hein e o Tomás Weber, que também foram meus colegas na EFASC e agora no PLAGEDER agradeço a parceria de todos vocês e dos demais colegas.

Enfim, obrigado a todos, aos demais amigos, parceiros, companheiros, familiares que me ajudaram de alguma forma chegar nesse momento, toda ajuda foi válida, momentos estes que jamais irei esquecer. Fraternal abraço a vocês.



CONSTRUTORES DO FUTURO **Gilvan Santos**

*Eu quero uma escola do campo
Que tenha a ver com a vida com a gente
Querida e organizada
E conduzida coletivamente.*

*Eu quero uma escola do campo
Que não enxerga apenas equações
Que tenha como chave mestra
O trabalho e os mutirões.*

*Eu quero uma escola do campo
Que não tenha cercas que não tenha muros
Onde iremos aprender
A sermos construtores do futuro.*

*Eu quero uma escola do campo
Onde o saber não seja limitado
Que a gente possa ver o todo
E possa compreender os lados.*

*Eu quero uma escola do campo
Onde esteja o símbolo da nossa semente
Que seja como a nossa casa
Que não seja como a casa alheia.*

*Eu quero uma escola do campo
Que não tenha cercas que não tenha muros
Onde iremos aprender
A sermos construtores do futuro.*

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar e descrever o contexto atual da Educação do Campo e a Pedagogia da Alternância, bem como sua origem e finalidades para sua existência. Além disso, descrever o processo histórico que levou a fundação da Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol (AEFASOL) e, posteriormente o início das atividades da Escola Família Agrícola de Vale do Sol (EFASOL) localizada na comunidade de Linha Formosa, interior do município de Vale do Sol, RS. A pesquisa se deu com 04 jovens que estão finalizando o 3º ano de formação no Ensino Médio e Técnico em Agricultura na EFASOL e com suas famílias para ver a importância da EFASOL, bem como, a metodologia de ensino para o jovem, família e propriedade rural. A pesquisa foi caracterizada como um estudo de caso, cuja metodologia qualitativa se embasou em pesquisas bibliográficas e documentais, além de entrevistas com pessoas ligadas à instituição. Para analisar os dados usou-se o método de análise qualitativa. Foi possível conceituar e analisar a história da Pedagogia da Alternância, sua vinda para o Brasil e posteriormente para o Rio Grande do Sul com a criação da primeira Escola Família Agrícola do estado. Em seguida, com o processo de expansão das EFAs estado a fora, em 2011 se iniciou um movimento para a criação de EFA em Vale do Sol (EFASOL). Foi constituída a comissão Pró-EFA e em 2012 foi criada a Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol (AEFASOL), para pensar o início das atividades da escola (recursos, prédio, alunos etc.) e em 2014 se inicia as atividades da Escola Família Agrícola de Vale do Sol (EFASOL), após muita resistência, articulação e força de vontade. Por fim, analisando o processo de ensino sobre a ótica dos jovens e famílias foi possível diagnosticar a importância de uma educação voltada aos jovens do campo, sobretudo para a região e a importância de existir uma escola onde os jovens não percam o vínculo com suas famílias e criem perspectivas de sucessão rural, produção de alimentos saudáveis e identificação com a agricultura familiar, que são princípios diretamente ligados ao Desenvolvimento Rural.

Palavras-chave: Educação do Campo. Pedagogia da Alternância. Escola Família Agrícola. Desenvolvimento Rural.

RESUMEN

Ese trabajo tiene como objetivo analizar y describir el contexto actual de la Educación del Campo y la Pedagogía de la Alternancia, así como su origen y finalidades para su existencia. Además, describir el proceso histórico que llevó a la fundación de la Asociación Escuela Familia Agrícola de Vale do Sol (AEFASOL) y posteriormente el inicio de las actividades de la Escuela Familia Agrícola de Vale do Sol (EFASOL) ubicada en la comunidad de Línea Formosa, interior del municipio El Vale do Sol, RS, Brasil. La investigación se realizó con 04 jóvenes que están finalizando el 3º año de formación en la Enseñanza Media y Técnico en Agricultura en la EFASOL y con sus familias a fin de averiguar la importancia de la EFASOL y la metodología de enseñanza para el joven, familia y propiedad rural. La investigación fue caracterizada como un estudio de caso con metodología cualitativa, investigaciones bibliográficas y documentales, además de entrevistas con personas vinculadas a la institución. Para analizar los datos se utilizó el método de análisis cualitativo. Sin embargo, fue posible conceptualizar y analizar la historia de la Pedagogía de la Alternancia, su venida hacia Brasil, después para el Río Grande do Sul con la creación de la primera Escuela Familia Agrícola del estado. A continuación, con el proceso de expansión de las EFAs estado a fuera, en 2011 se inició un movimiento para la creación de EFA en Vale do Sol (EFASOL). Se creó la Comisión Pro-EFA y en 2012 se creó la Asociación Escuela Familia Agrícola de Vale do Sol (AEFASOL), para pensar el inicio de las actividades de la escuela (recursos, edificio, alumnos) y en 2014 se inicia las actividades de la Escuela Familia Agrícola de Vale do Sol (EFASOL), después de mucha resistencia, articulación y fuerza de voluntad. Por último, analizando el proceso de enseñanza sobre la óptica de los jóvenes y familias, fue posible diagnosticar la importancia de una educación dirigida a los jóvenes del campo, sobre todo para la región y la existencia de una escuela donde los jóvenes no pierdan el vínculo con sus familias y puedan crear perspectivas de sucesión rural, producción de alimentos saludables y identificación con la agricultura familiar, que son principios directamente vinculados al Desarrollo Rural.

Palabras-clave: Educación del Campo. Pedagogía de la Alternancia. Escuela Familia Agrícola. Desarrollo Rural.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Primeiro Encontro dos estudantes das EFAs do RS em Santa Cruz do Sul.....	26
Figura 02: A localização das CEFFA no mundo segundo a AIMFR.....	35
Figura 03: 1º de Março de 2009 - Inauguração da EFASC, um marco histórico das EFAs no Brasil e sobretudo no Rio Grande do Sul.....	40
Figura 04: O porquê de estudar na EFASC: Entrevista realizada pela Gazeta do Sul à família Solano.....	40
Figura 05: A estrutura organizativa das EFAs no mundo, Brasil e no estado do Rio Grande do Sul.....	42
Figura 06: Os Quatros Pilares do Movimento CEFFAs.....	43
Figura 07: Municípios do Rio Grande do Sul que fazem parte do Vale do Rio Pardo (VRP).....	48
Figura 08: Coluna Folha Vale do Sol: Dia do Colono e Motorista, retratando o início da colonização do município e o surgimento de uma possibilidade de uma EFA em Vale do Sol.....	52
Figura 09: Capa Jornal Folha Vale do Sol: Reunião discute criação de escola Técnica em Formosa.....	52
Figura 10: Reuniões da comissão Pró-EFA Vale do Sol.....	54
Figura 11: Reuniões da comissão Pró-EFA Vale do Sol.....	54
Figura 12: Reunião sobre a implementação de uma EFA em Vale do Sol.....	56
Figura 13: Reunião sobre a implementação de uma EFA em Vale do Sol.....	56
Figura 14: Outro marco histórico das EFAs no RS: A criação da AEFASOL.....	57
Figura 15: Convite de inauguração da EFASOL.....	60
Figura 16: Momento importante das EFAs no Brasil e no Rio Grande do Sul: Inauguração da Escola Família Agrícola de Vale do Sol – EFASOL em Linha Formosa, município de Vale do Sol/RS.....	61
Figura 17: Primeira formação com os jovens e suas famílias.....	62
Figura 18: Foto da primeira turma em 2014 e a formatura em 2016.....	64
Figura 19: Foto da primeira turma em 2014 e a formatura em 2016.....	64
Figura 20: Foto das 3 turmas e dos monitores/professores da EFASOL em 2016.....	64

Figura 21: EFASOL atualmente (jovens do 1º, 2º e 3º, pais e monitores).....	67
Figura 22: Algumas práticas agroecológicas realizadas na EFASOL.....	67
Figura 23: Algumas práticas agroecológicas realizadas na EFASOL.....	67
Figura 24: Algumas práticas agroecológicas realizadas na EFASOL.....	67
Figura 25: Algumas práticas agroecológicas realizadas na EFASOL.....	67
Figura 26: Alguns dos instrumentos pedagógicos da EFASOL.....	68
Imagem 27: Os jovens e suas famílias participantes do trabalho de pesquisa.....	72
Imagem 28: Propriedade típica da região, com estufas de para a secagem do tabaco: família Nery da localidade de Linha Floresta, Vera Cruz.....	74
Imagem 29: Área de cultivo do tomate realizado pelo jovem na propriedade.....	79
Imagem 30: Área onde está sendo construído os chiqueiros, local para a criação dos suínos, tema do PPJ da jovem.....	81
Imagem 31: Espaço onde será realizado o piqueteamento para a criação das aves.....	82
Imagem 32: Experiência na produção de codornas pelo jovem.....	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relação das Escolas Famílias Agrícolas no Rio Grande do Sul de acordo com a AGEFA (Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas)	25
Quadro 2: Descrição dos instrumentos pedagógicos da Alternância aplicados no CEFFAs do Brasil.....	45
Quadro 3: Pesquisa com os estudantes da rede municipal e estadual.....	54
Quadro 4: Pesquisa com as famílias do município de Vale do Sol e parte de Herveiras, Sinimbu e Vera Cruz.....	55
Quadro 05: Principais atividades agropecuárias desenvolvidas no município de Vale do Sol/RS.....	70
Quadro 06: Principais atividades agropecuárias desenvolvidas no município de Vera Cruz/RS.....	70
Quadro 07: Características produtivas das UPF.....	75
Quadro 08: Características produtivas das UPF.....	84
Quadro 09: O que os jovens fala sobre a EFA, seu antes e depois.....	87
Quadro 10: Visão das famílias perante o jovem e a EFASOL.....	97

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEFASOL	Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol
AES	Associação dos Amigos do Estado Brasileiro do Espírito Santo
AGEFA	Associação Gaúcha Pró Escolas Famílias Agrícolas
AIMFR	Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural
APL	Arranjo Produtivo Local
ARCAFAR-SUL	Associação Regional das Casas Familiares Rurais Região Sul
CEDEJOS	Centro de Formação do Jovem Rural
CEFFA	Centros Familiares de Formação por Alternância
CFR	Casa Familiar Rural
COREDE	Conselho Regional de Desenvolvimento
EFA	Escola Família Agrícola
EFASC	Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul
EFASERRA	Escola Família Agrícola da Serra Gaúcha
EFASOL	Escola Família Agrícola do Vale do Sol
EFASUL	Escola Família Agrícola da Região Sul
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EMEF	Escola de Ensino Fundamental
Ha	Hectares
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INTAB	Indústria de Tabacos e Agropecuária Ltda
Km	Quilômetros
MEPES	Movimento de Educação Promocional no Espírito Santo
MFR	Maison Familiare Rurale
ONG	Organização Não Governamental
PLAGEDER	Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural
PPJ	Projeto Profissional do Jovem
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
SICREDI	Sistema de Crédito Cooperativo
UAB	Universidade Aberta do Brasil

UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNEFAB	União das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul
UPA	Unidade de Produção Agrícola
UPF	Unidade de Produção Familiar
VRP	Vale do Rio Pardo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E PRESSUPOSTOS CONCEITUAIS: CONSTRUINDO O “OBJETO” DE ESTUDOS.....	19
2.1 Atual conjuntura da Educação do Campo e o fechamento das Escolas do Campo	19
2.2 Surgimento da Educação do Campo no Brasil	21
2.3 A Pedagogia da Alternância, Desenvolvimento Rural e as Escolas Famílias Agrícolas no Rio Grande do Sul.....	22
3 OBJETIVOS	27
3.1 Objetivo Geral	27
3.2 Objetivos Específicos	27
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	28
5 BREVE HISTÓRICO DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E A CHEGADA DA PRIMEIRA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA NO RIO GRANDE DO SUL .	32
5.1 Surgimento da Pedagogia da Alternância	32
5.2 A Chegada da Pedagogia da Alternância no Brasil	36
5.2 A Pedagogia da Alternância no Rio Grande Do Sul e a chegada da primeira Escola Família Agrícola no Sul do Brasil	37
5.4 Os Quatro Pilares: Associação Local, Pedagogia da Alternância, Formação Integral e o Desenvolvimento do Meio	42
6 A FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO LOCAL DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL - AEFASOL E O INÍCIO DAS ATIVIDADES ESCOLARES NA EFASOL	47
6.1 Breve contexto do Vale do Rio Pardo e a justificativa para ter uma Escola Família Agrícola no município de Vale do Sol/RS	47
6.2 Criação da Associação Local e o início das Atividades na Escola Família Agrícola de Vale do Sol – EFASOL.....	57

7 OS IMPACTOS DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL – EFASOL SOB A ÓTICA DAS FAMÍLIAS E DOS JOVENS ENVOLVIDOS....	69
7.1 Perfil do (a) entrevistado (a) e do Grupo Familiar	71
7.2 Características da propriedade, Aspectos Produtivos e Influência da EFASOL nas práticas agrícolas desenvolvidas	73
7.3 Condições de Trabalho, Comercialização e Renda das famílias.....	84
7.4 Perspectiva de futuro do (a) Jovem e as contribuições da EFASOL para o jovem e para o Desenvolvimento Rural	87
7.5 O que a família (pais e mães) tem a dizer sobre o jovem e a EFASOL ..	97
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104
APÊNDICES	110

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce, primeiramente, de uma grande vontade vinda do autor em conhecer mais sobre o que tange a Pedagogia da Alternância da perspectiva da Educação do Campo e do Desenvolvimento Rural, no sentido de vincular questões descobrindo seus fundamentos e importância em nosso meio, além de explorar as relações com o desenvolvimento local e/ou regional.

Na elaboração de um trabalho de conclusão de curso, a partir das questões ligadas à agricultura, ou propriamente ligadas às áreas da educação ou qualquer outro enfoque, sempre temos que partir de um problema, de uma inquietação ou “desconforto” que nos desafie a procurar e/ou pesquisar sobre determinada questão.

Na conjuntura atual em que vivemos, principalmente quando falamos em Educação do Campo uma série de questionamentos suscitam, dentre eles as questões: Como relacionar a Educação do Campo com o Desenvolvimento Rural? Como se insere um modelo de Educação do Campo que venha a contribuir com o Desenvolvimento Rural? Como se dá a educação voltada ao jovem do campo?

No entanto, o interesse pela temática parte de uma história que começa entre final do ano de 2008 e início de 2009, com o ingresso em uma “escola diferente”, assim dita na época, que foi fundada em 2009 no município de Santa Cruz do Sul/RS, sendo a Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC) uma experiência nova em Educação do Campo, embasada pela metodologia da Pedagogia da Alternância como ferramenta de ensino.

Com o passar dos anos, o vínculo direto com a Juventude do Campo, com a Agricultura Familiar, com a Educação do Campo e a Agroecologia nos faz ir além, na busca de novas respostas e construir novos conhecimentos a partir da pesquisa, que atualmente, após oito anos, o autor, egresso de Escola Família Agrícola, está diretamente ligado às EFAs, mais especificamente na Escola Família Agrícola de Vale do Sol (EFASOL), escola esta utilizada para a pesquisa.

Assim, o presente trabalho está voltado a uma pesquisa vinculada a Escola Família Agrícola de Vale do Sol (EFASOL) com o contexto da Educação do Campo, na perspectiva da Pedagogia da Alternância, a fim de conhecer e

discutir o papel desta metodologia e desta proposta pedagógica ao Desenvolvimento Rural, local e regional. Além disso, pretendeu-se explorar e conhecer melhor o contexto em que os jovens estudantes da EFASOL estão inseridos e se a proposta e as metodologias de ensino da Pedagogia da Alternância e seus instrumentos são capazes de melhorar e/ou transformar o espaço de vivência do/a jovem e sua família nas propriedades agrícolas.

A EFASOL atualmente possui 64 estudantes¹, sendo que 21 já se formaram no Ensino Médio, mas estão em processo de estágios curriculares obrigatórios para validação do curso Técnico em Agricultura.

A sede da escola se localiza em Linha Formosa, município de Vale do Sol, RS, mas abrange hoje 14 municípios da região situados em 5 Conselho Regionais de Desenvolvimento (COREDES)².

A discussão e a importância do tema sobre Educação do Campo, Pedagogia da Alternância e Desenvolvimento Rural é um assunto atual e de grande valia, pois a agricultura, bem como o desenvolvimento sustentável no âmbito ambiental, econômico e cultural em si estão extremamente atrelados às formas de educação, ao seu contexto e impactos gerados. Além disso, as informações contidas no trabalho irão beneficiar desde profissionais que trabalham na respectiva área, bem como os jovens e suas famílias, governantes e a sociedade de modo geral.

Este trabalho está estruturado da seguinte maneira, além desta introdução apresenta-se uma revisão bibliográfica descrevendo alguns conceitos utilizados neste trabalho, posteriormente se apresentam os objetivos desta pesquisa, bem como a metodologia empregada no desenvolvimento desta investigação e ainda os principais resultados obtidos e as considerações finais acerca do trabalho desenvolvido.

¹ 1º ano com 19 estudantes, 2º ano com 29 estudantes e 3º ano com 16 estudantes.

² COREDE Vale do Rio Pardo: Vera Cruz, Sinimbu, Herveiras, Vale do Sol, Candelária, Ibarama, Arroio do Tigre, Lagoa Bonita do Sul e Sobradinho. COREDE Jacuí Centro: Cachoeira do Sul. COREDE Alto Jacuí: Salto do Jacuí. COREDE Central: Agudo. COREDE Alto da Serra do Botucarái: Barros Cassal e Gramado Xavier.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E PRESSUPOSTOS CONCEITUAIS: CONSTRUINDO O “OBJETO” DE ESTUDOS

2.1 Atual conjuntura da Educação do Campo e o fechamento das Escolas do Campo

De modo geral, sabemos que a educação possui um papel muito importante perante a sociedade em que vivemos, e seu contexto muitas vezes acaba distanciando o jovem do campo, não despertando seu interesse em permanecer no meio rural, pois a matriz curricular das escolas tradicionais faz com que muitas vezes o jovem não reflita sobre sua realidade enquanto filho/a de agricultores, o que conseqüentemente aumenta o desejo de abandonar o campo. Portanto Bastiani e Strasser (2012) destacam que existir uma educação voltada ao público rural se torna algo fundamental que vem a influenciar a permanência dos jovens no campo, pois a educação do campo leva em conta todas as especificidade desse público, pois vem para contribuir no fortalecimento e da valorização da identidade de ser um agricultor.

Outra questão importante de se frisar é que hoje, no campo estão concentrados os maiores índices de analfabetismos no Brasil e a cada ano que passa aumenta o número de escolas fechadas, uma conseqüência do êxodo rural e da falta de políticas públicas voltadas para este fim. Neste sentido Rodrigues (2011) coloca que:

O número de escolas fechadas impressiona, mas está longe de ser o único dado que chama atenção na educação do campo, onde existem cerca de 80 mil estabelecimentos de ensino. Entre a população de 15 anos ou mais, a taxa de analfabetismo na zona rural chega a 23,3%, três vezes maior do que em áreas urbanas, e a escolaridade média é de 4,5 anos, contra 7,8 anos, mostra estudo de 2009 da socióloga Mônica Molina e mais dois especialistas para o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República. (RODRIGUES, 2011).

Os dados sobre o fechamento das escolas do campo são alarmantes podendo ser considerado um grande descaso atualmente no Brasil, pois essa aglomeração dos estudantes nos centros urbanos infelizmente retira o jovem de seu círculo social sendo esta uma experiência vivida pelo autor, onde necessitava sair cedo da propriedade da família voltando no início da tarde

para poder estudar fora da comunidade e em outra realidade, porém necessitava se adequar a essa realidade, pois era a única existente.

Costa (2012) traz que a educação no meio rural sempre foi para poucos, atendendo somente certos interesses da alta sociedade, onde os filhos da grande elite realizavam formação nas fazendas e o ensino superior no exterior, já a situação da educação para os povos oriundos do campo, sobretudo da baixa renda, se compreendia apenas como uma mão de obra barata dos latifundiários brasileiros.

Em relação aos grandes números de fechamento das escolas do campo, muita relação existe devido às amplas nucleações existentes no território nacional, onde Costa, Etges e Vergutz (2016) mencionam que essas escolas nucleadas acabam se concentrando em grandes comunidades regionais nos municípios que, em muitos casos carecem de estruturas mínimas para atender esses jovens que foram nucleados, além das escolas de origem desses estudantes possivelmente foram todas fechadas.

Segundo Molina e Freitas (2011 p. 53):

De fato, por toda a década que passou e hoje ainda, é prática muito comum o fechamento de escolas no campo. Entendem esses governantes estaduais e municipais que fechar uma escola no campo e transportar os alunos remanescentes é menos oneroso ao erário público e, de quebra, mais civilizatório ou modernizante, afinal, ainda nessa visão, a escola urbana seria o ideal almejado por todos. Enfim, trata-se do império da racionalidade econômico-financeira e da ideologia do desenvolvimento capitalista urbanocentrado. Por essa perspectiva, não se levam em conta os prejuízos sociais causados com esses procedimentos administrativos de desterritorialização de pessoas e comunidades inteiras.

Os números do fechamento das escolas são tão grandes, que de acordo com Costa, Etges e Vergutz (2016, p. 5):

[...] o Brasil fecha em média, mais de 08 escolas por dia na região rural. Nos últimos 10 anos, 32,5 mil escolas do campo foram fechadas. Só em 2013 foram 3.296. Em 2003 eram 103,3 mil escolas no campo, hoje são 70,8 mil. São praticamente 09 escolas do campo fechadas por dia. Conforme esses dados é possível afirmar que a cada 2h e 40min, uma escola do Campo é fechada no Brasil.

O grande fechamento das escolas do campo traz nesse processo uma proposta de melhoria voltada à modernidade, como a redução dos custos

perante os municípios e estado que iriam deixar de manter as escolas que são de difícil acesso para melhor alocar os professores em escolas maiores, com melhores salas, ofertas de alguns diferenciais, como língua estrangeira, entre outros fatores. Nesse caso os estudantes são levados para as grandes escolas urbanas tirando-os de seu espaço de vivência familiar (COSTA; ETGES; VERGUTZ, 2016).

2.2 Surgimento da Educação do Campo no Brasil

O processo construtivo de surgimento da Educação do Campo deu-se por uma necessidade de mudança, segundo Molina e Freitas (2011, p. 11) “a Educação do Campo originou-se no processo de luta dos movimentos sociais camponeses e, por isso, traz de forma clara sua intencionalidade maior: a construção de uma sociedade sem desigualdades, com justiça social.”

No entanto, vemos que a proposta da Educação do Campo, vem com o intuito de fazer as pessoas pensarem, refletirem e lutarem por outra sociedade possível, com justiça e valorização das relações baseadas em equidade social.

A Educação do Campo por Souza (2008, p. 2):

[...] tem conquistado lugar na agenda política nas instâncias municipal, estadual e federal nos últimos anos. Fruto das demandas dos movimentos e organizações sociais dos trabalhadores rurais, a Educação do Campo expressa uma nova concepção quanto ao campo, o camponês ou o trabalhador rural [...].

Molina (2006) destaca as particularidades que a Educação do Campo tem em relação a outros tipos de diálogos sobre a educação, pois essa supõe permanente relação com as questões de desenvolvimento local e regional, um projeto popular e revolucionário de acordo com a realidade de base das comunidades e suas especificidades, dos sujeitos presentes sendo eles agricultores familiares, assentados, extrativistas, entre outros, na construção de políticas públicas voltadas aos mesmos, com grandes desafios, dentre eles o de transcender e romper com as interpretações que unidimensionalizam o multidimensional, tal como é o território rural no Brasil nos dias de hoje.

A década de 1990 foi extremamente histórica para a Educação do Campo quando, através dos movimentos sociais se organizaram e começaram

a defender assuntos relacionados à educação como um meio do estado diferenciar a educação urbana e a rural, momento este que inicia a luta pela Educação do Campo (BASTIANI; STRASSER, 2012).

Dessa demanda nasce o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) e a Coordenação Geral de Educação do Campo. O conceito de campo, segundo Molina (2006, p. 30) é considerado:

[...] como espaço de vida é multidimensional e nos possibilita leituras e políticas mais amplas do que o conceito de campo ou de rural somente como espaço de produção de mercadorias. A economia não é uma totalidade, ela é uma dimensão do território. Quando a produção de mercadorias é analisada como totalidade, fora da multidimensionalidade territorial, constitui-se numa análise extremamente parcial e, às vezes, equivocada da realidade. É impossível explicar o território como um setor de produção, por mais dominantes que sejam as relações que determinam o modo de produção.

2.3 A Pedagogia da Alternância, Desenvolvimento Rural e as Escolas Famílias Agrícolas no Rio Grande do Sul

A abordagem de ensino chamada de Pedagogia da Alternância propõe um objetivo diferenciado ao processo educacional tradicional podendo ser utilizada por jovens ou adultos, onde o sujeito fica em constante alternância entre o local de aprendizado teórico e o local de aprendizado prático, ou seja, entre a escola e a propriedade e comunidade. Como retratam Molina e Freitas (2011, p. 115):

[...] a Pedagogia da Alternância destaca situações que permeiam sua efetivação. Essa experiência educativa articula diferentes espaços e tempos educativos, teoria e prática, ensino e pesquisa, trabalho e educação, escola e comunidade visando garantir o direito à educação dos sujeitos do campo. A Pedagogia da Alternância, enquanto proposta educacional enfrenta desafios para garantir que os jovens do campo curseem os diferentes níveis e modalidades de ensino, uma vez que ela tem por objetivo assegurar a formação humana desses sujeitos e o desenvolvimento do campo com sustentabilidade.

De acordo com Teixeira, Bernartt e Trindade (2008 p. 3):

A Pedagogia da Alternância atribui grande importância à articulação entre momentos de atividade no meio socioprofissional do jovem e momentos de atividade escolar propriamente dita, nos quais se focaliza o conhecimento acumulado, considerando sempre as

experiências concretas dos educandos. Por isso, além das disciplinas escolares básicas, a educação nesse contexto engloba temáticas relativas à vida associativa e comunitária, ao meio ambiente e à formação integral nos meios profissional, social, político e econômico.

A Pedagogia da Alternância, de acordo com García-Marirrodriaga e Piug Calvó (2010) permite a cada jovem viver sucessivamente períodos distintos, sendo na escola (centro de formação) e na propriedade. Sua formação está centrada na vida, na realidade cotidiana da família (trabalho e lazer), promovendo ações que venham a fortalecer o meio de onde vivem (desenvolvimento rural).

Hoje existem experiências brasileiras em Educação do Campo na perspectiva da Pedagogia da Alternância que nasceram na França em 1935 e chegaram ao Brasil em 1969. No Vale do Rio Pardo se inicia um movimento em 2008 para a fundação de uma escola voltada aos jovens do campo que utilizava como metodologia de ensino a Pedagogia da Alternância sendo fundada em 2009 a Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC) (COSTA, 2012).

No caso das Escolas Famílias Agrícolas, Pozzebon (2015) destaca que sua proposta educacional é voltada ao jovem do campo, na partilha e interação de todos os sujeitos que são envolvidos através da Pedagogia da Alternância, na busca de uma educação contextualizada e fundamentada onde os próprios sujeitos que estão no campo, sejam os protagonistas de suas ações.

Jovem este que, citado por Pozzebon, segundo institui o Estatuto da Juventude, sob a Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013 são considerados jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos.

Sobre as questões ligadas ao desenvolvimento, existem inúmeros conceitos que conforme García-Marirrodriaga e Piug Calvó (2010) podem ser estabelecidos através de instancias políticas, sociais, econômicas, administrativas, jurídicas e ambientais. Para o desenvolvimento rural destacam:

Falar de desenvolvimento rural, podemos redefinir o desenvolvimento local ao caso das zonas rurais. Não obstante, a noção do mundo rural não é tão simples porque não implica unicamente na simples delimitação geográfica. Evoca, também, toda uma trama econômica e social, com um conjunto de atividades diversas: agricultura, artesanato, pequenas e medias indústrias, comercio e serviço (GARCÍA-MARIRRODRIGA; PIUG CALVÓ, 2010, p. 144).

Abramovay (2000) traz uma interessante reflexão sobre o campo aliado com o desenvolvimento rural, onde este desenvolvimento não se caracteriza somente nas produções agrícolas, altos rendimentos e assim por diante, pois esta afirmação se tornou comum na academia (universidades), bem como nas instituições governamentais e não governamentais, o desenvolvimento rural vai muito além dos aspectos vinculados à produção.

Pozzebon (2015) traz que o Desenvolvimento Rural pode ser considerado de várias formas sendo através de um processo multinível (global, intermediário e individual), de multiatores (agricultores, estado e instituições que trabalham em rede) e por fim, multifacetado (novos papéis e funções ao rural e agrícola, com características peculiares), onde nesse caso, agricultores e jovens são sujeitos que possam pensar e repensar o desenvolvimento, sobretudo a educação no/do campo na contemporaneidade.

Em relação às EFAs elas têm como proposta promover a formação integral dos filhos e filhas de agricultores familiares contribuindo em sua formação técnica e cidadã havendo grande relação entre o/a jovem estudante, a escola, sua família e a comunidade de modo geral. A Pedagogia da Alternância possibilita esta constante relação, como traz Costa (2012, p. 17):

Pedagogia da Alternância possibilita ao estudante, estudar na escola durante um período, a partir da sua realidade, partilhando-a com colegas e se apropriando de novas técnicas para no outro período, na sessão sócio familiar, colocar em prática na propriedade em que reside, a Alternância, aplicando na prática as técnicas e recursos construídos na escola. Desta forma, a Pedagogia da Alternância possibilita um vínculo direto do jovem com a escola, com a família, bem como com a comunidade em que vive.

Através do pioneirismo na região do Vale do Pardo com a criação da EFASC, poucos anos depois, começou o processo de expansão das EFAs em nível estadual. Segundo Pozzebon (2015, p. 78)

[..] a Escola Família Agrícola da Serra Gaúcha – EFASERRA, implantada em 2013, situada na comunidade Terceira Léguas em Caxias do Sul e a Escola Família Agrícola de Vale do Sol – EFASOL, localizada na comunidade de Formosa, que iniciou suas atividades no ano de 2014 deram continuidade a esse processo.

Recentemente criou-se mais uma EFA no ano de 2016, sendo a Escola Família Agrícola da Região Sul (EFASUL), localizada no município de

Canguçu, região sul do estado, totalizando quatro EFAs no Rio Grande do Sul, sendo elas destacadas a seguir:

Quadro 1: Relação das Escolas Famílias Agrícolas no Rio Grande do Sul de acordo com a AGEFA (Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas)

Nome EFA	Fundação	Municípios abrangência	Número estudantes³	Número egressos⁴
Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul – EFASC	2009	10 ⁵	96	175
Escola Família Agrícola da Serra Gaúcha – EFASERRA	2013	17 ⁶	53	25
Escola Família Agrícola de Vale do Sol – EFASOL	2014	14 ⁷	64	21
Escola Família Agrícola da Região Sul – EFASUL	2016	3 ⁸	25	0 ⁹
TOTAL:		41 municípios ¹⁰	238 Estudantes	221 Egressos

Fonte: AGEFA, adaptado pelo autor, 2017.

Ao observar o quadro acima podemos analisar que hoje as quatro EFAs possuem uma abrangência diversificada no estado, com mais de 230 (duzentos e trinta) estudantes, sendo que desde 2009, até então, possui mais de 220 (duzentos e vinte) egressos, jovens filhos/as de agricultores familiares.

Na figura a seguir podemos ter uma proporção do grande número de jovens que as EFAs atendem no estado:

³ Estudantes devidamente matriculados no 1º, 2º e 3º ano (junho, 2017).

⁴ Egressos, incluindo também os que estão em processo de estágio curricular obrigatório (junho, 2017).

⁵ Santa Cruz do Sul, Boqueirão do Leão, Vera Cruz, Sinimbu, Herveiras, Venâncio Aires, Passo do Sobrado, Vale Verde e General Câmara.

⁶ Caxias do Sul, Antônio Prado, Bento Gonçalves, Boa Vista do Sul, Carlos Barbosa, Coronel Pilar, Farroupilha, Garibaldi, Nova Pádua, Pinto Bandeira, São Marcos, Nova Roma do Sul, Barão, Feliz, Vale Real, São Francisco de Paula e Ipê.

⁷ Vale do Sol, Cachoeira do Sul, Vera Cruz, Sinimbu, Agudo, Herveiras, Barros Cassal, Gramado Xavier, Candelária, Ibarama, Arroio do Tigre, Lagoa Bonita do Sul e Salto do Jacuí.

⁸ Canguçu, Pelotas e Cerrito.

⁹ A EFASUL, por ser fundada recentemente ainda não possui egressos.

¹⁰ Lembrando que os municípios de Herveiras, Sinimbu e Vera Cruz, tem estudantes na EFASOL e na EFASC.

Figura 1: Primeiro Encontro dos estudantes das EFAs do RS em Santa Cruz do Sul



FONTE: Arquivos EFASOL, 2015

Portanto, foram caracterizadas brevemente questões relacionadas às escolas do campo, bem como o fechamento das mesmas, além disso, um breve histórico da Educação do Campo e alguns conceitos da Pedagogia da Alternância, Desenvolvimento Rural, conceitos utilizados no decorrer do trabalho. Apresenta-se a seguir os objetivos da pesquisa, bem como a metodologia utilizada e os resultados alcançados.

3 OBJETIVOS

Com a proposta de buscar meios de responder aos questionamentos realizados, bem como procurar contribuir com o tema, vinculando Educação do Campo, Pedagogia da Alternância e Desenvolvimento Rural, foram elaborados os seguintes objetivos para orientar o trabalho.

3.1 Objetivo Geral

Descrever o processo histórico da criação da metodologia de ensino chamada de Pedagogia da Alternância, bem como sua vida para o Brasil e Rio Grande do Sul com a fundação da Escola Família Agrícola de Vale do Sol (EFASOL) e sua contribuição para o Desenvolvimento Rural.

3.2 Objetivos Específicos

a) Descrever e analisar o surgimento da Pedagogia da Alternância como metodologia de ensino voltado aos jovens do campo, desde seu processo histórico internacional, brasileiro, e gaúcho com a criação da primeira Escola Família Agrícola do estado do Rio Grande do Sul.

b) Descrever a origem e o processo histórico local que levou a fundação da Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol (AEFASOL)¹¹ e, posteriormente a criação da Escola Família Agrícola de Vale do Sol (EFASOL);

c) Pesquisar a perspectiva de jovens estudantes do 3º ano da EFASOL, bem como de suas famílias, procurando conhecer a importância da escola e sua metodologia de ensino para o jovem, família e propriedade rural para o Desenvolvimento Rural.

¹¹ A AEFASOL é a associação local que visa formalizar parcerias para o funcionamento da escola formada por pais dos jovens estudantes e egressos.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Justifica-se a realização do presente trabalho de acordo com Frohlich e Dorneles (2011, p.19) em que a justificativa para um problema de pesquisa é “[...] demonstrar sua relevância social e científica, sua originalidade, sua viabilidade, seus impactos e benefícios para a área de conhecimento em questão”.

De acordo com Marconi e Lakátos (2003, p. 220): “A especificação da metodologia da pesquisa é a que abrange maior número de itens, pois responde, a um só tempo, às questões como, com quem, onde e quando se realiza uma pesquisa?”.

Para realização deste trabalho de conclusão de curso seguimos uma abordagem qualitativa, em forma de pesquisa voltada a um estudo de caso, que segundo Gil (1989, p. 79): “O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir conhecimento amplo e detalhado do mesmo.”

Sobre as características dos estudos de caso, destaca Meirinhos e Osório (2010) que a essência do mesmo traz consigo características de uma pesquisa qualitativa, sendo esta a posição mais utilizada pelos autores que abordam a metodologia de estudo de caso.

Tendo em vista alcançar os objetivos propostos na pesquisa deu-se a necessidade de uma pesquisa bibliográfica inicial como método de coleta de dados sobre questões inerentes à Pedagogia da Alternância, processos formativos de juventude rural, instrumentos pedagógicos utilizados na Pedagogia da Alternância, entre outros fatores. Conforme Gil (1989, p. 71) a pesquisa bibliográfica:

[...] é desenvolvida a partir de materiais já elaborados, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Além disso, houve a necessidade de realizar uma análise documental para averiguar as documentações históricas, além dos vários tipos de registros que tratam do processo da criação da AEFASOL¹² em 2012, como atas, artigos publicados em jornais e material audiovisual, que antecederam a criação da escola.

Além disso, para melhor compreensão da formação desta Associação viu-se a necessidade de entrevistar os articuladores iniciais deste processo no município de Vale do Sol e, aliado a isso, ocorreu uma pesquisa de documentos/dados da AGEFA¹³ e/ou EFASC (por ser a primeira escola no estado que, posteriormente iniciou um processo de expansão). Essa fase da pesquisa ocorreu entre os meses setembro e outubro de 2017.

Fonseca (2002, p. 32) nos auxilia a diferenciar uma pesquisa bibliográfica de uma pesquisa documental:

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc.

Com a intenção de averiguar a perspectiva dos jovens participantes desta pesquisa foram coletados dados sobre os impactos que a metodologia da Pedagogia da Alternância trouxe às propriedades familiares juntamente a estes atores. Para tanto se utilizou a técnica de entrevista com a utilização de um instrumento de coleta de dados com questões semiestruturadas, isso é, contendo perguntas fechadas e abertas a serem respondidas pelos entrevistados (Apêndice A).

No total foram entrevistados 04 (quatro) jovens que estão cursando o 3º ano da EFASOL¹⁴ e suas famílias. Os jovens foram convidados a participar da pesquisa com autorização dos pais, a fim de respeitar as questões éticas em pesquisa.

¹² Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol.

¹³ Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas, fundada em 2008 que antecedeu a criação da EFASC em 2009.

¹⁴ Entrevistas realizadas na Unidade de Produção Agrícola dos jovens.

Os familiares assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) que explicava os objetivos e procedimentos da pesquisa, além de permitir a utilização dos nomes, dados e imagens para compor o respectivo trabalho.

O uso de entrevista apresenta muitas viabilidades quando se propõe a uma relação mais próxima entre o investigador e o investigado, conforme destaca Gil (1989, p. 113):

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam a investigação. A entrevista é, portanto uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

O autor (Gil) propõe ainda algumas vantagens da entrevista:

a) a entrevista possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social; b) a entrevista é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano; c) os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de quantificação. (GIL, 1989, p. 114).

A entrevista foi realizada com cada um dos 4 jovens e também com suas respectivas famílias, além das visitas até a propriedade rural dos pesquisados, levando-se em consideração que ver e analisar as práticas agropecuárias desenvolvidas *in loco*, bem como, a relação do jovem com sua família é parte importante para melhor compreensão dos cenários que pretendeu-se analisar. Esta etapa da pesquisa ocorreu entre o mês de outubro de 2017.

Após a realização das entrevistas realizou-se a análise dos dados coletados em campo. Inicialmente ocorreu a transcrição dos dados gravados com o auxílio de um gravador digital e previamente autorizado pelos participantes da entrevista. Após selecionou-se as principais respostas, opiniões, percepções e assuntos que os jovens e suas famílias abordaram e destacaram nas entrevistas.

A análise dos dados seguiu uma abordagem qualitativa, indo além dos números e trazendo o aprofundamento e a discussão das questões pesquisadas e suscitadas pelos participantes.

Os dados foram analisados em seu conjunto mediante a sistematização e organização destes em categorias de análise elaboradas a partir da própria estruturação do instrumento de coleta de dados.

A pesquisa de campo trouxe questões relativas à visão dos jovens que estão finalizando o último ano de formação em relação à Educação do Campo e a Pedagogia da Alternância, de suas famílias em relação à escola, ao jovem e às práticas desenvolvidas na propriedade. Na próxima seção do trabalho passamos a analisar e discutir as categorias que compõem a análise dos dados obtidos na pesquisa de campo.

5 BREVE HISTÓRICO DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E A CHEGADA DA PRIMEIRA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA NO RIO GRANDE DO SUL

Ninguém educa ninguém,
Ninguém educa a si mesmo,
Os homens se educam entre si,
Mediatizados pelo mundo.
(FREIRE, 1987, p.79)

Neste primeiro capítulo de análise de dados secundários aborda-se a retomada histórica de onde se originou a Pedagogia da Alternância, metodologia de ensino essa que é utilizada no município de Vale do Sol, RS e demais cidades do Rio Grande do Sul que possuem EFAs, bem como, demais estados e regiões que compõe o território nacional.

Portanto, nesse capítulo será descrito como foi o surgimento da Pedagogia da Alternância, sua origem, objetivos, finalidades, após a sua vinda para o Brasil e posteriormente para o Rio Grande do Sul, com a criação da primeira Escola Família Agrícola (EFA) no estado e no Sul do Brasil.

5.1 Surgimento da Pedagogia da Alternância

Um diálogo que ocorreu na França a mais de 80 anos atrás, que segundo Tanton (1999, p .98-99), *apud* Costa (2012, p. 40) entre um agricultor e um padre no ano de 1935:

Um agricultor e o padre conversavam em uma tarde de junho de 1935. Pelas testas enrugadas e pelo tom geral das vozes, podia perceber-se que uma preocupação profunda dominava a conversa. De fato, a conversa estava centrada sobre o futuro de um belo adolescente que havia ingressado há um ano no certificado de estudos. – Ele tem nojo da escola superior, dizia seu pai. Cada vez que ele deve ir à escola aparecem novas lamentações. Entretanto parar de estudar aos 13 anos é lamentável! ... – Sim, é sempre isso: o agricultor, não vale grande coisa na sociedade francesa, respondeu o padre. Para as crianças, a escola primária é até aos 13 anos. – E daí o que vale esta escola? Nós temos excelentes professores – quando não se metem a fazer política – mas programas detestáveis! ... Mesmo o certificado de estudos não significa mais nada... Um ano depois, aqueles que obtiveram, não sabem nada mais que os outros! – E depois, colocar nossos filhos num pensionato que custa caro! Pouco dinheiro não resolve não! E para chegar a que? Ver nossos filhos nos olharem do alto quando eles retornam após três meses de pensionato na cidade. A terra, eles começam rápido a achar que ela está muito baixa, estes jovens agricultores transformados em urbanos “sábios”... – Sábios! Se pelo menos ficassem sábios. Mas lá também,

os programas não são feitos para a agricultura! Aliás, as turmas são grandes demais; o professor dá seu curso, compreenda quem puder. Ele não pode se ocupar de cada um em particular. – E as escolas de agricultura? Ah! Sim... Quantos verdadeiros agricultores o senhor já viu sair de uma escola de agricultura? – Não, realmente, nada é feito oficialmente para garantir a formação intelectual de jovens agricultores em uma época onde, mais do que nunca, os agricultores precisam ser verdadeiros sábios; numa época em que a agricultura precisa de chefes que sejam verdadeiros líderes. A conversa continua cada vez mais pessimista quando, de repente, como um relâmpago, surge uma nova ideia: Diante dessa deficiência, porque não criar alguma coisa nova que se adapte realmente ao meio agrícola? Um tipo de escola que nós possamos criar aqui mesmo? Desta vez, a conversa passou a ser mais otimista, animadora, reconfortante. Quando o agricultor se despede do padre, com alegria no seu olhar, um projeto de formação intelectual-profissional dos jovens agricultores, dos futuros líderes agricultores, já estava elaborado em grandes linhas.

No caso relatado acima o agricultor destaca seu descontentamento com a forma da educação existente na época, devido a isso “desabafa” para o padre que, por sinal, traz consigo a preocupação com o futuro deste jovem, já que a educação constituída não está de acordo com sua realidade enquanto filho de agricultor, pois não existe uma escola para agricultores até então. O relato evidencia a necessidade de criação de uma escola diferenciada na época, feito “no” campo “para” os do campo.

Frente a isso, segundo Molina (2006) os movimentos das escolas rurais sobre regime de alternância na França nasce em 1935, em um pequeno vilarejo pela iniciativa de um padre e três agricultores que viam e analisavam em seus filhos uma insatisfação com os estudos tradicionais e a necessidade em continuar estudando.

Neste caso, o início da Pedagogia da Alternância foi utilizado para nortear os primeiros passos de uma proposta diferenciada de ensino que possibilita ao jovem acessar o estudo sem se afastar do meio em que vive podendo relacionar os saberes científicos com os saberes populares, de sua vivência cotidiana, diferente das escolas técnicas tradicionais, ou seja, onde o jovem acaba perdendo o contato direto com sua família, sua realidade de modo geral durante seu processo de formação, sendo assim um gargalo encontrado nesta metodologia de ensino tradicional (ZAMBERLAN 2003 *apud* LIMBERGER 2016, p 16).

Conseqüentemente na França a experiência foi denominada de Maison Familiare Rurale (MFR) e segundo Begnami (2003) foi um processo histórico

longo e sofrido pelos movimentos sociais. Foi fruto de uma estratégia de organização de agricultores, cujos objetivos principais eram de discussão do contexto social, a transformação da sociedade francesa, além de discutir a organização profissional e os problemas enfrentados no campo, organizando os agricultores através de sindicatos e cooperativas e transformando as “mentalidades” através de um processo educativo permanente.

De acordo com BEGNAMI (2003, p. 23):

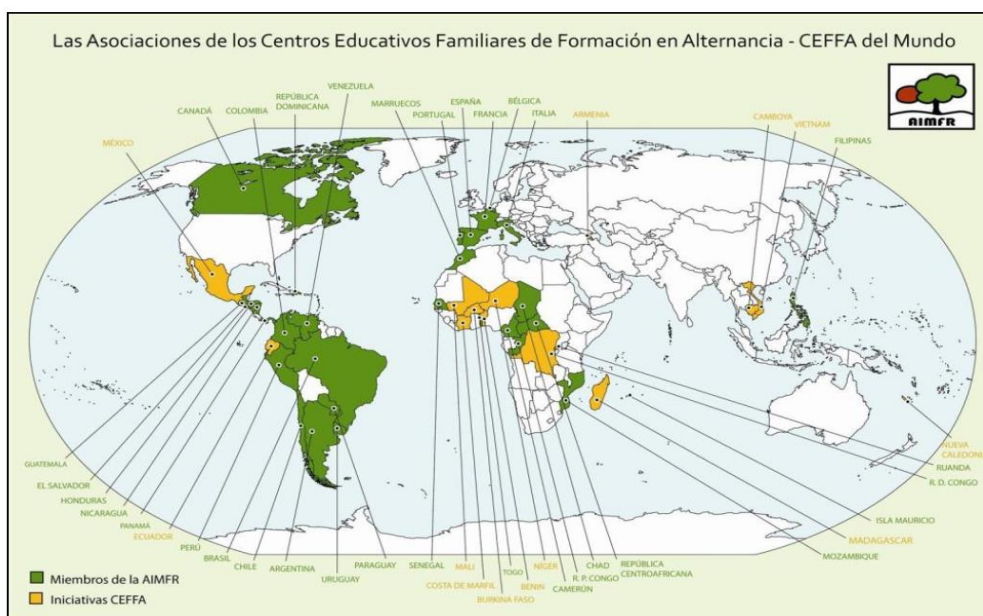
A primeira MFR foi instituída oficialmente em 17 de novembro de 1937 em Lausun, sede do Cantão, Departamento Francês de Lot-et-Garone. Isto, depois de longas reflexões e múltiplos entendimentos a partir de avaliações feitas pelas famílias envolvidas na experiência iniciada em Sérignac-Péboudout no ano de 1935.

Para COSTA (2012), com o grande crescimento da Pedagogia da Alternância através dos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs)¹⁵ no mundo, em 1975 em Dakar, no Senegal, entre os dias 12 a 16 de maio foi criada uma entidade internacional, sendo a Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural (AIMFR).

Os países que compuseram a referida Associação estão ilustrados na figura a seguir:

¹⁵ Centros Familiares de Formação por Alternância, ou seja, que consagra diversas instituições que trabalham com a Pedagogia da Alternância.

Figura 02: A localização das CEFFA no mundo segundo a AIMFR



Fonte: Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural - AIMFR, 2017

Segundo Garcia-Marirrodrga e Puig-Calvão (2010, p.47-51) sobre a abrangencia e os objetivos da AIMFR:

[...] escolas (mais de 1.300 distribuidas por mais de 40 países da África, Americas, Ásia, Europa e Oceania), envolvem em processos de desenvolvimento local a mais de 150.000 famílias rurais. (...) Os objetivos da AIMFR são: Fortalecer e promover o desenvolvimento dos CEFFA no mundo; Representar os interesses dos CEFFA ante os organismos supranacionais e internacionais e estabelecer relações com eles; Difundir ante a opinião pública – especialmente nos mbitos rurais, profissional e familiar – princpios¹⁶ dos CEFFA definidos em seus estatutos e velar por sua correta aplicação; Assegurar as relações e intercâmbios de experiências e de matérias educativo entre os CEFFA de todo o mundo; Criar serviços comuns para o bom desenvolvimento da Associação, especialmente um serviço central de informação e de investigação pedagógica.

De modo geral, a Pedagogia da Alternância parte de um princípio de alternar, ou seja, aonde o jovem vem a permanecer um período em sua casa e/ou propriedade e o outro na escola, neste caso, alternando seus momentos de formação relacionando sua realidade (família, propriedade, comunidade) e a

¹⁶ Princípios do CEFFA: Alternância Educativa, que permite uma formação associada; A participação das famílias na gestão e funcionamento cotidiano de cada CEFFA e, por extensão, seu papel principal no desenvolvimento do meio rural; A promoção pessoal e coletiva do meio mediante a educação integral das pessoas para favorecer a animação social e cultural por meio da formação permanente; A autêntica Associação de base. (GARCIA-MARIRRODRIGA; PUIG-CALVÃO, 2010 p. 48).

escola, rompendo neste caso, um paradigma de onde somente a escola tem o papel ou a responsabilidade pela educação das pessoas, não levando em consideração a realidade do jovem e suas condições de vida e a suma importância do mesmo conhecer o espaço onde está inserido e as pessoas de seu convívio.

Partindo deste panorama geral apresenta-se na próxima seção deste trabalho como ocorreu a inserção da experiência da Pedagogia da Alternância no Brasil.

5.2 A Chegada da Pedagogia da Alternância no Brasil

Essa metodologia de ensino que se transformou em um movimento em nível mundial em poucos anos chegou ao Brasil em torno de 30 anos depois das primeiras experiências no exterior. Na América Latina, o Brasil é o primeiro país a desenvolver esta nova experiência no sul do estado de Espírito Santo em 1969, tendo nesse caso as experiências italianas como interlocutoras para sua implantação (BEGNAMI, 2003).

Segundo COSTA (2012 p. 44):

No Brasil, a Pedagogia da Alternância chega primeiramente no sul do Espírito Santo, ainda na década de 1960, em plena Ditadura Militar (1964 – 1985), trazida por imigrantes italianos, entre eles o jovem sacerdote católico Pe. Humberto Pietrogrande, italiano da região do Vêneto, em 1965. Ele passou a articular as forças da igreja, com os agricultores e entidades locais, fazendo nascer assim um movimento que se transformaria numa experiência de vanguarda no quesito educação do campo, não só no Brasil, mas na América do Sul.

No Brasil foi criada a União das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB), com a vinda da primeira Escola Família Agrícola para o Espírito Santo, já no Paraná, foi criada a Associação Regional das Casas Familiares Rurais Região Sul (ARCAFAR - SUL) que congregou as Casas Familiares Rurais (CFR) em 1986. Esse conjunto de EFAs e CFRs convencionou-se chamar de Centros Familiares de Formação por Alternância, conhecidos como CEFFAS (MOLINA, 2006).

De acordo com COSTA (2012, p. 45) *apud* BEGNAMI (2012):

As primeiras iniciativas de criação de EFAs no Espírito Santo se desenvolveu junto aos agricultores, empobrecidos pela política de intervencionismo econômico estatal que excluía a agricultura familiar em detrimento da grande empresa agrícola moderna (...) Para operacionalizar o projeto EFA, cria-se o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo – MEPES, que é fundado em abril de 1968 como entidade civil mantenedora, filantrópica e sem fins lucrativos. Uma organização de inspiração cristã, sensibilizada pela situação grave de crise econômica e social que passavam os agricultores do sul daquele estado (...) A experiência inicia, tendo como referência inspiradora as escolas de alternância da Itália e como apoiadores financeiros, entre outros, a Associação dos Amigos do Estado Brasileiro do Espírito Santo – AES – uma ONG criada na Itália para ajudar no processo de implantação e manutenção (das EFAs) (...) São criadas três EFAs de uma só vez, no ano de 1969, quais sejam: Olivânia, Alfredo Chaves e Rio Novo do Sul.

Devido a isso, podemos ver que o processo de expansão das Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) e também das Casas Familiares Rurais (CFRs) em todo território nacional foi extremamente significativa, chegando em 268 Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs) em todo o Brasil, sendo estes 148 Escolas Famílias Agrícolas e 120 Casas Familiares Rurais (BEGNAMI, 2011).

Podemos ver que em 42 anos (1969 – 2011) existem 268 CEFFAs no Brasil, onde se pode ter uma média de aproximadamente 7 CEFFAs sendo criadas por ano, um dado importante a ser destacado. A seguir será relatado sobre a chegada da Pedagogia da Alternância no Rio Grande do Sul e a criação da primeira EFA.

5.2 A Pedagogia da Alternância no Rio Grande Do Sul e a chegada da primeira Escola Família Agrícola no Sul do Brasil

No estado do Rio Grande do Sul, a Pedagogia da Alternância chega como metodologia de ensino a ser ofertada inicialmente pelas Casas Familiares Rurais, onde as mesmas atuam no estado desde o ano de 2002, através da Casa Familiar Rural Santo Isidoro, localizada no município de Frederico Westphalen, na localidade de Linha Faguense na região norte do estado, ofertante da formação de Ensino Médio, instituição esta ligada a ARCAFAR – RS, filiada a ARCAFAR – SUL. Vale lembrar que anteriormente, havia um centro de formação de jovens, chamado de Centro de Formação do Jovem Rural (CEDEJOR), localizado na Linha Albardão, município de Rio

Pardo, RS, vinculado ao Instituto Souza Cruz que também trabalhavam com a Pedagogia da Alternância. Porém, não havia nenhum vínculo com a Rede CEFFAs pela questão de seus objetivos e finalidades não se compactuarem com os princípios dos CEFFAs (princípios estes destacados anteriormente), no entanto o CEDEJOR não fez parte da Rede (VERGUTZ, 2013).

Já no ano de 2009 foi criada a primeira Escola Família Agrícola do Rio Grande do Sul e no Sul do Brasil, sendo a Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC) inaugurada em 01 de março de 2009. Desde então vem realizando um trabalho voltado aos jovens do campo, filhos e filhas de agricultores familiares da região do Vale do Rio Pardo seguindo os princípios dos CEFFAs (POZZEBON, 2015).

Pozzebon (2015, p. 76) destaca que:

O processo de implantação da EFASC aconteceu em 2008, a partir da fundação da AGEFA – Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas, compreendendo uma forte mobilização regional, e desencadeando diversos encontros, seminários e intercâmbios com as EFAs do ES, MG e BA, além de reuniões com as instituições locais e com as comunidades rurais que acabaram por dar legitimidade à implantação da escola. Contribui para isto o fato de que a região contava com poucas opções de ensino médio técnico agrícola, sendo marcada pelo forte êxodo rural, em especial da juventude, bastante expressiva na região. Situação esta similar ao ocorrido na França na década de 30.

À época, a Cooperativa SICREDI (Sistema de Crédito Cooperativo) regional Vale do Rio Pardo foi fundamental para a criação da AGEFA (Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas)¹⁷ e posteriormente da EFASC, pois garantiu o financiamento para o processo de implantação da escola, custos iniciais, além de promover em nível regional uma importante discussão com os associados e, mais especificadamente, com os agricultores. Para promover parcerias, relações institucionais foi até as prefeituras da região, cooperativas, associações, sindicatos entre outras entidades que possuem vínculo com agricultores familiares e a juventude do campo, promovendo, articulando parcerias para financiamento e divulgação da escola (COSTA, 2012).

¹⁷ Fundada em 28 de julho de 2008 (VERGUTZ, 2013, p. 44).

No final de 2008 entre os meses de novembro e dezembro ocorreu uma visita na propriedade do autor deste trabalho. O gerente da Cooperativa SICREDI, unidade do município de Herveiras, Marcos Machado, esteve no local e em conversa com Marlise Dattein Solano, mãe do autor, fez a divulgação da EFASC, onde o SICREDI promovia parceria para a instalação de uma escola técnica em Santa Cruz do Sul, com abrangência regional. A família, demonstrando grande interesse conduziu o seu filho a “experimental” essa nova proposta de ensino realizando assim o Ensino Médio Técnico em Agricultura.

Este rapaz, no dia 01 de março de 2009 deu início à uma nova caminhada, uma nova trajetória de construção do conhecimento, com um diálogo permanente com a família, comunidade e entidades que tem seu envolvimento com a agricultura e pecuária familiar, produção de alimentos e comercialização.

Passando-se bom período o autor deste trabalho tornou-se um dos monitores da Escola Família Agrícola de Vale do Sol, desde o ano de 2015, conciliando os trabalhos da família e escola, visto ser importante estar em ambos espaços e não perder o vínculo da família.

Além disso, por estudar e viver o processo da alternância na “pele”, passar pela transformação e ver o mundo diferente, atualmente voltou mais uma vez para a EFA. “Após 3 anos de formação, saímos da EFA, mas a EFA nunca sai da gente!” (depoimento do autor).

Adiante disso, apresentam-se matérias vinculadas ao jornal local que ilustram um momento histórico da Pedagogia da Alternância no mundo, com a criação da EFASC.

Figura 03: 1º de Março de 2009 - Inauguração da EFASC, um marco histórico das EFAs no Brasil e sobretudo no Rio Grande do Sul

RURAL

Escola Família Agrícola inicia as aulas

Simoni Gollmann
simoni@gazetadosul.com.br

Vinte e um jovens oriundos do meio rural da região estão em sala de aula desde esta segunda-feira, integrando uma experiência pioneira no Rio Grande do Sul. Trata-se da Escola Família Agrícola (Efa), aberta oficialmente no domingo, durante solenidade com a presença de autoridades de toda a região. Seu objetivo é oferecer ensino regular direcionado às atividades rurais e, dessa forma, proporcionar que o desenvolvimento tecnológico chegue cada vez mais ao campo.

A iniciativa, desenvolvida pelo Sicredi Vale do Rio Pardo e pela Associação Gaúcha Pró-Escolas Família Agrícola (Agefa), vem para beneficiar os jovens rurais com conhecimentos que possam ser empregados em seu



ZAMBERLAN: tudo é alternância

cotidiano.

Segundo o mestre na Pedagogia da Alternância, Sérgio Zamberlan, a Pedagogia da Alternância muda a forma como se entende o saber. "Aprendemos coisas diferentes em momentos e de maneiras diferentes. Portanto, tudo é uma alternância, seja bio-

lógica, psíquica, cultural ou em outros aspectos."

A Efa de Santa Cruz do Sul inicia ofertando cursos de ensino médio (técnico agrícola), bem como capacitações e especializações complementares, seguindo a Pedagogia da Alternância. Além da turma que começou suas atividades ontem, outro grupo, com cerca de 20 integrantes, chega ao Seminário São João Batista, onde estão sediados o internato e as práticas complementares, na próxima segunda. Na ocasião, os estudantes em aula esta semana voltam às suas propriedades. A partir daí, as duas turmas devem alternar-se semanalmente.

As aulas ocorrem na Unisc. O transporte entre os dois locais foi garantido pelo governo municipal. Outros parceiros, no entanto, são convidados a abraçar a experiência.

Fonte: Jornal Gazeta do Sul, 03 de março de 2009.

Figura 04: O porquê de estudar na EFASC: Entrevista realizada pela Gazeta do Sul à família Solano

Aperfeiçoamento é o atrativo

Régis Dattein Solano, de 14 anos, é um dos estudantes que iniciou suas aulas ontem. Natural de Herveiras, ele decidiu-se pela Escola Família Agrícola para sair do ensino médio pronto para trabalhar. "Sou do campo. Se estudasse em uma escola normal, sairia com diploma, mas não estaria preparado para trabalhar no meio rural. Aqui quero conhecer mais, ver o que é mais viável e depois ajudar meus pais e outros familiares nas propriedades."

Segundo seus pais, Alberi Grasel Solano e Marlice Dattein Solano, a instituição vai possibilitar que o filho se aperfeiçoe em outras culturas, não somente no fumo. Um diferencial considerado importante. O curso tem duração



de três anos e um custo mensal de R\$ 150,00 por aluno. Esse valor vai ser utilizado para custear as despesas como alimentação

e materiais didáticos. A escola mantém parceria com Unisc, Afubra, Sicredi e municípios de sua área de atuação.

Fonte: Jornal Gazeta do Sul, 03 de março de 2009.

Mais de 8 anos de história se passaram, porém antes da fundação da EFASC/AGEFA, muitos desafios foram percorridos, afinal, implantar algo novo numa região, onde as experiências mais próximas eram em outros estados, propiciou muita resistência, persistência e coletividade, pois a EFA se faz no coletivo, trabalho em conjunto, envolvendo os jovens, famílias, associação e monitores onde todos ganham com o processo.

Em relação à Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC), Schneider (2013, p. 8) retrata que:

A Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul RS - EFASC é o resultado de cooperação mútua entre entidades e famílias preocupadas com o futuro dos jovens agricultores; ela tem dentre os seus objetivos a promoção do processo de desenvolvimento sustentável e a justiça ambiental de modo sistêmico e integrado, motivando, capacitando e proporcionando o engajamento das comunidades na busca de melhoria da qualidade ambiental e, conseqüentemente, da qualidade de vida.

Vale ressaltar que o processo de expansão das EFAs começou em 2011 e 2012, pois através de parceiros, simpatizantes e pessoas que tinham interesse ou ouvido falar em EFA ou Pedagogia da Alternância se intensificam os trabalhos realizados pela EFASC. Sendo assim, a expansão começou a ser colocada em prática. Em virtude disso, no ano de 2012 a AGEFA passou a assumir a função de associação estadual agregando novas Escolas Famílias Agrícolas no estado, bem como realizando o papel de assessoria às articulações para criação/fundação de novas EFAs no estado do Rio Grande do Sul (VERGUTZ, 2013).

Após a fundação da EFASC, outras escolas foram implantadas no estado, sendo a Escola Família Agrícola da Serra Gaúcha (EFASERRA) e a Escola Família Agrícola de Vale do Sol (EFASOL) (POZZEBON, 2015).

Mais recentemente foi fundada a Escola Família Agrícola da Região Sul (EFASUL) no ano de 2016, sendo que neste ano de 2017 está havendo um movimento de base na região litoral do estado, onde existe uma possibilidade a longo prazo, para a fundação de uma EFA, sendo a 5ª Escola Família Agrícola no estado.

Para melhor sintetizar, apresenta-se a seguir em forma de figura as representações das EFAs internacionalmente, nacionalmente e em nível estadual.

Figura 05: A estrutura organizativa das EFAs no mundo, Brasil e no estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

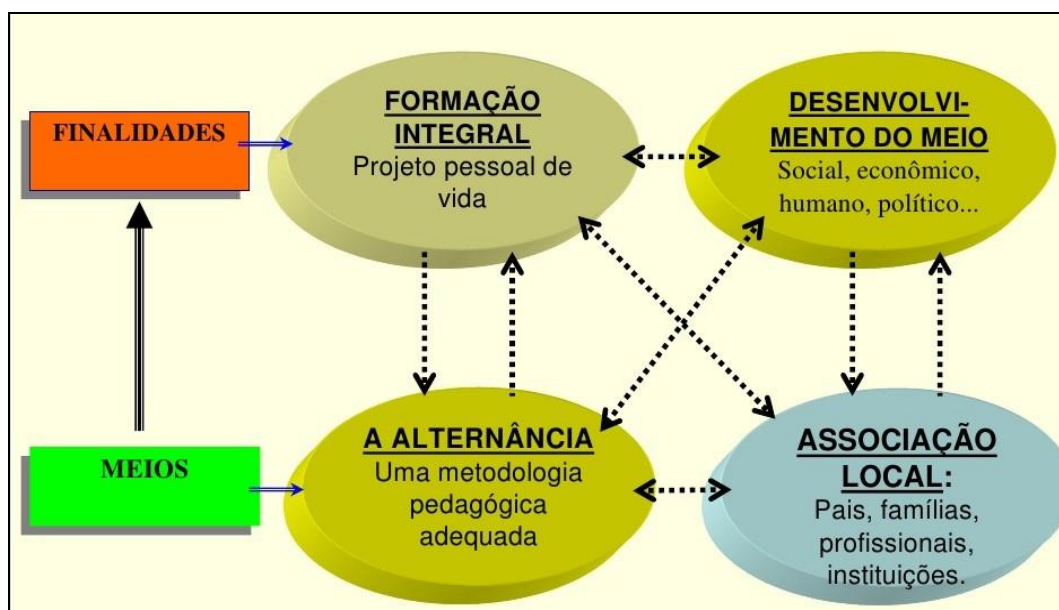
Podemos ver na figura acima o processo que envolve as EFAs, os princípios e objetivos criados a partir das demandas da base (agricultores) e a longa história que existe a mais de 80 anos no mundo e no Brasil há aproximadamente 50 anos e no estado do Rio Grande do Sul, seguindo no modelo de EFAs há 8 anos. Portanto para chegar até aqui foram inúmeros estudos, lutas, resistência e coletividade.

5.4 Os Quatro Pilares: Associação Local, Pedagogia da Alternância, Formação Integral e o Desenvolvimento do Meio

Como já destacado, dentro do movimento CEFFAs se constituiu no plano internacional os quatro pilares, a saber: A Associação Local (constituída por pais, famílias, profissionais, instituições), a Alternância (sendo uma metodologia e seus instrumentos pedagógicos), a Formação Integral (como

projeto pessoal de vida) e o Desenvolvimento do Meio (desenvolvimento social, econômico, humano, político), como demonstra a figura abaixo representando os quatro pilares, bem como seus meios e finalidades:

Figura 6: Os Quatros Pilares do Movimento CEFFAs



Fonte: García-Marirrodriaga; Puig-Calvó (2010, p. 66).

As finalidades do movimento CEFFAs tem como base a formação integral dos jovens, não se tratando simplesmente de cursos de formação profissional com metodologias adequadas, mas de uma visão integral onde o jovem que se forma não é somente um técnico profissional, mas no âmbito intelectual é reflexivo, humano, ético, entre outras dimensões que o conectam ao desenvolvimento com o meio aonde vive. Os CEFFAs fazem com que as pessoas em formação se convertam em atores/agentes de seu próprio desenvolvimento e do desenvolvimento do território no qual estão inseridos.

Dentre os meios que dispõem para conseguir essas finalidades, uma delas é a alternância, sendo uma resposta ao sistema escolar tradicional, pois responde a uma necessidade constante de adequação às realidades e idiossincrasias de cada lugar e de cada jovem. Devido a isso, a alternância deve ocorrer entre a escola e o meio socioprofissional (propriedade), com períodos de aprendizagem, vivência e práticas em cada local, tendo em vista as experiências e o envolvimento de todos os atores da família. Quanto ao princípio da Associação Local, outra finalidade é constituída principalmente

pelas famílias, pais e mães dos jovens estudantes e egressos, além de outras pessoas que se identificam com a causa e aderem aos princípios. Sendo assim, conclui-se que é um processo coletivo causando grande envolvimento entre o jovem, educadores, família, parceiros e a comunidade em geral (GARCÍA-MARIRRODRIGA; PUIG-CALVÓ, 2010).

Segundo VERGUTZ (2012, p. 8):

[...] nas aprendizagens dos sujeitos implicados no processo metodológico da alternância, é oportuno descrever com maior profundidade dois pilares do movimento CEFFAs: a formação integral e a metodologia da Pedagogia da Alternância a fim de problematizar a aprendizagem do sujeito alternante no processo educativo da alternância.

A existência de uma EFA tem por intuito a promoção da formação integral dos filhos e filhas de agricultores familiares, com uma proposta educacional voltada à realidade desses jovens contribuindo à sua formação. Nas EFAs os jovens são capazes de desenvolver ações diferenciadas no campo, não possuindo visões apenas técnicas/produtivas sobre uma propriedade e/ou região, mas desenvolvem ações sociais exercem papéis de lideranças locais e regionais, empreendendo em atividades que possibilitem uma diversificação nas propriedades, bem como trabalhar na geração de renda, sucessão rural e qualidade de vida. O jovem se torna sujeito do processo, a “formação” abre horizontes e oportunidades para que o mesmo possa realizar suas escolhas futuras enquanto cidadão (POZZEBON, 2015).

No entanto, para Scheider (2013, p. 4) “[...] a Escola Família Agrícola está vinculada à cultura que se dá através das relações sociais, do trabalho na terra, tratando o camponês como sujeito social e histórico, promovendo desenvolvimento com solidariedade e economicamente sustentável”. No entanto, para atingir este fim existe uma série de instrumentos pedagógicos utilizados atualmente nas Escolas Famílias Agrícolas e Casas Familiares Rurais (Rede CEFFAs) que, de acordo com Vergutz (2013, p. 98) *apud* De Burgghgrave (2010):

Quadro 2: Descrição dos instrumentos pedagógicos da Alternância aplicados no CEFFAs do Brasil

INSTRUMENTO PEDAGÓGICO	O QUE É
Plano de Estudos	Pesquisa participativa que o jovem aplica em seu meio.
Colocação em Comum	Socialização e sistematização da pesquisa do Plano de Estudos.
Caderno da Realidade	Livro da vida do(a) jovem onde se registra as suas pesquisas e todas as atividades ligadas ao Plano de Estudo nos ciclos das alternâncias.
Viagens e Visitas de Estudos	Uma atividade complementar ao tema do Plano de Estudos. Implica em intercambiar experiências concretas.
Colaborações Externas	São palestras, testemunhos ou cursos complementares ao tema pesquisado pelo PE. Geralmente, são dados por profissionais, lideranças parcerias que colaboram
Cadernos Didáticos	É uma modalidade de "livro didático" elaborado para dar o aprofundamento ao tema do Plano de Estudos.
Estágios	Vivências práticas em meios produtivos, organizações sociais, serviços, empresas em geral.
Atividades de Retorno	Experiências e atividades concretas na família ou comunidade a partir dos Plano de Estudos.
Visitas às famílias e Comunidades	Atividade realizada pelo(as) monitores(as) para conhecer a realidade e acompanhar as famílias e jovens em suas atividades produtivas e sociais. Representa a extensão da CEFFA em seu meio.
Tutoria	Acompanhamento personalizado para motivar os estudos, incentivar as pesquisas, o engajamento social, a integração e vida de grupo, o projeto de vida profissional.
Serões de Estudo	Espaço para debates sobre temas variados e complementares escolhidos junto com os(as) jovens.
Caderno de Acompanhamento da Alternância	Um documento que registra o que é feito na escola e no meio socioprofissional. É um instrumento de comunicação entre a escola-família e família-escola.
Projeto Profissional	O(a) jovem vai amadurecendo ao longo dos anos o que aprende desenvolver no campo da produção, da transformação ou de serviço, bem como continuação dos estudos. No último ano, ele (ela) sistematiza o projeto a partir de um roteiro definido pelo CEFFA e da orientação dada pela equipe de monitores.
Avaliação	As avaliações são contínuas e abrangem aspectos do conhecimento, das habilidades, convivência em grupo, posturas. Todos avaliam e são avaliados.

Fonte: Adaptado DE BURGHGRAVE (2010, p.149-150) *apud* VERGUTZ (2013, p. 98).

O Desenvolvimento do Meio, além de ser um dos pilares da rede CEFFAs como relatado anteriormente é consequência dos instrumentos pedagógicos que compõem o processo educativo, onde o jovem é sujeito e também protagonista, pois através dos instrumentos pedagógicos da Pedagogia da Alternância são capazes de mudar e/ou transformar o espaço de vivência junto à sua família, sendo este o Desenvolvimento Rural local e, conseqüentemente regional que se almeja. De acordo com COSTA (2012, p. 154):

[...] os CEFFAs têm como finalidade na sua formação o Desenvolvimento do Meio, pois esse meio pode ser inicialmente a sua família, muitas vezes um dos entrepostos mais complicados a ser superado pelos jovens. A EFA parte desse princípio inicial, o desenvolvimento do meio. Que só pode ser mudado, questionado e/ou ressignificado se o jovem se enxergar como parte "viva", com capacidade de atuar nesse espaço, interagindo com os demais componentes dessa célula social, valorizando os saberes locais e envolvendo as pessoas no seu processo de aprendizagem.

Como menciona Costa (2012), o desenvolvimento do meio é algo primordial na EFA pelo fato do ensino ser contextualizado e voltado à realidade do jovem, pois o mesmo pesquisa sua realidade (família, propriedade, comunidade) e na escola realiza a reflexão e volta para casa com a proposta de novas ações, procurando melhorar e desenvolver algo a partir de sua realidade.

Segundo Pozzebon (2015, p. 26) “[...] o ser sujeito vem pela reflexão sobre seu ambiente concreto: quanto mais se reflete sobre a realidade, sobre as situações concretas, mais o sujeito se tornaria progressiva e gradualmente consciente, comprometido a intervir na realidade para mudá-la”.

No entanto, podemos ter um panorama geral sobre a Pedagogia da Alternância, onde a mesma possui um histórico sendo criada por uma necessidade para melhor atender os jovens filhos e filhas de agricultores. Portanto, no próximo capítulo iremos aprofundar um pouco mais a temática da Pedagogia da Alternância, em especial, apresentando o caso da EFASOL em Vale do Sol.

6 A FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO LOCAL DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL (AEFASOL) E O INÍCIO DAS ATIVIDADES ESCOLARES NA EFASOL

Um sonho que se sonha só,
é apenas um sonho,
mas sonho que se sonha junto
é realidade.
(RAUL SEIXAS, letra de música)

Neste segundo capítulo da análise trataremos de uma história construída por várias mãos e por vários dias, meses e anos. Com a vinda da Escola Família Agrícola em 2009 para o Rio Grande do Sul (EFASC), onde com o passar do tempo outras regiões passaram a conhecer a metodologia utilizada, os resultados que surgiram e a necessidade do processo de expansão das escolas pautou-se como uma das alternativas à redução do êxodo rural. No entanto, as EFAs pelo estado a fora começaram a se expandir, sendo um ponto extremamente positivo para todos.

A seguir apresenta-se o processo histórico que originou uma destas escolas no Rio Grande do Sul: a EFASOL.

6.1 Breve contexto do Vale do Rio Pardo e a justificativa para ter uma Escola Família Agrícola no município de Vale do Sol, RS

Inicialmente se faz necessário apresentar uma rápida contextualização da região onde está inserida a EFASOL. De acordo com a Fundação de Economia e Estatística (FEE, 2015), o COREDE Vale do Rio Pardo é composto atualmente por 23 municípios¹⁸ com uma população total de 435.550 habitantes em uma área de 13.171,7km².

Gomes (2014) destaca que a profunda integração da agricultura familiar com o setor do tabaco se apresenta como um exemplo interessante a ser estudando, pois o sistema integrado do cultivo do tabaco na região vem sendo desenvolvido há quase um século. Nesse sistema as empresas do setor realizam contratos com os agricultores e fornecem aos produtores o pacote

¹⁸ Arroio do Tigre, Boqueirão do Leão, Candelária, Encruzilhada do Sul, Estrela Velha, General Câmara, Herveiras, Ibarama, Lagoa Bonita do Sul, Mato Leitão, Pantano Grande, Passa Sete, Passo do Sobrado, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, Segredo, Sinimbu, Sobradinho, Tunas, Vale do Sol, Vale Verde, Venâncio Aires e Vera Cruz.

tecnológico para a produção, como: sementes, adubos, assistência técnica especializada e todo o atendimento necessário para desenvolver a atividade, onde o agricultor adquire o pacote, realiza o plantio, utiliza sua mão de obra e de sua família, além da infraestrutura e do solo disponibilizados para o plantio e tem como garantia a compra da produção pela empresa.

Figura 07: Municípios do Rio Grande do Sul que fazem parte do Vale do Rio Pardo (VRP)



Fonte: Arranjos Produtivo Local (APL-VRP), 2017.

Dos 23 municípios destacados acima, em absolutamente todos o cultivo do tabaco é existente em um modelo produtivo onde o agricultor fica dependente deste sistema, ou seja, através desse modelo conhecido como sistema integrado do tabaco, o agricultor não possui autonomia sobre sua produção, pois a produção tem mercado garantido, porém preço não. Portanto, o agricultor não tem autonomia de negociar preço sobre o seu produto muito menos pelos insumos, infraestrutura, máquinas e equipamentos necessários para a realização do plantio, resumindo o agricultor “põe preço em nada”. Além

disso, utiliza grandes pacotes tecnológicos para o cultivo trazendo riscos econômicos, sociais e ambientais na utilização desses produtos, neste sentido Redin (2010) traz que nesse sistema não existe nenhuma flexibilização para uma ação independente do agricultor produtor de tabaco, seja nas práticas de cultivo, padrões do armazenamento, condições da comercialização e preço pago pelo produto, requisitos sobre a qualidade do produto final, entre outras questões. Todas as etapas do processo, com raríssimas exceções são rigorosamente geridas pelas empresas.

Vargas e Oliveira (2012) trazem que o Vale do Rio pardo representa importante elo na indústria do tabaco no Brasil representando cerca de 20% da produção nacional, de acordo com dados do IBGE (2007). Sustenta nesse caso uma extensa rede podendo ser chamada de sistema integrado que liga os agricultores até as empresas que são transnacionais. Grande parte dos municípios desta região (figura destacada acima) integram-se a esse modelo produtivo substancialmente dependente das atividades associadas ao tabaco e aos setores que ligam a produção, criando barreias consideráveis para a substituição ou agregação de outras culturas a esse setor.

Esta alta taxa de dependência pode ser analisada pelo peso da produção do fumo na composição do Valor Agregado da agricultura regional, conforme trazem Vargas e Oliveira (2012), que em 2007 o tabaco respondia por 66,4% do Valor Bruto da produção agrícola da região sendo que, para alguns municípios, sua participação sobre o valor da produção tão elevada chegando a mais de 90%, Vera Cruz, RS, por exemplo, chegou em 79,5%.

Neste caso a importância da diversificação produtiva é hoje fundamental no contexto da agricultura familiar, como retrata Vargas e Oliveira (2012, p. 18):

Em primeiro lugar, considera-se que qualquer iniciativa específica de diversificação deve estar inserida em programas amplos de desenvolvimento rural, particularmente nas regiões/municípios que têm alta dependência em relação ao fumo. O estudo de casos brasileiros evidencia que os esforços para estimular a substituição de cultura têm sido relacionados à identificação de novos canais de distribuição e a oportunidades para agregar valor às culturas alternativas de alimentos. Além do potencial de geração de renda, é importante também levar em conta a segurança e a estabilidade para a produção e a comercialização, as condições de reprodução da família, as condições de saúde e bem-estar da família, entre outras variáveis.

Outra questão a ser levada em consideração, o outro “gargalo” na região é o da diversificação produtiva e conseqüentemente a sucessão rural que leva ao debate sobre a educação que tem grande potencial de transformar e/ou mudar uma realidade. Neste sentido, a educação a partir do acesso à informação e propriamente uma educação de acordo com a realidade do sujeito construída junto à realidade, com a participação da família e da comunidade. Assim o sujeito se torna pertencente ao espaço de vivência e o campo começa a ter significado reduzindo o êxodo rural da juventude (TEIXEIRA, 2013).

Sobre o êxodo rural, vale destacar que não é um problema apenas regional, mas estadual e nacional, como destaca Camarano e Abramovay (1999, p. 6):

A importância do êxodo rural é confirmada quando se examinam os dados dos últimos 50 anos: desde 1950, a cada 10 anos, um em cada três brasileiros vivendo no meio rural opta pela emigração. Os anos 90 não arrefeceram em muito esta tendência: se as taxas de evasão do meio rural observadas entre 1990 e 1995 persistirem pelo restante da década, quase 30% dos brasileiros que então viviam no campo em 1990 terão mudado seu local de residência na virada do milênio.

Sobretudo, o êxodo rural jovem e também feminino é muito recorrente, pois o jovem e a jovem para conseguirem estudar necessitam sair de casa e ir para os centros urbanos, criando-se assim uma visão de atraso sobre o campo, pois até para estudar o jovem necessita sair de casa, além de seu ensino não ser de acordo com o seu contexto social como já colocado.

No caso das mulheres jovens, é comum se ouvir: “mulher é para serviço leve, não pode pegar no pesado na roça” reforçando que mulher deve sair do campo, pois o serviço é muito penoso, onde somente o homem é capaz de fazer, impulsionando assim a masculinização do campo, conforme traz Camarano e Abramovay (2009). Cabe salientar que em 1950 havia mais moças que rapazes jovens (de 15 a 19 anos) no meio rural brasileiro. Já em 1960 esta proporção praticamente foi a mesma, porém houve um aumento nessa década do predomínio populacional dos rapazes, onde em 1996 o número de rapazes ultrapassou o das mulheres chegando em 14% a mais.

Em conversa com o professor Ireno Finkler¹⁹ pessoa que foi fundamental para a vinda da 3º EFA do estado para o município de Vale do Sol, coloca que a justificativa de ter uma EFA em Vale do Sol é devido o município e também a região ser extremamente agrícola, especificamente Vale do Sol. Para ele, a vinda de uma escola que segue a metodologia da Pedagogia da Alternância e seus instrumentos seria importante ao município.

Ireno destaca que um dos fatores mais marcantes para a vinda da EFASOL para o município foi propriamente a EFASC, pois o Vale do Sol foi parceiro da EFASC com ajuda financeira e com transporte para os jovens estudarem na instituição. Visto isso, as entidades locais, famílias e a comunidade em geral começaram a ver os diferenciais nesses jovens, suas inserções na comunidade e as atividades que vinham desenvolvendo em suas propriedades. Pozzebon (2015) destaca que esses diferenciais vem pelo motivo das EFAs trabalharem com uma educação contextualizada, com o princípio de envolver o jovem, mas também sua família considerando a mesma como conformadora ativa no processo.

Assim, começaram a cogitar mais uma EFA na região devido à percepção do diferencial dos estudantes que estavam em formação na EFASC, analisando o contexto do Vale do Rio Pardo, a importância da diversificação no município e região, o poder público local vendo ser viável a iniciativa começou a se viabilizar a criação de uma EFA em Vale do Sol.

Portanto, em 2011 se iniciaram as primeiras articulações sobre a possibilidade de uma EFA no município. Ireno destaca que à época havia uma estrutura de grande porte que possibilitaria a EFA se instalar nesse espaço, onde foi criada uma comissão Pró-EFA Vale do Sol formada por professores, representantes de entidades públicas e privadas, pais de estudantes e demais grupos organizados, a fim de realizar um estudo sobre a viabilidade de uma EFA no município. Portanto, apresenta-se a seguir algumas matérias publicadas em um jornal local sobre os primeiros indícios da EFASOL.

¹⁹ Professor aposentado, residente em Vale do Sol que participou da comissão de emancipação do município e é sócio fundador da Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol (AEFASOL).

Figura 08: Coluna Folha Vale do Sol: Dia do Colono e Motorista, retratando o início da colonização do município e o surgimento de uma possibilidade de uma EFA em Vale do Sol.



Fonte: Arquivo Jornal Folha do Vale do Sol, 22 de julho de 2011.

Figura 09: Capa Jornal Folha Vale do Sol: Reunião discute criação de escola Técnica em Formosa



Fonte: Arquivo Jornal Folha do Vale do Sol, 05 de agosto de 2011.

Podemos ver que os primeiros passos para viabilizar uma EFA em Vale do Sol se iniciaram no segundo semestre de 2011. Diante disso vale destacar um ponto positivo na participação das famílias e da comunidade nessa articulação, onde Costa (2012) retrata que os CEFFAs vinculam práticas pedagógicas para a educação do campo, envolvendo os jovens, as famílias e as comunidades no processo de ensino-aprendizagem possibilitado que o jovem compreenda o espaço onde ele vive, enquanto cidadão inserido dentro da comunidade.

De acordo com a matéria publicada acima, a Secretária de Educação do município Dagma Seibert destaca que o município havia investido mais de R\$1.500.000,00 em um prédio de grande porte, que mesmo não finalizado teria capacidade de abrigar 800 estudantes, porém toda a rede municipal tinha pouco mais de 1.000 estudantes no total. Devido a isso, os estudantes da escola São João Batista (próxima ao referido prédio) iriam ser transferidos para esse novo espaço, mas ainda assim teria muito espaço vago a ser ocupado. O executivo tinha como proposta em médio prazo uma escola técnica para os estudantes de Ensino Médio.

Analisando esse contexto vemos que o poder público municipal (executivo) estava oferecendo grande apoio à criação da EFA, algo fundamental no processo, mas analisando com outro olhar pode-se destacar também que o próprio executivo queria dar uma finalidade a este prédio, pois como mencionado acima, havia capacidade para 800 alunos e a rede municipal tinha pouco mais de 1.000 alunos. Então ter o funcionamento de uma escola técnica nesse espaço seria uma estratégia de utilização do mesmo.

Dando continuidade ao processo houve diversas reuniões da comissão Pró-EFA Vale do Sol, onde uma das atividades a serem feitas era a realização de uma pesquisa sobre a implantação da EFA no município. No entanto, a comissão tinha como objetivo formular a pesquisa para ir a campo em seguida, destaca Ireno.

De acordo com a pauta da reunião Pró-EFA Vale do Sol do dia 13 de setembro de 2011 realizada no ginásio da comunidade de Linha Formosa, teve como tratativas os passos para a realização da pesquisa sobre a implantação ou não de uma EFA na comunidade/município.

O objetivo desta pesquisa era justamente para divulgar a proposta e estimular a reflexão sobre a implantação da EFA realizando um levantamento de demanda, interesses no apoio e parcerias e determinar a importância ou não de haver uma EFA no município. Abaixo algumas figuras das reuniões Pró-EFA Vale do Sol.

Figura 10 e 11: Reuniões da comissão Pró-EFA Vale do Sol



Fonte: Arquivos da Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas – AGEFA, 2011.

De acordo as bases documentais arquivadas na AGEFA, a pesquisa teve como público-alvo os estudantes das séries finais da rede municipal e estadual do município e as famílias do município de Vale do Sol e parte de Sinimbu, Herveiras e Vera Cruz. Em ambos os casos foi elaborado um questionário, no caso dos estudantes o mesmo foi aplicado nas escolas e os das famílias pelos Agentes Comunitários de Saúde, a Empresa Indústria de Tabacos e Agropecuária (INTAB Ltda.) através dos orientadores agrícolas e jovens estudantes da EFASC. Essa pesquisa foi realizada no mês de outubro de 2011 chegando a entrevistar 442 alunos. Abaixo segue alguns dados coletados com os estudantes:

Quadro 3: Pesquisa com os estudantes (422 jovens) da rede municipal e estadual

Enfoque	Sim	Não	Não sabem/não responderam
Pretendem permanecer na agricultura	48%	49%	3%
Você gostaria de estudar numa EFA	65%	32%	3%
Você apoiaria a criação de uma EFA ²⁰	97%	2%	1%

Fonte: Arquivos da Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas – AGEFA, 2011.

Interessante destacar do quadro acima que 97% dos estudantes das séries finais no município apoiaram a criação de uma EFA, pois vislumbravam a vinda de mais oportunidades para o desenvolvimento do município, aprender “coisas” novas, para o jovem se interessar pelo meio rural, entre outras justificativas que foram destacadas nas pesquisas.

Já as pesquisas realizadas com as famílias a campo, num total de 491 famílias entrevistadas, os principais pontos seguem destacados no quadro abaixo:

Quadro 4: Pesquisa com 491 famílias do município de Vale do Sol e parte de Herveiras, Sinimbu e Vera Cruz

Enfoque	Sim	Não	Não sabem/não responderam
Você incentivaria seu filho (a) a permanecer na agricultura	78%	22%	0%
Você apoiaria a criação de uma EFA ²¹	97%	2%	1%

Fonte: Arquivos da Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas – AGEFA, 2011.

Além destas questões, também foi solicitado aos entrevistados para destacarem sobre quais as maiores necessidades do meio rural atualmente, onde a permanência dos jovens no meio rural, investimentos em Educação do Campo e a garantia de comercialização dos produtos foram a mais levantadas de acordo com a pesquisa.

²⁰ Além disso, segundo a pesquisa 60% dos estudantes acham muito importante a criação de uma EFA.

²¹ Nesse caso, segundo a pesquisa 66% das famílias entrevistadas acham muito importante a criação de uma EFA.

Pesquisa realizada, grande público participante, dados importantíssimos, chega o momento de analisar e ver quais caminhos perpetuar. Percebe-se claramente os pontos positivos e que a comunidade em geral quer uma EFA em Vale do Sol, portanto, no dia 10 de novembro de 2011, no Ginásio da comunidade de Linha Formosa, foi realizado o Encontro para apresentação dos dados e como proposta de implantação de uma Escola Família Agrícola em Vale do Sol, como ilustram as imagens abaixo:

Figura 12 e 13: Reunião sobre a implementação de uma EFA em Vale do Sol



Fonte: Arquivos da Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas – AGEFA, 2011.

Momento este que, após a apresentação da pesquisa realizada sobre a viabilidade de uma EFA, a comunidade deu o aval oficial: “queremos uma EFA em Vale do Sol”. Esse processo foi fundamental para a implantação da EFA, pois ela deve partir da base, do interesse da comunidade e região, pois uma EFA é de todos, não de uma empresa, da prefeitura, ou do presidente da comunidade, e sim das famílias e todos os que compõem e lutam pela educação voltada aos jovens do campo. Segundo Costa (2012, p.126) nas EFAs:

Não há donos/proprietários e sim famílias/pessoas integradas pelo processo formativo da Alternância, que devem definir os caminhos seguidos pela EFA, pois “no caso dos CEFFA, essas pessoas – principalmente as famílias – que têm um patrimônio próprio – social cultural etc. – se unem para obter uma finalidade definida - a educação dos filhos, que lhes permita construir um futuro melhor. Eles descobrem que sozinhos individualmente não podem, e que juntos, superando dificuldades e obstáculos de todo tipo, conseguem atingir as metas pretendidas

Portanto, após a justificativa e o porquê da comunidade querer uma EFA em Vale do Sol vem os próximos passos, que são a formação da Associação Local, um dos pilares já destacados como fundamentais para o funcionamento de uma EFA que iremos ver a seguir.

6.2 Criação da Associação Local e o início das Atividades na Escola Família Agrícola de Vale do Sol (EFASOL)

Grandes momentos históricos e marcantes passados até então e neste momento se inicia outra caminhada: A fundação da Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol (AEFASOL). Após as atividades desenvolvidas pela comissão Pró-EFA Vale do Sol e a região querer uma EFA no município, o primeiro passo a ser dado foi a criação da associação local, que segundo García-Marirrodriaga e Puig-Calvó (2010, p. 65) “A Associação Local é constituída principalmente por famílias, junto às outras pessoas que aderem a seus princípios, e que são os gestores do projeto, os atores de seu próprio desenvolvimento”.

Portanto, no dia 1º de maio de 2012 foi realizada a Assembleia de fundação da Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol, conforme mostra algumas matérias de jornais de circulação na região.

Figura 14: Outro marco histórico das EFAs no RS: A criação da AEFASOL

Município cria Associação para a Escola Família Agrícola

Um momento histórico marca o dia 1º de maio de 2012. Foi nesta data, que ocorreu a fundação e a eleição da primeira diretoria da Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol (Aefasol). A assembleia aconteceu nas dependências da São João Batista, de Formosa, que deve se tornar a futura sede da escola técnica do Município.

A reunião contou com a participação de pais e alunos que já cursam a Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC), de produtores rurais, e representantes de entidades que trabalham com a agricultura familiar, bem como do Executivo e Legislativo municipal, professores e lideranças locais.

Na ocasião, foram eleitas 12 pessoas para compor a diretoria e o Conselho Administrativo da Associação, do qual pelo menos 60% deveriam ser agricultores. Também foram escolhidas mais seis pessoas para fazerem parte do Conselho Fiscal. O aluno em estágio pela EFASC, Emerson Rech e a professora Cíntia Kern, fizeram a leitura do estatuto, aprovado por todos.

A ideia é que a escola entre em funcionamento a partir de 2013, nos mesmos moldes da EFASC, com regime de alternância e, inicialmente com abrangência local. As tratativas já começaram em agosto do ano passado. Desde lá, ocorreram vários encontros. Rosmar Kretzmann, eleito o primeiro presidente da Aefasol, fez um histórico da trajetória e explicou que 97% das famílias aprovaram

a ideia da criação de uma EFA local, por meio de uma pesquisa prévia realizada no Município. A proposta é que a entidade ligada a Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas (Agefa) e a União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB), gerenciem os caminhos para a fundação da segunda EFA do Rio Grande do Sul.

Inicialmente, a escola deve começar com 25 alunos, que serão selecionados a partir de entrevistas. O requisito é que sejam filhos de produtores rurais. "Estamos muito felizes em acompanhar este momento histórico no Rio Grande do Sul, que é a criação de uma EFA local", disse o diretor da EFASC, Adair Pozzebon. Ele também fala da necessidade de se ter uma escola técnica: "Num Município onde 86% das pessoas moram no meio rural, e onde mais de 400 jovens estão aptos a entrar na escola, precisamos de uma educação voltada aos filhos dos agricultores", salientou.

Para o prefeito Clécio Halmenschlager, este é um momento para celebrar. "Se queremos melhorar a agricultura, precisamos investir na educação", comenta.

Com esta assembleia, agora será a Associação que dará continuidade a implantação da EFA em Vale do Sol.

Assembleia ocorreu no feriado, dia 1º de maio

Diretoria eleita

Integrantes

Diretoria
 Presidente: Rosmar Kretzmann
 Vice-presidente: Sandor Rick
 Secretário: Ireno Finkler
 2º secretário: Maiara Werner
 Tesoureiro: Emerson Rech
 Suplente: Vera Lucia Brandt

Conselho Administrativo: Gerson Morsch, Isidoro Landskren, Ubirajara de Almeida, Ricardo Kretzmann, Luis Rogério Boemeke e Clóvis Rech.

Conselho Fiscal: Joice Rejane Schwantz, Carlos Leandro Zahn e Néverton Fischborn. Suplentes: Marcell Arend, Leoni Werner e Wilson Vitalles.

Fonte: Arquivo Jornal Folha do Vale do Sol, 04 de maio de 2012.

Neste dia foi se deu a fundação e a eleição da primeira diretoria da AEFASOL, que de segundo Finkler (2012) ficou composta pelos membros: Presidente: Rosmar Kretzmann; Vice-presidente: Sandor Luís Rick; Secretário: Ireno Finkler; Vice-secretário: Maiara Werner; Tesoureiro: Emerson Luís Rech; Vice-tesoureiro: Vera Lúcia Brandt; Membros do Conselho Administrativo: Gerson Morsch, Isidoro Landskren, Ubirajara de Almeida, Ricardo Kretzmann, Luis Rogério Boemeke e Clóvis Rech; Membros do Conselho Fiscal: Joice Rejane Schwantz, Carlos Leandro Zahn e Néverton Fischborn. Suplentes: Marcell Arend, Leoni Werner e Wilson Vitalles.

Neste dia, de acordo com o livro de Atas da AEFASOL estiveram presentes 117 pessoas. Com a fundação da Associação Local agora os próximos passos foram dar continuidade às questões referentes à implantação da EFA, onde a próxima reunião ocorreu em 15 de junho de 2012 e teve como proposta o seguimento do processo, de onde seria instalada a parte de

alojamentos, áreas experimentais, bem como a busca de recursos financeiros, realização da tramitação burocrática para o registro do curso junto ao Conselho de Educação, entre outras funções.

Ireno Finkler destaca que o processo da fundação da AEFASOL até a escola entrar em atividades levou quase 2 anos, pois inicialmente a escola iria se instalar no prédio como já mencionado, porém devido à falta de alojamentos, cozinha, refeitório e propriamente área experimental o projeto começou a se inviabilizar. Ele diz: “tínhamos ideia de comprar uma área de 14 hectares próximo a Escola São João Batista, tinha casa de moradia, espaço grande, fomos atrás de parcerias nas empresas, não conseguimos dinheiro, fomos na prefeitura, também não, então havia a 3º opção ainda, que era a Brizoleta²², a escola José de Anchieta, que na época tinha poucos estudantes, 28 mas que em 2014 teria somente 18, aí esses estudantes foram transferidos pra São João Batista, pois é pertinho, uns 200 metros, pra abrir a EFASOL ali, então a José de Anchieta não fechou, e sim reabriu uma escola do campo ali.”

No entanto, a proposta era que na Brizoleta iriam funcionar espaços como dormitórios, área agrícola, refeitório, secretaria entre outras atividades, mas que a EFASOL também iria utilizar a infraestrutura da Escola Municipal de Ensino Fundamental São João Batista, como salas de aula, auditórios, laboratórios, quadras de esporte, campo de futebol e biblioteca.

Podemos ver que, aos poucos, as situações foram melhorando. A proposta para o início do funcionamento da EFASOL era para ser em 2013, mas em função da conjuntura financeira a associação definiu em iniciar em 2014 havendo um período maior para a formação de grupo inicial dos professores, reformas nos espaços de funcionamento da escola, busca de orçamento e de estudantes, o que foi um grande desafio segundo Ireno.

Para a formação da primeira turma, a proposta inicial era de 25 estudantes. Houve grande mobilização das rádios regionais, jornais locais e regionais divulgando que a EFASOL estava com as inscrições abertas. No entanto, houve baixa procura e se iniciou outro processo na busca de jovens, fato estranho podemos dizer, pois na pesquisa havia grande número de jovens interessados a estudar, mas no período das inscrições houve poucos jovens

²² Escola construída em 1962 na comunidade de Linha Formosa, na época Leonel Brizola foi o governador do estado

destaca Ireno. Possivelmente as questões políticas locais e o fato de ser “algo novo” gerou resistência inicial.

No entanto se iniciam os preparativos da inauguração da EFASOL no dia 10 e março de 2014 como retrata o livro de atas da AEFASOL (2014), com diversos parceiros das esferas pública e privada, mas também das famílias que na época foram grandes apoiadoras. A escola iria funcionar utilizando partes das dependências da Escola São João Batista, com a utilização de salas de aula, auditório, laboratórios de química e física, além do campo de futebol e o ginásio de esportes da comunidade ao lado, enquanto os alojamentos com quartos e banheiros, secretaria, áreas experimentais, refeitório e demais espaços necessários seriam utilizados nas dependências da Brizoleta.

Abaixo o convite que circulou regionalmente para o ato de inauguração da EFASOL no município de Vale do Sol, no dia 10 de março de 2014:

Figura 15: Convite de inauguração da EFASOL



Fonte: Arquivos AGEFA e EFASOL, 2014.

Em relação aos números da EFASOL, a turma iria iniciar o ano letivo com 24 jovens filhos e filhas de agricultores da região, sendo estes 16 oriundos no município de Vale do Sol, 2 de Lagoa Bonita do Sul, 2 de Sinimbu e 1 de Tunas, um de Candelária e um de Cachoeira do Sul, totalizando então os 24 estudantes de 6 municípios da região. Para dar conta das questões pedagógicas e institucionais havia 9 professores e monitores para dar seguimento às atividades necessárias.

A seguir, uma matéria local sobre a inauguração da EFASOL dia 10 de março de 2014:

Figura 16: Momento importante das EFAs no Brasil e no Rio Grande do Sul: Inauguração da Escola Família Agrícola de Vale do Sol – EFASOL em Linha Formosa, Vale do Sol/RS

REGIONAL | TERÇA-FEIRA | 13

Gazeta do Sul

VALE DO SOL ■ Inauguração da Escola Família Agrícola na localidade de Linha Formosa aconteceu ontem após quase três anos de luta

Escola fortalece ensino para o campo

Otto Tesche

otto@gazetadosul.com.br

Um grupo de 26 jovens dos municípios de Vale do Sol, Sinimbu, Lagoa Bonita do Sul, Candelária, Tunas, Rio Pardo e Cachoeira do Sul começou a dar ontem os primeiros passos para garantir o desenvolvimento das propriedades rurais das suas famílias. A inauguração da Escola Família Agrícola de Vale do Sol (Efascal) ocorreu na manhã de ontem nas dependências da Escola Municipal de Ensino Fundamental São João Batista, em Linha Formosa, quase três anos após o lançamento da ideia de criar no município um estabelecimento de ensino com a pedagogia da alternância para atuar na formação de jovens do campo.

Os alunos participaram durante três anos das atividades de formação do ensino médio, alterando uma semana no ambiente escolar e outra na família, aplicando os conhecimentos na propriedade. Depois, realizaram mais meio ano de estágio para a conclusão do ensino técnico em agricultura. As quatro colunas na entrada do prédio da Escola São João Batista mostraram na manhã de ontem aos participantes da inauguração os quatro pilares da escola: associação familiar agrícola; associação local; pedagogia da alternância; formação integral e desenvolvimento do meio rural.

A nova escola conta com nove professores/monitores, com a coordenação institucional de Diego Teixeira de Oliveira e a coordenação pedagógica de Ismael Gomes, em um processo de gestão compartilhada. Para obter a autorização para o início das atividades pelo Conselho Estadual de Educação, a Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol (Aefasol), mantenedora da Efascal, por meio de recursos obti-



■ Desentace da fita marcou início oficial das atividades da Efascal

dos com rifas, doações e ajuda da Prefeitura de Vale do Sol fez a instalação do laboratório de Ciências e da biblioteca.

Os alunos da Efascal dividirão o espaço com os estudantes matriculados na Escola São João Batista. A construção do prédio ocorreu em várias etapas entre 2006 e 2012, com investimento superior a R\$ 2 milhões. Conforme o prefeito Clécio Halmenschlager, o projeto original prevê a instalação de mais um bloco, com capacidade total para 800 alunos. A moradia dos estudantes da escola agrícola ficará a 219 metros do local das aulas, no prédio da Escola Estadual José de Anchieta.

As atividades da escola contam com a parceria das prefeituras da região, com a concessão de bolsas de estudos, do Sicedri, Sindicato Interdistrital da Indústria do Tabaco (Sinditabaco), Associação dos Fumicultores do Brasil (Afuabr), Intab e 6ª Coordenadoria Regional de Educação. Durante a solenidade de ontem, a direção da empresa Intab repassou as chaves de um veículo à coordenação da escola para viabilizar a visitação às famílias dos alunos dentro do processo pedagógico do estabelecimento de ensino.

Trajatória

Durante a solenidade de inauguração na manhã de ontem houve a apresentação da retrospectiva com a caminhada para a criação da escola, que começou em uma reunião no dia 3 de agosto de 2011 com a formação da Comissão Pró-Efascal. Depois houve a aplicação de uma pesquisa no município para verificar o interesse de pais e alunos no modelo de ensino. Em 1º de maio de 2012 ocorreu a fundação da Aefasol, mantenedora da Efascal, com a escolha do conselho administrativo, responsável por viabilizar a implantação da escola. O último passo para tornar realidade a ideia ocorreu em 15 de janeiro deste ano, quando o Conselho Estadual de Educação aprovou o início das atividades de ensino.



■ Primeira turma conta com 26 estudantes e nove professores

Jovens buscam melhorar a vida na área rural

Com a ideia de buscar técnicas para tornar a vida mais fácil na agricultura, Jeferson Müller, de 17 anos, está entre os 26 alunos da primeira turma da Efascal. Depois de percorrer o trecho entre a localidade de Formosa e a cidade de Vale do Sol de ônibus para estudar da 5ª a 8ª série na Escola Estadual Guilherme Fischer, ele agora terá a oportunidade de aplicar os conhecimentos na prática na propriedade de 7,5 hectares da família. Os pais cultivam tabaco e milho e mantêm outras atividades para a subsistência. Jeferson conheceu o funcionamento da escola através de outros jovens do município que estudaram na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (Efasc). Vários deles agora vão levar a sua experiência à escola de Vale do Sol.

O sonho de se formar em técnica agrícola começou a virar realidade para Carla Tamires Machado, 14 anos, depois que integrantes da Efascal foram a Lagoa Bonita do Sul e explicaram a metodologia de ensino da escola. Natural da localidade de Linha Melchior, Carla estudou até a 8ª série na Escola Estadual de Ensino Médio José Luchese. A mãe é agente de saúde e o pai cultiva tabaco e soja em aproximadamente 60 hectares, incluindo a área arrendada. Carla afirma que pretende ajudar no desenvolvimento das pequenas propriedades.

Também de Lagoa Bonita do Sul, Clara Drescher, 14 anos, foi convencida pela colega Carla a estudar na Efascal. Afirma que pretende ajudar os pais na propriedade com os conhecimentos que irá adquirir com o curso. Entre os estudantes matriculados na primeira turma, 19 são procedentes de diversas localidades de Vale do Sol e os demais de Lagoa Bonita do Sul, Sinimbu, Tunas, Candelária, Rio Pardo e Cachoeira do Sul. O coordenador insti-



■ Carla e Clara: escola diferente para o conhecimento técnico



■ Müller: obter novas técnicas

tucional, Diego Teixeira de Oliveira, afirma que a ideia é trabalhar sempre com grupos com cerca de 30 jovens.

O presidente do conselho administrativo da Aefasol, Rosmar Kretzmann, destacou que as famílias dos alunos automaticamente se tornaram sócias da associação. "A família terá o compromisso de gerenciar a escola. Por isso, é importante que cada família faça a sua parte", disse. Morador da localidade de Fontoura Xavier, a 30 quilômetros da cidade, Kretzmann tem um filho que estudou na Efascal. Por isso, lembrou que um dia foi à Câmara de Vereadores defender a ajuda do município aos alunos e comentou sobre a possibilidade de Vale do Sol um dia ter uma Escola Família Agrícola, sem imaginar que isso agora se tornasse realidade.

O prefeito Clécio Halmenschlager observou que enquanto no Rio Grande do Sul a média da população que vive no meio rural é de 18%, em Vale do Sol o índice chega a 80%, graças a agricultura forte sustentada pela produção de tabaco. Destacou que a Efascal é importante para a intro-

dução de novas alternativas de renda nas propriedades rurais. A solenidade de ontem contou com a participação de alunos e coordenadores da Efascal, do presidente da Associação Gatcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas (Agefaf), Elton Roberto Hein, representantes das entidades parceiras, dos deputados estaduais Marcelo Moraes (PTB) e Altimir Tortelli (PT) e do deputado federal Sérgio Moraes (PTB), além de moradores da localidade. ■

Fonte: Jornal Gazeta do Sul, 11 de março de 2014.

Diante disso, deu-se início às atividades da EFASOL, um processo longo, árduo, de persistência, luta e resistência, que praticamente resultou em 950 dias após a primeira reunião (02 de agosto de 2011) até a inauguração (10 de março de 2014).

Já na primeira turma ingressaram 24 jovens filhos e filhas de agricultores da região que iniciaram essa “empreitada” de desafios ao serem os pioneiros da EFASOL, abrindo caminhos e novos horizontes para a juventude do campo. Portanto no dia 17 de fevereiro de 2014 houve o primeiro contato com as famílias, para justamente destacar que esse momento era histórico para a EFASOL.

Figura 17: Primeira formação com os jovens e suas famílias



Fonte: Arquivos EFASOL, 2014.

Então se inicia o ano de 2014 com muitas perspectivas para a EFASOL, onde esse pioneirismo é algo importante e simbólico para a história da escola. Nesse início houve grandes dificuldades, conforme traz Ismael Gomes, monitor e da Coordenação da EFASOL, pois havia certa precariedade na infraestrutura geral, com inúmeras dificuldades financeiras que através do passar dos meses foram se “ajeitando” para dar segmento nas atividades.

Diante disso, em 2015 entra uma nova turma da EFASOL, jovens estes também filhos e filhas de agricultores familiares na região que optaram em estudar vinculando os espaços através da alternância, onde destaca Vergutz (2013, p. 42):

Percebo que são jovens agricultores e agricultoras que buscam nesta escola uma formação escolar dupla (ensino médio e técnico) vinculada à possibilidade de evitar o distanciamento da propriedade familiar. Para isso, apostam na especificidade da proposta metodológica da alternância já que se quisessem estudar para ter uma formação média e técnica agrícola, teriam que sair, da propriedade e/ou do município, distanciando-se e perdendo vínculos com a família e a terra onde vivem.

No entanto, em 2015 entrou uma nova turma composta por 22 estudantes, 15 eram no município de Vale do Sol, 3 de Vera Cruz, 2 de Barros Cassal, 1 de Cachoeira do Sul e 1 de Candelária (relação dos nomes no apêndice C), turma esta que se tornou objeto desse estudo e cujas as informações serão tratadas no próximo capítulo.

Os dias vão passando, os anos vão passando e conseqüentemente no ano de 2016 formou-se o ciclo completo de estudantes na EFASOL, as turmas do 1º, 2º e 3º ano.

Vale destacar que acontecem desistências por parte dos jovens em relação a continuar os estudos na EFASOL. Algumas desistências no 1º ano e parte do 2º ano foram um fator “normal”, pois conforme Costa (2012) o jovem pode não de adaptar a ficar distante da casa pelo período da alternância na escola, além disso, as dificuldades e convivência em grupo, a não adaptação da alternância, dos estudos em geral levam à desistir de continuar os estudos em uma EFA.

De acordo com o Relatório de Atividades da EFASOL (2016):

No início de **2016** ingressaram na escola **31 estudantes**, sendo 2 turmas de primeiro ano, portanto nesse ano a EFASOL contou com **70 estudantes** cursando o 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio e Técnico em Agricultura abrangendo mais de **50 comunidades em 13 municípios**, sendo eles: Vale do Sol, Herveiras, Sinimbu, Gramado Xavier, Barros Cassal, Vera Cruz, Candelária, Cachoeira do Sul, Lagoa Bonita do Sul, Ibarama, Arroio do Tigre, Tunas e Salto do Jacuí. Em 2016 formou-se a primeira formatura, com 21 jovens e para o ano de **2017**, a perspectiva é a entrada de mais **25 estudantes** para cursar o Ensino Médio e Técnico na EFASOL. (Grifos feitos pelo autor).

Figura 18 e 19: Foto da primeira turma em 2014 e a formatura em 2016



Fonte: Arquivos EFASOL, 2014 e 2016.

Figura 20: Foto das três turmas e dos monitores/professores da EFASOL em 2016



Fonte: Arquivos EFASOL, 2016.

A formatura foi algo extremamente importante para a vida desses jovens, bem como para a EFASOL, pois foram três anos de caminhada que se tornaram fundamentais para a escola. No entanto, este pioneirismo na região vem tomando grande proporção e em 2017 com a entrada da nova turma totalizou 85 estudantes matriculados distribuídos nas seguintes formas²³: 1º

²³ Fonte: Arquivos da EFASOL.

ano com 19 estudantes; 2º ano com 28 estudantes; 3º ano com 16 estudantes. Em processo de estágio curricular obrigatório para certificação técnica em agricultura, 21 estudantes.

Os jovens que estão em processo de estágio curricular permanecem devidamente matriculados na escola, mas não diariamente. O vínculo diário dá-se pelas turmas de 1º, 2º e 3º anos que resulta em 64 estudantes de 14 municípios da região, sendo eles: Vale do Sol, Sinimbu, Herveiras, Gramado Xavier, Barros Cassal, Vera Cruz, Candelária, Cachoeira do Sul, Agudo, Lagoa Bonita do Sul, Sobradinho, Ibarama, Arroio do Tigre e Salto do Jacuí.

Figura 21: EFASOL atualmente (jovens do 1º, 2º e 3º, alguns pais e monitores)



Fonte: Arquivos EFASOL, 2017.

A EFASOL tem suas dependências, mas quando necessário a Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)²⁴ cede espaço para a escola realizar uma série de práticas voltadas ao jovem do campo, dentre elas a realização das aulas teóricas e práticas. Há uma pequena área experimental nos fundos da escola e outra na lateral na condição de um arrendamento de terceiros.

²⁴ Espaços: Bibliotecas, salas de aulas, laboratório de química, física e biologia.

Como já mencionado anteriormente a região é composta pelo cultivo do tabaco na forma de integração, mas é muito importante a diversificação e a produção de alimentos saudáveis. Assim, a escola vem trabalhando nessa perspectiva trazendo experiências e princípios que levem à uma produção diferenciada e agroecológica. Segundo Caporal e Azevedo (2011, p. 88-89)

Agroecologia busca integrar os saberes históricos dos agricultores com os conhecimentos de diferentes ciências, permitindo tanto a compreensão, análise e crítica do atual modelo do desenvolvimento e de agricultura, como o estabelecimento de novas estratégias para o desenvolvimento rural e novos desenhos de agriculturas mais sustentáveis, desde uma abordagem transdisciplinar, holística.

Para Altieri (1998, p. 23):

A agroecologia fornece uma estrutura metodológica de trabalho para a compreensão mais profunda tanto da natureza dos agroecossistemas como dos princípios segundo os quais eles funcionam. Trata-se de uma nova abordagem que integra os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo.

Nesse caso, podemos dizer que a agroecologia é um grande guarda-chuva teórico-prático composto por diferentes áreas do conhecimento que valoriza os conhecimentos locais, relacionando-os à vida entre os seres humanos e o meio ambiente. A agroecologia é um processo de transição gradual, de informação para que os agricultores incorporem e tenham ciência da importância da produção de base ecológica (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

Figura 22, 23, 24 e 25: Algumas práticas agroecológicas realizadas na EFASOL





Fonte: Arquivos EFASOL, 2016 e 2017.

Além desse processo que envolve a prática na escola, seguindo os instrumentos pedagógicos, um deles é a visitas de estudos com o objetivo de ver outras realidades locais e regionais que possam servir de exemplo sobre a importância da produção de alimentos, sucessão rural e qualidade de vida. As visitas às famílias podendo ver e analisar o contexto em que o jovem está inserido na sua propriedade, comunidade, além das práticas que vem desenvolvendo juntamente com a família. As intervenções externas, através de jovens egressos ou parceiros que venham contribuir com alguma atividade específica em atendimento à demanda dos jovens da escola. Além desses, existe uma série de outros instrumentos e atividades desenvolvidas pela Escola Família Agrícola de Vale do Sol. Algumas são demonstradas nas figuras abaixo:

Figura 26: Alguns dos instrumentos pedagógicos da EFASOL



Fonte: Arquivos EFASOL, 2016 e 2017 adaptado pelo autor.

Nesse capítulo vimos um pouco do histórico, bem como a justificativa de haver uma Escola Família Agrícola no município de Vale do Sol destacando sua forma de atuação, abrangência, atividades desenvolvidas juntamente com os jovens estudantes, No próximo capítulo iremos analisar os impactos que essa metodologia de ensino vem trazendo aos jovens e suas famílias.

7 OS IMPACTOS DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL (EFASOL) SOB A ÓTICA DAS FAMÍLIAS E DOS JOVENS ENVOLVIDOS

Não vou sair do campo
Pra poder ir pra escola
Educação do Campo
É direito não esmola
(GILVAN SANTOS, letra de música)

Nos capítulos anteriores se fez a descrição de todo o processo desde o surgimento da Pedagogia da Alternância, a fundação da AEFASOL e a posterior criação da EFASOL.

Neste capítulo se apresentam os dados que foram coletados através de entrevistas realizadas com os jovens que estão no 3º ano do Ensino Médio Técnico em Agricultura da EFASOL e seus familiares.

O número total de jovens que compõe a respectiva turma são de 16 estudantes, sendo estes 12 de Vale do Sol, 2 de Vera Cruz, 1 de Cachoeira do Sul e 1 de Barros Cassal. Desses jovens, 4 foram convidados a participar da entrevista juntamente com suas famílias.

A seleção de 4 jovens para participar da pesquisa se deu por vários motivos, sendo principalmente pelos mesmos estarem finalizando sua formação e estarem em contato direto com a escola. Além disso, pela facilidade de contato e proximidade, diferente da primeira turma que como já mencionado estão em processo de estágio curricular obrigatório para validação do Curso Técnico em Agricultura e muitos deles estão morando em casas de familiares, nos locais de estágios ou dividindo espaços o que, nesse caso, iria dificultar a realização da pesquisa.

Os 4 jovens e suas famílias que foram convidados a compor a pesquisa são 2 residentes no município de Vale do Sol, RS e 2 no município de Vera Cruz, RS, havendo paridade de gênero, sendo 2 meninos e 2 meninas. Todos os momentos de pesquisa foram em conjunto com suas famílias, com o pai e a mãe e, em alguns casos, na presença do(s) irmão(s).

As entrevistas foram realizadas através de um roteiro elaborado a partir de eixos específicos que nortearam a sintetização, análise dos dados e problemáticas a serem discutidas. Além disso, foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido e a permissão dos

participantes ao registro de imagens e gravações das falas dos entrevistados. As entrevistas foram realizadas no mês de outubro de 2017.

As pesquisas foram realizadas em dois municípios, sendo um deles o município de Vale do Sol e o outro de Vera Cruz, RS como relatado anteriormente. Ambos os municípios são essencialmente agrícolas, compostos pela agricultura familiar e cultivo do tabaco, predominante da pequena propriedade. Os municípios estão localizados na região central do estado do Rio Grande do Sul, no Vale do Rio Pardo.

Em relação aos dados gerais de cada município, de acordo com o Guia Socioeconômico do Vale do Rio Pardo e Centro-Serra (2017), o município de Vale do Sol, emancipado em 10/11/1991, cuja área é de 328,2 km², fica a 181 km da capital do estado possui uma estimativa de 11.689 habitantes, com 1.822 Unidades de Produção Agrícola (UPAs), com média de 12,98 hectares cada. Além disso, a cultura do tabaco hoje é uma das maiores atividades desenvolvidas no município, como retrata o quadro a seguir:

Quadro 05: Principais atividades agropecuárias desenvolvidas no município de Vale do Sol/RS

Tabaco	6.000 ha ²⁵	Batata-doce	190 há
Milho ²⁶	6.500 ha	Feijão	140 há
Arroz Irrigado	1.050 ha	Bovinos	13.000 unidades
Mandioca	650 ha	Suínos	8.000 unidades
Soja	400 ha	Leite	3.500.000l/ano

Fonte: Guia Socioeconômico do Vale do Rio Pardo e Centro-Serra 2017, adaptado pelo autor.

Já o município de Vera Cruz, emancipado em 30/01/1959, cuja área é de 309,6,2 km², fica a 166 km da capital do estado possui uma estimativa de 25.660 habitantes, com 3.938 Unidades de Produção Agrícola, com média de 13,4 hectares cada, igual Vale do Sol. A cultura do tabaco hoje é uma das maiores atividades agrícolas desenvolvidas, como retrata no quadro a seguir:

Quadro 06: Principais atividades agropecuárias desenvolvidas no município de Vera Cruz/RS

Tabaco	4.000 ha	Feijão	180 há
Milho	5.670 ha	Bovinos	17.120 unidades
Arroz Irrigado	1.000 ha	Suínos	7.491 unidades
Mandioca	700 ha	Aves	45.821 unidades
Soja	600 ha	Ovinos	324 unidades

Fonte: Guia Socioeconômico do Vale do Rio Pardo e Centro-Serra 2017, adaptado pelo autor

²⁵ Hectares, equivalente a 10.000m².

²⁶ Nesse caso, o milho é utilizado principalmente para alimentação animal nas UPAs.

Vale destacar que os municípios onde a pesquisa foi realizada são caracterizados pela pequena propriedade rural. Vale do Sol possui em média propriedades com 12,98 hectares e Vera Cruz propriedades rurais com 13,4 hectares em média.

7.1 Perfil dos(as) entrevistados(as) e do Grupo Familiar

A pesquisa foi realizada com 4 jovens e suas famílias em forma de diálogo e caminhada pela propriedade, sendo um momento estratégico para coleta de dados.

Todos os jovens estão no 3º ano de formação no Ensino Médio e Técnico em Agricultura na EFASOL havendo vínculo com o campo, onde todas as famílias realizam o cultivo do tabaco, cultura típica da região. Abaixo segue a relação do(a) jovem participante, bem como de sua família e demais informações sobre segundo os entrevistados:

- Rodrigo Leandro Priebe, de 17 anos, residente na localidade de Linha Henrique D'Ávila, município de Vera Cruz. Rodrigo é filho de Sandro Luis Priebe e Roseleni Beatriz Heringer Priebe, e irmão de Alessandra Priebe. Sua propriedade fica a menos de 10 km da sede do município de Vera Cruz, com estradas de chão em boas condições, acesso a lazer e comunicação.

- Sandieli Molz, de 17 anos, residente na localidade de Linha Silva, região serrana do município de Vale do Sol. Sandieli é filha de Rosenei Luiz Emmel (padrasto), sua mãe é Angelita Maria Molz Emmel, possui como irmãos Ricardo Diego Emmer e Luis Roberto Emmer. Sua propriedade fica bem distante da sede do município, sendo mais de 30 km de distância com estradas de chão em razoáveis condições de trafegabilidade, havendo baixas opções de lazer e o acesso à comunicação é extremamente difícil;

- Andriele Cauana Nery, de 17 anos, residente na localidade de Linha Floresta, distrito de Ferraz, no município de Vera Cruz. Andriele é filha de Vanderlei Carlos Nery e Luciana Nether Nery, possui como irmãos Nicolas Matheus Nery e Brayan Vinícius Nery. Sua propriedade fica mais distante da sede do município, sendo 16 km de distância, porém quase 90% das estradas são asfaltadas em ótimas condições de uso e trafegabilidade. O local oferece

várias opções de lazer e acesso à comunicação, sendo que a jovem participa de movimentos sociais da juventude da localidade e região.

- Jefferson Henrique Rech, de 17 anos, residente na localidade de Linha Trombudo, região baixa do município de Vale do Sol. Jefferson é filho de Sergio Valdir Rech e Claudemira Rech. Sua propriedade fica bem próxima à sede do município, sendo menos de 5 km de distância com estradas em boas condições de uso, local que oferece lazer e acesso à comunicação. Também esse jovem participa de movimentos sociais da juventude da localidade e região.

Imagem 27: Os jovens e suas famílias participantes do trabalho de pesquisa



Fonte: Registros fotográficos do autor, 2017.

Um fator importante que devemos levar em consideração é que, atualmente o meio urbano possa ser um atrativo à população do campo, sobretudo para os jovens. A “facilidade das coisas”, pois no caso da jovem Sandieli que reside no meio rural com acesso precário e longe da cidade tanto para acessar o lazer, quanto para o escoamento das produções e o baixo acesso à comunicação faz com que a cidade se torne um atrativo. Na cidade o acesso à comunicação é facilitado, o lazer da mesma forma, além dos acessos

e a locomoção com várias opções de uso. Como demonstra um estudo de caso realizado por Dalcin e Troian (2009, p. 15) sobre uma jovem em relação ao meio rural:

[..] trata-se de uma moça que tem 18 anos, solteira e com ensino fundamental completo. Sua família desenvolve como atividade principal o leite, em pequena escala (média de 1.000 litros por mês). Ajuda nos afazeres domésticos e na ordenha das vacas. Participa eventualmente de grupo de jovens, e diz que como lazer frequenta a residência das amigas e esporadicamente vai a festas, sempre acompanhada da família. Os pais não a deixaram continuar os estudos, embora a jovem possua como objetivo dar continuidade, para conseguir algo melhor para sua vida. Resumidamente, a jovem considera não gostar do meio rural, por considerá-lo longe de tudo, difícil e não apresentar retorno financeiro.

Importante refletirmos sobre essa situação e sobre as condições em que vivem os jovens e suas famílias. O próximo subcapítulo traz a descrição e as características das propriedades dos entrevistados, principais produções e as influências da escola nas práticas desenvolvidas pelos jovens nas suas propriedades.

7.2 Características da propriedade, Aspectos Produtivos e Influência da EFASOL nas práticas agrícolas desenvolvidas

De modo geral a região do Vale do Rio Pardo traz sua característica conhecida regionalmente por ser uma das maiores regiões produtoras de tabaco do estado do Rio Grande do Sul, sobretudo do Brasil. Podemos afirmar que o tabaco está enraizado na região. Existe uma cultura impregnada nesse sistema produtivo tão forte que dificulta o processo de diversificação pelos agricultores, pelo fato da garantia de compra pelas fumageiras e pelo acesso restrito ao mercado para comercializar outros cultivos. Esses estão entre os fatores que dificultam a tomada de decisão para promoção de uma mudança produtiva, além disso o cultivo traz consigo inúmeros impactos ambientais e humanos, pela grande utilização de produtos químicos, trabalho exaustivo, pois a atividade demanda de grande mão de obra e em muitos casos, leva os pequenos agricultores ao endividamento juntos às grandes empresas do setor fumageiro (VARGAS; OLIVEIRA, 2012).

Imagem 28: Propriedade típica da região, com estufas de para a secagem do tabaco: família Nery da localidade de Linha Floresta, Vera Cruz



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2017.

Após esse breve panorama sobre as questões produtivas voltadas à produção do tabaco para melhor compreensão da situação em que as famílias participantes desta pesquisa estão inseridas, segundo os pais relatam “é isso que sabem fazer”, pois aprenderam com seus avós, seus pais e seguiram dando continuidade, Ainda assim é importante destacar que hoje seus filhos estão na EFASOL e estão desenvolvendo habilidades para promover inovação nas técnicas empregadas e promover diversificação para aplicar dentro da propriedade.

Todas as famílias estão ou já estiveram em um processo de redução da área de cultivo do tabaco plantada, cuja justificativa principal relatada pela família Nery: “reduzimos o cultivo do tabaco, em 2016 plantamos 60 mil pés, agora em 2017 foi 45 mil, vamos plantar menos para plantar alimentos, criar porco, galinhas e voltar a ter uma vaca” (Vanderlei, pai da Andrieli – outubro de 2017).

Em relação às propriedades visitadas nesta pesquisa, no quadro abaixo está uma breve descrição sobre o tamanho da propriedade, principais cultivos e criações atualmente.

Quadro 07: Características produtivas das UPF

Família	Tamanho da UPF	Cultivos e criações
Priebe	13 hectares	Fumo, milho, feijão suínos, gado, aves, peixes, mandioca, batata-doce, hortaliças e frutíferas
Emmel	9,8 hectares	Fumo, milho, feijão suínos, gado, aves, mandioca, batata-doce, hortaliças e frutíferas
Rech	25,3 hectares	Fumo, milho, feijão suínos, gado (tração animal), mandioca, batata-doce, aves (galinha e codorna), hortaliças e frutíferas
Nery	5,9 hectares	Fumo, milho, feijão suínos, aves, amendoim, morango, mandioca, batata-doce, hortaliças e frutíferas

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Podemos identificar no quadro acima que, além das propriedades serem pequenas, característica da região e da agricultura familiar resultando em uma média de 13,5 hectares sobre as 4 UPFs analisadas, todas possuem o cultivo do tabaco com principal cultivo.

Antes do ingresso dos(as) jovens na EFASOL, em todos os casos o foco principal da família era a produção do tabaco, até plantavam alguns alimentos para o consumo da família, mas não o necessário, como destaca Nei: “depois que a Sandi foi pra lá, damos mais atenção pras outras coisas, plantamos quase de tudo” (Depoimento de Rosenei, pai da Sandieli, 2017).

A utilização de princípios agroecológicos vem de desenvolvendo na propriedade após o ingresso dos(as) jovem na EFASOL, sendo um ponto importante destacado pelas famílias e pelos(as) jovens. As práticas mais comuns sobre as práticas agroecológicas são segundo os entrevistados:

- Biofertilizantes: Esterco líquido a base de esterco de gado, suínos e aves, para utilização nas plantas e no solo. Segundo Siliprandi (2007) os biofertilizantes promovem a autossuficiência na propriedade, com produção de alimentos mais saudáveis, além de serem de extrema importância para um manejo agroecológico da propriedade. Os fertilizantes orgânicos ajudam a manter o equilíbrio nutricional das plantas conferindo-lhes maior resistência ao

ataque de pragas e doenças, por permitirem maior formação de proteínas e menor acúmulo de aminoácidos solúveis que alimentam as pragas.

- Caldas: Principalmente a bordalesa e a sufocálcica, que de acordo com Weingärtner, Aldrighi e Perera (2006), a Calda Bordalesa é constituída através de uma mistura de fitoprotetores e preparada à base de cal virgem e sulfato de cobre. Ela foi utilizada pela primeira vez na França, em 1882 para controlar algumas doenças da videira (uva). Os produtores de uma região chamada de Bordeaux utilizaram água e cal aplicados através de um pulverizador nos parreirais, com o objetivo de controlar as doenças das plantas. Nesse caso, constataram que o uso da água com cal preparada em vasilhas de cobre favorecia um controle mais eficiente. Portanto, ela funciona como fungicida e bactericida aplicada de forma preventiva contra certas doenças do tomate, batata, alho, cebola, entre outras culturas, além de servir como repelente contra alguns insetos, como o burrilho da batata, pulga, cigarrinhas, entre outras e contribui no tratamento de inverno para o cultivo da maçã, pêssigo e uva (WEINGÄRTNER; ALDRIGHI; PERERA 2006).

Já a Calda Sufocálcica, segundo Weingärtner, Aldrighi e Perera (2006) é um método onde é utilizado o enxofre para a defesa das plantas. Essa calda é preparada através de uma técnica que inicia com a fervura da água, com enxofre e cal em uma vasilha de ferro. Essa calda foi utilizada pela primeira vez em 1886 na Califórnia para banhar animais que estavam com sarna, então nesse ano foi constatada a sua eficácia como inseticida, vindo ao domínio popular em 1902, sendo que hoje é altamente utilizada na agricultura de base ecológica no controle de insetos, fungos e ácaros.

- Urina de vaca: Fertilizante utilizado com pulverização foliar nas plantas, que segundo Weingärtner, Aldrighi e Perera (2006) tem sido muito utilizado como fungicida, enraizador, hormônios e nutrição para complementar na produção das plantas. Além disso, é de baixo custo sendo viável sua utilização como alternativa a adubos químicos industriais.

- Processos de Compostagem: Prática realizada com a utilização de esterco dos animais da propriedade, com o objetivo de melhorar a matéria orgânica e elevar os níveis de nutrientes do solo. De acordo com Cerri (2008), o termo utilizado como compostagem está relacionado ao tratamento dos resíduos orgânicos produzidos tanto nas propriedades, como no meio urbano e

industrial. É um processo que pode ser feito de forma aeróbica (com a presença de ar) ou anaeróbica (sem a presença de ar). Ela ocorre de forma natural no ambiente sendo referida como degradação de matéria orgânica, a decomposição, Mas o processo de compostagem está associado à manipulação do material pelo homem, que através das observações que fazia no meio ambiente desenvolveu técnicas específicas que aceleram esse processo de decomposição para a utilização nas lavouras de produção agrícola e de pecuária.

- Práticas de conservação do solo: Atividades relacionadas diretamente com algo fundamental hoje que nos torna vivo: o solo, onde os adubos verdes são uma prática muito utilizada para a conservação e recuperação de nutrientes. Os adubos verdes de acordo com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA, 2011) são plantas utilizadas para melhorar as condições físicas, químicas e biológicas do solo. Há espécies como leguminosas, que se associam a bactérias fixadoras de nitrogênio do ar, transferindo-o para as plantas. Estas espécies também estimulam a população de fungos micorrízicos, microrganismos que aumentam a absorção de água e nutrientes pelas raízes. Os benefícios trazidos pela associação entre leguminosas e bactérias fixadoras de nitrogênio podem ser obtidos através de práticas como a inoculação de sementes no momento do plantio.

Outra técnica utilizada com o objetivo de ver, analisar e agir no que tange os nutrientes do solo é a análise de solo, que segundo Cardoso, Fernandes e Fernandes (2009, p. 2):

A análise de solos é o único método que permite, antes do plantio, conhecer a capacidade de um determinado solo suprir nutrientes para as plantas. É a forma mais simples, econômica e eficiente de diagnose da fertilidade das terras e constitui base imprescindível para a recomendação de quantidades adequadas de corretivos e fertilizantes para aumentar a produtividade das culturas e, como consequência a produção e a lucratividade das lavouras. Destacam-se ainda como aspectos favoráveis à sua utilização:

- Baixo custo e rapidez na obtenção dos resultados;
- O adequado planejamento na compra de corretivos e fertilizantes;
- Evita gastos desnecessários com insumos e mão-de-obra;
- Evita desequilíbrios nutricionais;
- Minimiza danos ao meio ambiente, notadamente a contaminação das águas por excesso de fertilizantes. O processo de análise de solos pode ser dividido em três etapas: amostragem do solo, análise em laboratório e interpretação dos resultados.

- Podas nas árvores frutíferas: Técnica utilizada para melhor aproveitamento dos pomares produtivos, onde Filho, Medina e Silva (2011) colocam que a palavra “poda” vem do latim *putare*, que significa limpar, cortar, desbastar, derramar, que tem como objetivo manter a forma, o vigor e a sanidade de uma planta, melhorar a insolação, melhorar a produção e ter frutos de melhor qualidade, dentre outros objetivos.

A poda pode ser de formação, deixando a planta com boa estrutura de copa, arejada o que facilita os tratos culturais. A poda de frutificação consiste na retirada do excesso de ramos produtos havendo um melhor equilíbrio da planta evitando alternâncias de safras, ou seja, em um ano apresenta uma super produção, em outro já não. Portanto, com a poda de frutificação pode-se evitar essa variação. Por último a poda de limpeza que vem a ser um tipo de poda realizada quando as plantas estão em repouso (dormência), nesse caso é retirado o excesso de ramos, galhos fracos ou mal posicionados, entre outros (FILHO; MEDINA; SILVA, 2011).

- Sementes Crioulas: O trabalho voltado às sementes crioulas está amplamente ligado aos princípios da agroecologia e da produção sustentável, pois o resgate dessas sementes traz consigo muitas histórias, conhecimento popular e autonomia sobre os agricultores. Conforme Trindade (2006, p. 04) sobre as sementes crioulas:

[...] são aquelas sementes que não sofreram modificações genéticas por meio de técnicas, como de melhoramento genético, inclusive, nesse contexto, a transgenia. Estas sementes são chamadas de crioulas ou nativas porque, geralmente, seu manejo foi desenvolvido por comunidades tradicionais, como indígenas, quilombolas, ribeirinhos, caboclos etc. Contudo, semente crioula ou nativa é um termo, pois não é reduzido apenas a sementes em si, mas também pode se referir a tubérculos, como batata, cará, mandioca, entre outros alimentos conhecidos. A semente além de ser um alimento, representa muito mais, pois retrata a cultura de cada comunidade, já que é por meio da alimentação que um povo mais expressa sua cultura seu modo de viver.

Essas entre outras práticas realizada nas dependências da EFASOL têm o objetivo é de demonstrar aos jovens a importância da produção limpa, com a redução de produtos químicos sintéticos e agrotóxicos produzindo alimentos saudáveis e benéficos ao ambiente, a quem está produzindo e a quem está consumindo posteriormente. Conforme Gliessmann (2001) a agroecologia vai

muito além de uma forma de produzir, mas é uma opção de vida, a favor da natureza aliando produção, sustentabilidade e rentabilidade, no entanto a agroecologia tem extrema relação com o Desenvolvimento Rural.

Na propriedade da família Priebe, o jovem destaca que seus pais estão lhe ouvindo mais, havendo autonomia, pois o jovem participa das ações da propriedade. Além disso, após sua entrada na EFASOL começou a ter uma renda extra com a venda de cebola, milho crioulo, mandioca, entre outros alimentos, bem como aumentando as produções que já tinham na propriedade, porém utilizando outras formas de produção. Conforme retrata o jovem: “fiz adubação verde, que não era muito feito, comecei a cultivar de maneiras diferentes, usar um esterco, fiz biofertilizante, podas nas árvores (...) Na horta eu não participava em nada, só a mãe, aí depois que eu entrei no colégio que comecei na minha hortinha, aumentando a produção, com tomate, cebola, planta e vendo na comunidade”. (Depoimento de Rodrigo, 2017).

O jovem colocou que está iniciando com o cultivo de tomates, que será tema de seu Projeto Profissional do Jovem (PPJ)²⁷, portanto está realizando na prática as experiências desse cultivo, conforme na imagem que segue:

²⁷ PPJ é o Projeto Profissional do Jovem, um instrumento pedagógico utilizado nas EFAs vindo a ser um dos principais instrumentos, pois está articulado ao plano de formação da escola que procura desenvolver ações educativas onde possa construir possibilidades de inserção profissional no mundo do trabalho em suas propriedades (POZZEBON, 2015).

Imagem 29: Área de cultivo do tomate realizado pelo jovem na propriedade



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2017.

As práticas e os princípios ligados hoje a uma produção mais saudável são vários, onde a família Priebe destaca que no início tiveram uma resistência, conforme traz a mãe jovem: “às vezes a gente tem a mente meio fechada, porque a gente aprendeu assim, não sabemos diferente, então são ideias novas que ele tá aprendendo e passando pra gente (...) O milho crioulo, é uma ideia que a gente tinha abandonado, que é plantar o milho comum, e daí como ele foi pra escola, e veio com semente, vamo planta, ai a gente arrumo um pedacinho, não é uma terra boa, mas mesmo assim deu milho. (Depoimento de Roseleni, mãe do Rodrigo, 2017).

Essa resistência destacada pela mãe do jovem é algo comum de se encontrar e, em certos casos é importante, pois os jovens após algumas atividades desenvolvidas, como por exemplo as visitas de estudos ficam super empolgados que chegam em casa e querem mudar tudo, conforme o pai da jovem Andrieli comenta: “A Andrieli é muito ágil, se vira muito bem, e vem com bastante ideias pra casa, às vezes vai contra mim, pois eu penso de um jeito e ela pensa assim, mas faz parte” (Depoimento de Vanderlei, pai da Andrieli, 2017).

A jovem Andrieli traz que as práticas agroecológicas que aprendeu na escola foram fundamentais para ela: “Aprendi os biofertilizantes, caldas, não depender de adubos, de usar a enxada, ter a esterqueira porque a gente

colocava tudo fora, a erva, tudo ia fora, agora com a esterqueira a gente coloca tudo lá” (Depoimento de Andrieli, 2017). Sendo assim, percebem o aumento nas produções agrícolas da propriedade, nas quantidades e variedades cultivadas.

O PPJ da jovem está voltando à produção de suínos, atividade que já era desenvolvida pela família, porém com o tempo foram desistindo da criação. Motivo este pela falta de tempo, como o pai já havia relatado, pois o tabaco exige muito tempo de dedicação exclusiva, onde tiveram que parar não somente com os suínos, mas com outras atividades que a família vinha desenvolvendo.

Devido a ser uma iniciativa da jovem a família aderiu à proposta da criação de suínos, no mês de setembro a família já iniciou as construções para a criação (imagem abaixo), onde inclusive já ganham 2 leitões de uma família da localidade de Rio Pardense, município de Vale do Sol. O jovem dessa família é colega da Andrieli.

Imagem 30: Área onde está sendo construído os chiqueiros, local para a criação dos suínos, tema do PPJ da jovem



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2017.

Já a jovem Sandieli coloca que conseguiu implantar várias técnicas diferentes na propriedade de sua família: “fiz o biofertilizante, a composteira, isso nunca era feito aqui sabe, uso da grama, fazia os canteiros e colocava ela

por cima, as caldas, de fumo, de arruda, conforme a necessidade eu faço, também olho o calendário agrícola para fazer os plantios”. (Depoimento de Sandieli, 2017).

Seu tema do PPJ é a avicultura colonial, uma proposta que vem para melhorar a produção de ovos pela família, com o objetivo de comercializar o excedente. A família discutiu bastante sobre a proposta e entrou em um consenso de que a criação necessita ser melhorada de modo geral na propriedade. Uma das maiores propostas é a destinação de uma área para piquetes (imagem abaixo) para melhorar a produção e bem estar dos animais, além de ser possível trabalhar com princípios agroecológicos, diversificar e melhorar a renda da propriedade. Conforme destaca Pereira (2008, p. 58):

[...] há maiores possibilidades de implantação de sistemas agroecológicos de criação de frangos nas áreas em que se fará a substituição da fumicultura. A estratégia está em aproveitar as antigas instalações de secagem e seleção de fumo para construção de aviários associados a áreas com piquetes de pasto para criação de raças rústicas. Isso garantiria a geração de renda para esses novos agricultores com baixo investimento para conversão da atividade e menos exigências em manejo.

Imagem 31: Espaço onde será realizado o piqueteamento para a criação das aves.



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2017.

No caso da família Rech houve também grandes mudanças após o ingresso do jovem na EFASOL. Primeiro foi instalado um secador na

propriedade, pois o cultivo no milho aumentou havendo a necessidade de beneficiamento (secagem e estocagem) na propriedade. Além disso iniciaram a criação de Codornas (imagem abaixo), atividade hoje que se tornou o tema do PPJ do Jovem.

Imagem 32: Experiência na produção de codornas pelo jovem



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2017.

Além do aumento da produção e a introdução de novos cultivos sendo a banana e a mamona, sendo que as hortaliças e grãos a família já produzia, houve um incremento de mais de 50% no plantio tendo como destino o consumo da família e a comercialização, pois até então a família não vinha trabalhando com a possibilidade de comercialização. Hoje a atividade é desenvolvida, após o jovem ter identificado essa demanda nas suas pesquisas escolares realizada na sessão familiar.

Além disso, a autonomia do jovem aumentou, pois segundo sua mãe: “agora ele sabe de tudo na propriedade, como as coisas funcionam, como era antigamente, onde passa as divisas, coisa que antes o nêni²⁸ não sabia” (Depoimento de Claudemira, mãe do Jefferson, 2017).

O jovem retrata sobre as principais mudanças na UPF após seu ingresso na EFASOL: “desde que eu entrei na EFA mudou praticamente tudo, pois

²⁸ Dialeto de origem alemã, caracterizando o filho mais novo ou o único filho que a família possui.

quando eu estudava no Ensino Fundamental não pensava em ficar em casa, hoje já penso em ficar em casa, comecei a produzir feijão, comecei com a criação de codorna que hoje é meu projeto, comecei a comercializar hortaliças na comunidade, nas comunidades na verdade, até no centro ali do Vale, em restaurante e lancherias” (Depoimento de Jefferson, 2017).

De modo geral, a partir do contexto apresentado pelos grupos familiares, no que tange o envolvimento dos jovens nas propriedades podemos ver que todos os jovens estão com grandes experiências significativas de produções e criações. Em muitos casos de geração de renda, com a aplicação de princípios agroecológicos, relação com a família, dentre outras questões relevantes e importantes após a entrada dos jovens na EFASOL. Como relata Costa (2012, p. 188):

[...] legítimo de transformação concreta da realidade que esse jovem vive, portanto a possibilidade de diálogo permanente entre a família/comunidade e escola, gerando um círculo virtuoso de relações que, se cultivado ao longo da formação e pós-formação, pode proporcionar um belo campo de atuação para futuros agricultores-técnicos, vinculados àqueles que contribuíram diretamente para a formação deles.

Na próxima seção o enfoque estará em torno das condições que a família trabalha, sobre os meios de comercialização e renda.

7.3 Condições de Trabalho, Comercialização e Renda das famílias

A agricultura familiar, hoje presente fortemente no Brasil, estado e propriamente na região do Vale do Rio Pardo, tem grande papel do que tange à produção de alimentos, comercialização e renda para a família. Conforme Abramovay (1997, p. 3):

A agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho, vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento. Que esta definição não seja unânime e muitas vezes tampouco operacional. É perfeitamente compreensível, já que os diferentes setores sociais e suas representações constroem categorias científicas que servirão a certas finalidades práticas: a definição de agricultura familiar, para fins de atribuição de crédito, pode não ser exatamente a mesma daquela estabelecida com finalidades de quantificação estatística num estudo acadêmico. O importante é que estes três atributos básicos (gestão, propriedade e trabalho familiar) estão presentes em todas elas.

Com o objetivo de ver o que os jovens e suas famílias vêm produzindo para comercialização, abaixo está descrito o que a família comercializa e em quais locais:

Quadro 08: Características produtivas das UPF

Família	O que a família comercializa²⁹	Em qual local
Priebe	Fumo, milho, feijão, suínos, gado, aves, peixes, mandioca, batata-doce, hortaliças e frutíferas	Empresas fumageiras, na comunidade, sede do município de outros municípios
Emmel	Fumo, milho, feijão, e hortaliças	Empresas fumageiras e na comunidade
Rech	Fumo, milho, ovos de codornas, hortaliças, arroz, mamona, ovos e banha de porco	Empresas fumageiras, na comunidade, sede do município e feira pedagógica
Nery	Fumo, feijão, algumas hortaliças e bolachas	Empresas fumageiras, na comunidade e feira pedagógica

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Vemos que em todas as propriedades, além do cultivo do tabaco para comercialização existem outras culturas que são para o consumo da família, mas que tem como objetivo a comercialização.

Podemos perceber que a família Priebe (do jovem Rodrigo), vem produzindo uma série de alimentos que são destinados à comercialização, realidade já diferente da família Emmel (da jovem Sandieli), onde produzem o fumo assim como as demais culturas, sendo que das outras produções a comercialização é baixa, pois nem a família nem na localidade existe um meio de transporte de baixo custo ou uma organização que possa transportar as produções, Como relatado anteriormente, os locais de acesso até a casa da jovem são difíceis tornando-se um empecilho para a comercialização de outros produtos. Já na propriedade Priebe essa prática é possível devido a mesma ficar próxima da sede do município, bem como com estradas em melhores condições de tráfego.

Nesse sentido, a produção do tabaco leva a um ponto positivo, pois através do sistema de integração entre a fumageira e o agricultor, a empresa além de levar os produtos até a propriedade da família disponibiliza de assistência técnica e busca o produto final no galpão da propriedade.

²⁹ Algumas imagens das cultivas e seus meios de produção então no Apêndice D.

Na parte da comercialização existem diferentes meios de se realizar essa prática, conforme vemos no quadro 08 onde Waquil, Miele e Schultz (2010) trazem exemplos de canais de comercialização, sendo um deles o canal de nível zero, em que o agricultor comercializa os produtos diretamente para o consumidor (venda direta), sendo as hortaliças, feijão, entre outros.

Já o canal de nível um possui um intermediário, podendo ser restaurantes nesse caso, que adquirem as hortaliças para o consumo de seus clientes. Além desses, o canal de nível dois possui dois intermediários, mas no caso do tabaco, ele se encaixa no nível três, pois ele passa por um processamento e, posteriormente o produto vai para os atacados, varejos até o consumidor final (WAQUIL; MIELE; SCHULTZ, 2010).

Sobre as condições e/ou formas de trabalho que as famílias utilizam em todos os casos em que existe o tabaco, sua forma produtiva é a convencional, ou seja, com a utilização de agrotóxicos, adubos industriais, entre outros insumos fornecidos pela empresa onde os agricultores aplicam nos cultivos. Gliessmann (2001, p. 34) diz que:

A agricultura convencional está edificada sobre dois aspectos básico, vinculados entre si: aumento da produção e auferição de lucros. Com base nesses dois fatores, os agricultores desenvolveram uma gama de práticas sem tomar cuidado com os impactos, no longo prazo, sob a base de recursos naturais necessário para continuidade dessa atividade. Dessa forma, o modo de produção convencional está alicerçado em seis práticas fundamentais: “cultivo intensivo do solo, monocultura, irrigação, aplicação de fertilizante inorgânico, controle químico de pragas e manipulação genética de plantas cultivadas

Nesse sentido, após o ingresso dos jovens na EFASOL as coisas começaram a mudar, os jovens viram a importância de realizar um trabalho diferenciado e, na medida do possível, reduzem o uso desses produtos em suas lavouras, em suas produções e, sobretudo, nos alimentos que eles consomem. Portanto, aos poucos, os jovens foram trazendo alternativas que estavam de acordo com suas realidades para a propriedade mesmo sendo contrariados pelos seus pais, mas no final das contas os pais também aprenderam bastante com seus filhos, como traz a mãe do Jefferson: “O Jeff mudou bastante, consegue dar valor para as coisas, aprendeu muita coisa nova e a gente aprendeu com ele, ele nunca falava em ficar aqui na roça, agora já tá falando pra nós isso, eu acho que já te falei isso uma vez Régis,

que o Jeff não vai ficar na roça, mas agora ele já tá falando em ficar.” (Depoimento de Claudemira, mãe do Jefferson, 2017).

Dando continuidade aos diferenciais dos jovens após o ingresso dos mesmos na EFASOL podemos ver que deram valor às produções que as famílias vêm desenvolvendo. Com isso promovendo a diversificação de suas propriedades com foco nas produções de alimentos saudáveis. Conforme relata Santos, Tonezer e Rambo (2009, p. 06):

O debate referente à sustentabilidade incorpora conceitos ligados à preservação do meio ambiente, a não utilização de agrotóxicos e à produção extensiva em monoculturas. Os defensores da sustentabilidade, por exemplo, colocam-se frontalmente contra o uso de alimentos transgênicos devido principalmente, à redução da biodiversidade nos locais onde estes estão sendo cultivados; ao aumento significativo do uso de herbicidas nas plantações; e a insegurança que até o momento tais alimentos passam aos consumidores.

Na próxima seção são apresentadas as perspectivas dos jovens em relação ao futuro e sobre as contribuições da EFASOL para o jovem e para o Desenvolvimento Rural.

7.4 Perspectiva de futuro do(a) Jovem e as contribuições da EFASOL para o jovem e para o Desenvolvimento Rural

Lembrando uma questão que traz Abramovay (2000), que o Desenvolvimento Rural não se caracteriza somente pelas questões voltadas às produções agrícolas, com altas produções ou rendimentos, mas está extremamente relacionado a aspectos que vão muito além disso.

No campo, a vida não se resume em plantar, colher e vender; o campo é uma opção de vida, também de trabalho, mas de se viver uma vida digna, justa e quem vive lá também traz consigo sonhos, como diz a jovem Sandieli sobre a importância da EFASOL em sua vida: “foi muito importante pra mim, porque olha o que sou hoje, hoje eu gosto de plantar coisas, de ajudar, coisa que antes eu não fazia, não tinha esse interesse, não me via aqui, não sabia que eu queria futuramente, agora eu tenho sonhos, me abriu muitas possibilidades, me deu uma visão, que não ia ter se tivesse estudando em outro lugar, passar pela EFA é um oportunidade maravilhosa”. (Depoimento de Sandiele, 2017).

No quadro abaixo estão destacados os motivos que levaram os jovens à estudarem na EFASOL, bem como sua visão sobre a agricultura antes e depois de estudar na escola, os diferenciais da EFASOL e suas perspectivas futuras.

Quadro 09: O que os jovens falam sobre a EFA, o antes e o depois

POR QUAL MOTIVO VEIO ESTUDAR NA EFASOL?			
Rodrigo L. Priebe	Sandieli Molz	Andrieli C. Nery	Jefferson H. Rech
- Continuar no campo; - Aprender mais e coisas diferentes.	- Dificuldade de ir para outra escola; - Talvez fosse parar de estudar; - Incentivo da família.	- Conhecer algo diferente; - Curiosidade; - Pela Pedagogia da Alternância;	- Primo estudou na EFASC; - Aprender coisas novas;
QUAL SUA VISÃO SOBRE A AGRICULTURA ANTES DE ESTUDAR NA EFA?			
Rodrigo L. Priebe	Sandieli Molz	Andrieli C. Nery	Jefferson H. Rech
-Visão muito fechada; - Que não dava para produzir sem veneno; - Só via o fumo na UPF.	- Serviço penoso; - Não gostava do trabalho na roça; - Queria sair, morar em outro lugar.	- Não sabia nada; - Local de atraso; - Vergonha de morar no campo; - Não me identificava.	- Não gostava muito de trabalhar na roça; - Não tinha interesse de permanecer do campo.
SUA VISÃO DE AGRICULTURA/CAMPO HOJE?			
Rodrigo L. Priebe	Sandieli Molz	Andrieli C. Nery	Jefferson H. Rech
- Espaço de vida; - Local para renda; - Que é possível produzir sem veneno; - Importância de diversificar a UPF.	- Visão totalmente diferente; - Produzir alimentos limpos; - Campo não é lugar para “burro” como muito escutava falar.	- Muito melhor que a vida na cidade; - Se não fosse a agricultura, não tinha alimentos; - Orgulho de ser filha de agricultores.	- Opção de trabalhar; - De poder ficar na propriedade; - Local para produção de alimentos.

QUAIS OS DIFERENCIAIS DA EFASOL?			
Rodrigo L. Priebe	Sandieli Molz	Andrieli C. Nery	Jefferson H. Rech
<ul style="list-style-type: none"> - Aprender na teoria e na prática; - Ensino de acordo com a realidade; - Poder praticar na UPF; - Convivência com os colegas; - Conhecer pessoas novas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tudo; - Relação prof./estudantes e a família; - Aulas; - Contato com colegas; - Método de ensino; - Estudar e praticar na realidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Poder falar; - Espírito de família; - Estuda a realidade do jovem do campo; - Aprender outras formas de se fazer agricultura; - Não perder o vínculo com a família. 	<ul style="list-style-type: none"> - Relação de família; - Grupo, colegas; - Conhecer sua realidade, seu histórico; - Conhecer melhor a UPF; - Alternância, não perdendo o vínculo familiar.
O QUE PENSA EM FAZER NO FUTURO?			
Rodrigo L. Priebe	Sandieli Molz	Andrieli C. Nery	Jefferson H. Rech
<ul style="list-style-type: none"> - Ficar na propriedade da família; - Focar na produção de alimentos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quero ficar no campo; -Trabalhar fora, mas manter o vínculo com a agricultura. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ser monitora de EFA; - Permanecer no campo com a família. 	<ul style="list-style-type: none"> - Estudar Agronomia; - Ficar na propriedade; - Produzir alimentos, não fumo.
QUAL A IMPORTÂNCIA DA EFASOL EM SUA VIDA?			
Rodrigo L. Priebe	Sandieli Molz	Andrieli C. Nery	Jefferson H. Rech
<ul style="list-style-type: none"> - Abriu novas possibilidades; - É possível produzir de uma forma diferente; - Aprendi a gostar de estudar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ter o prazer de estudar; - Dar valor a agricultura - Abriu horizontes, ter sonhos e possibilidades. 	<ul style="list-style-type: none"> - Valorizar a família; -Amadurecimento - Olhar crítico, ajudou a pensar e valorizar. 	<ul style="list-style-type: none"> -Ter me mostrado outros caminhos; - Novas alternativas de vida; - Valorizar o campo e ter possibilidade de ficar aqui.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

No quadro acima podemos ver o quanto de informações existem nas falas dos jovens, sobretudo o que envolve os mesmos a permanecerem no

zona rural aprimorando suas propriedades. Os motivos que os levaram a estarem na EFASOL hoje traz uma questão importante de ser destacada, onde todos queriam algo diferenciado, aprender algo novo, onde a alternância (não perder o vínculo com a família) também é um grande atrativo.

No caso da jovem Sandiele, que possivelmente iria parar de estudar caso não fosse pra EFASOL: “fui porque era ruim eu estudar em outra escola, eu estava na 8º série, a foi a Natalia³⁰, Otto, Sumo e o Hiago, a´í eu trouxe aquele folder da escola pra casa, aí mostrei e a mãe achou bom, porque pra mim ia fica ruim estuda na Guilherme³¹, aí espera o ônibus na estrada, longe, isso era ruim, aí disse pro Nei vamo lá conhece a EFASOL, fizemos as entrevista e deu certo. Eu queria estuda, não queria parar, se não fosse a escola não sei se eu estaria estudando agora”. (Depoimento de Sandieli, 2017).

Nesta situação podemos ver que em algumas comunidades rurais o jovem tem muita dificuldade no acesso à educação, sendo este um dos motivos da desistência de continuar estudando, Conforme diz Ajala (2011), muitos fatores propiciam o abandono pelos jovens de estudar, onde a justificativa pelos pais e e também do estudante é que a escola é muito distante de suas casas.

Já o jovem Rodrigo destaca: “comecei a querer estudar no colégio porque eu queria continuar na roça, é uma coisa que eu gostava, que eu queria aprender mais, eu não gosto de ficar na cidade, em ficar o dia inteiro de um escritório, correndo pra lá e pra cá, isso é uma coisa que não serve, por isso que eu quero fica aqui”. (Depoimento de Rodrigo, 2017).

Nesse caso o jovem retrata uma situação de identificação com o campo, que já tinha interesse em continuar no campo, vendo ali possibilidades de ficar, com renda e principalmente com qualidade de vida. Conforme diz Floriano (2009), a qualidade de vida tem sido uma preocupação constante do ser humano desde a sua existência até a atualidade, sobretudo no meio rural.

Sobre a visão dos jovens perante a agricultura antes da vinda deles para a EFASOL, possivelmente é uma visão de muitos jovens do meio rural, de ser

³⁰ Natália, Sumo (Rodrigo) e Hiago são jovens egressos da EFASOL, Otto era um dos monitores.

³¹ Escola Estadual que oferece o Ensino Médio no município, ficando a aproximadamente a 40 km da propriedade da jovem, sendo esta a única escola a oferecer o Ensino Médio além da EFASOL, onde há também o Curso Técnico.

um trabalho muito penoso, atrasado e de pouca valorização. Conforme Queiroz (2012), os jovens demonstram resistência ao trabalho na agricultura por ser um trabalho muito pesado, sendo cansativo e sacrificante, além de ser com baixa rentabilidade, onde trabalha-se muito e ganha-se pouco em muitos casos.

Nesse sentido, praticamente muita coisa mudou segundo os jovens, a visão sobre a agricultura de modo geral tem outro sentido, conforme fala o jovem Rodrigo: “desde que conheci a agricultura, sempre tinha muito o negócio de usar veneno, ureia, só conhecia isso, e depois que eu entrei na escola conheci sobre os cultivos orgânicos, ecológicos, não tinha noção disso, nem sabia o que era e nem sabia que dava para plantar assim, então com o colégio a gente pratica isso, e aqui a gente não usa veneno na horta, nem nos tomate, que gosta de dar peste” (Depoimento de Rodrigo, 2017).

A jovem Sandieli, que odiava trabalhar na roça segundo ela: “achava a agricultura ruim, odiava trabalhar na roça, todo mundo falava isso, estuda pra ter uma vida melhor e a gente fica pensando nisso, mas agora não, a gente acaba tendo uma visão diferente, quem fica no campo precisa estudar, tu não está ali por ser burro ou coisa assim, está ali por uma escolha”.

Esta situação que a jovem comenta é uma situação comum na sociedade, onde a jovem Andrieli traz: “literalmente tinha vergonha de falar que morava no campo, porque todo mundo ia mora na cidade, estuda na cidade, tudo na cidade, agora vejo diferente, a vida aqui é muito melhor que na cidade”. (Depoimento de Andrieli, 2017).

Portanto, essa visão do campo atrasado e de que na cidade é diferente, é onde se deve estudar para ter uma vida melhor, que essa vida não pode se dar no campo, retrata que quem quer ficar no campo não necessita de estudo. Conforme Pozzebon (2015, p. 142):

Historicamente, no Brasil, as políticas agrícolas não “conversam” com a educação, isto se reflete na cultura, nos discursos existentes, como por exemplo, de que para continuar na agricultura não é preciso ir à escola. As escolas no meio rural foram implantadas como política compensatória, na lógica de fazer o letramento, ou seja, as pessoas teriam que saber minimamente ler, escrever e fazer as quatro operações básicas. Essa retórica se perpetua através discursos que evidenciam a educação e a agricultura como polos opostos, e portanto, a escola ou a continuidade dos estudos não fazem parte das necessidades de quem quer continuar no campo.

Sobre os diferenciais da EFASOL, uma questão muito levantada foi o ensino ser voltado ao jovem do campo, trabalhar com outras formas de se fazer a agricultura. Também a alternância e a não perda do vínculo com a família, a importância e o poder de fala dos estudantes, conforme relata a jovem Andrieli: “vejo muitos diferenciais na EFA, primeiro a gente pode falar, em outras escolas a gente não pode nem dizer, segundo, tem escolas agrícolas que não são famílias agrícolas, como em São Vicente³², que eles estudam, mas não estudam a agricultura orgânica, agroecológica, nem nada, não estudam um modo de produção diferente, terceiro, a gente pode ficar uma semana em casa e uma semana na escola, a gente não perde o vínculo com a família nunca, e a família participa do processo da escola, que em outras escolas não”. (Depoimento de Andrieli, 2017).

Neste sentido traz uma questão importante das EFAs e propriamente um dos princípios dos CEFFAs, onde o jovem estuda mas não perde seu vínculo com a família, sendo também um dos atrativos, Conforme Vergutz (2013, p. 40):

Percebo que são jovens agricultores e agricultoras que buscam nesta escola uma formação escolar dupla (ensino médio e técnico) vinculada à possibilidade de evitar o distanciamento da propriedade familiar. Para isso, apostam na especificidade da proposta metodológica da alternância já que se quisessem estudar para ter uma formação média e técnica agrícola, teriam que sair, da propriedade e/ou do município, distanciando-se e perdendo vínculos com a família e a terra onde vivem. Esta perspectiva pode ser verificada nas falas dos estudantes [...]

Sobre os diferenciais, a jovem Sandieli menciona: “praticamente tudo é diferente, os professores têm um acompanhamento, as tutorias, as aulas em si, as amizades, a união, hoje tudo é muito diferente, a metodologia de ensino, a prática, estudar a nossa realidade, porque a gente aprende muito mais estudando o meio que tu vive do que falando de outras coisas, que as escolas comuns que a gente estuda é a cidade, pra ir pra cidade, nunca a gente estuda a tua propriedade”. (Depoimento de Sandieli, 2017).

A formação voltada ao jovem do campo, o estudo na realidade enquanto sujeito segundo a jovem foi fundamental. Conforme Costa (2012, p. 133) sobre a forma de trabalho realizado nas escolas:

³² Na cidade de São Vicente do Sul, RS, tem uma Escola Agrotécnica Federal em torno de 240 km de distância de Vale do Sol, RS.

O estudante de um CEFFA vai dialogicamente fazendo sua formação no cotidiano, com a observação do seu meio através das pesquisas que realiza. Isso o faz refletir sobre o objeto pesquisado, trazendo essas mensagens da sua realidade para o meio escolar, onde, na interação com demais colegas de realidades distintas, professores/monitores constroem o seu saber, com uma troca seminal de experiências advindas de seus meios sociais. Isso tudo ganha espaço nas aulas, através da reflexão com os conteúdos das áreas do conhecimento aliados a sua pesquisa.

Vergutz (2013) traz que através da metodologia da Pedagogia da Alternância se cria um contato embasado na relação estudante-família-escola, onde o estudante intercala permanecendo uma semana na escola com contato constante com seus colegas e monitores, socializando e tendo novos aprendizados e a outra imerso nas vivências da família e de suas atividades agrícolas, convivendo com a família sem a perda dos vínculos. Nesse sentido traz o jovem Rodrigo: “a diferença que tem na EFA é que pode aprender lá e praticar em casa, se comparar com outro colégio, o de Encruzilhada³³ que eu conheço, eles têm aula até as 5 da tarde e boa parte do tempo lidando com criação, então não aprende muita coisa. Na EFA não, tu consegue aprender e traze pra tua realidade, mudar uma coisa ali, agendar uma coisa aqui. Na EFA tu pode troca ideia, fora da aula a gente está sempre conversando, eu faço isso, tu faz aquilo, então essa troca de conhecimento que em outro espaço tu não tem esse tipo de conversa” (Depoimento de Rodrigo, 2017).

Sobre as perspectivas de futuro dos jovens, absolutamente todos pretendem ter vínculo com o campo, fator de grande valia nesse processo, pois os jovens criaram identidade com o campo. Porém, essa identidade não havia sido descoberta mesmo residindo lá, foi uma construção dos jovens juntamente com a escola e seus familiares. Conforme fala o jovem Rodrigo sobre seu futuro: “penso em ficar aqui, a gente já tem bastante coisa pra poder continuar, e uma coisa que eu não ia gostar é morar na cidade, trabalhar o ano todo e ganhar mil e poucos conto por mês ou um salário mínimo. Pra mim também não serve fica o dia inteiro sentado dentro de uma sala, fico doente”. (Depoimento de Rodrigo, 2017).

Nesse sentido, o jovem traz seu anseio e deixa bem clara sua opção de querer ficar na propriedade da família, pois é só continuar havendo nesse caso

³³ Uma Escola Técnica existente no município de Encruzilhada do Sul. RS, o Colégio Estadual Técnico Dr. Zeno Pereira Luz, em torno de 100 km de Vera Cruz, RS.

as infraestruturas, máquinas e equipamentos, a terra, entre outras condições possíveis para este fim. Nesse sentido, Faccin e Schmidt (2013) relatam que de certa forma isso traz uma segurança para o jovem, pois sem realizar grandes investimentos futuros, a visão da conjuntura atual pelo jovem está interessante, antes de chegar ao ponto de se arriscar fora da propriedade sem grandes retornos.

Caso semelhante acontece para o jovem Jefferson, porém seu objetivo desde sua entrada na EFASOL é de continuar os estudos em nível superior e voltar para a propriedade da família. Já possui planos de curto prazo, conforme relata: “quero cursar agronomia, e voltar para a propriedade. Ano que vem vou fazer meu estágio e tenho o plano em colocar uma estufa de morango, fazer uma pesquisa de mercado, porque tem demanda aqui na comunidade, pretendo produzir mais feijão, se necessitar ajudar o pai no tabaco, mas quero produzir arroz, quem sabe um dia eu consigo uma trilhadeira, produzir hortaliças. Aqui, a gente tá com a gurizada, eu Tiago³⁴, Rodrigo e o Joel estamos pensando numa feira, também já ia ajudar bastante, no mais é isso, produzir alimentos, ficar na propriedade produzindo alimentos” (Depoimento de Jefferson, 2017).

Neste caso ter interesse na continuação dos estudos, voltar para a propriedade para produzir alimentos e pensar em uma feira local juntamente com colegas e egressos da escola; são os jovens fazendo seus diferenciais na base, querendo trabalhar de forma articulada.

Santos, Ferreira e Santos (2014) trazem sobre a importância da feira para a agricultura familiar, pois além da comercialização direta, a agricultura de âmbito local pode ser responsável pela grande parcela de produção de gêneros alimentícios. As feiras passam a ser uma forma de manutenção econômica para a população do campo, passando a ser um meio de desenvolvimento local e regional na qual está inserida.

A jovem Andrieli traz duas questões sobre seu futuro, em ser monitora de EFA, mas residir no campo com sua família, caso não der, quer ficar na propriedade da família, conforme traz em sua fala: “vou falar que eu penso e sempre pensei, eu quero voltar a trabalhar na escola, desde o primeiro ano eu

³⁴ Tiago, assim como o Rodrigo são jovens egressos na EFASOL e Joel é colega do Jefferson e todos residem próximo à propriedade da família Rech.

sempre falei isso, e eu nunca vou esquecer sabe, eu quero voltar a trabalhar lá, pois eu acredito, mas não sair de casa, ter os dois espaços e se eu não for pra lá, quero ficar só aqui” (Depoimento de Andrieli, 2017).

A existência da mulher no campo é algo primordial quando falamos em sucessão rural, produção de alimentos e juventude no campo, pois hoje o êxodo rural está com grandes escalas, sobretudo o êxodo rural feminino, onde a valorização e a importância da mulher na agricultura são fundamentais. Conforme Marion (2016) em qualquer setor (no âmbito econômico ou social), o trabalho e a participação das mulheres são essenciais. A mulher desempenha indispensável papel de mãe, esposa e dona de casa, que muitas vezes não é reconhecido, embora já tenha havido evolução sobre o reconhecimento e a importância do papel feminino no meio agrícola, mas vemos que em nossa cultura há dificuldade em aceitar essa realidade, pois apesar das diferenças entre o homem e a mulher ambos são igualmente capazes de desenvolver as atividades agrícolas de uma propriedade.

Para a jovem Sandieli, sobre suas ideias futuras percebe-se na sua fala certas dúvidas, retrata que não quer sair do campo, mas talvez ter um trabalho fora, conforme diz: “eu não quero me desligar do campo, ir morar na cidade, trabalha na cidade, talvez vou trabalhar fora, mas morar no campo, ter minha horta, manter o vínculo, penso em ficar aqui, quero fazer meu estágio ano que vem e ficar aqui por enquanto” (Depoimento de Sandieli, 2017).

A fala desta jovem nos faz lembrar de sua realidade e do contexto em que vive conforme relatado anteriormente, onde as dificuldades de acesso, bem como de lazer e informações são indícios de uma possível não permanência da jovem no campo.

Olhando por outro lado, essa fala nos traz outra reflexão conforme retrata Pozzebon (2015), onde estes jovens estão em uma faixa etária de vida e/ou condição juvenil, melhor dizendo em uma condição transitória, não linear, que possivelmente estão em constantes mudanças de vida, tanto social quanto profissional até chegarem ao momento de suas vidas adultas, gerando momentos conflituosos na busca de afirmação sobre quais caminhos seguir.

Dentre as várias respostas que os jovens trazem na questão voltada à importância da EFASOL para eles, a jovem Andrieli comenta: “eu não valorizada nada, achava tudo fácil, eu queria uma coisa, eu queria porque

queria, não entendia que as coisas eram difíceis, nada eu entendia, a escola me ajudou a pensar sabe, a também valorizar as coisas” (Depoimento de Andrieli, 2017). O jovem Jefferson relata sobre abrir novos caminhos, conforme o mesmo: “pra mim hoje a EFA me mostrou novos caminho da vida, desde o primeiro ano comecei a dar valor nas coisas, ver a importância de tirar o alimento da terra, tenho ideia de ficar aqui, porque meu ver mudou muito” (Depoimento de Jefferson, 2017).

Portanto valorizar onde estar, fazer ter sentido, pensar e valorizar as pequenas causas são construções que acontecem com o passar do tempo entre a escola, o jovem e sua família. Conforme Gadotti, Freire e Guimarães (1995) é necessário a escola ser capaz de trabalhar junto aos seus sujeitos de forma diferenciada, onde o ensino e o aprendizado andam juntos em uma proposta pedagógica alicerçada na pedagogia crítica, sendo capaz de desafiar o educando a pensar criticamente sobre a realidade social, política e histórica onde ele vive, construindo outros olhares, reflexões e ações a partir de onde ele está, se dando conta da importância de estar ali e, sobretudo criar possibilidades de continuar e valorizar a agricultura familiar.

Dando continuidade, a juventude tem grande papel quando falamos em agricultura familiar, conforme Silva *et. al* (2016, p. 7):

A juventude rural está inserida no trabalho familiar, uma vez que essa inserção se caracteriza pela unidade de produção agrícola ter a propriedade e o trabalho inteiramente ligados à família. A agricultura familiar é bastante representativa no Brasil, pois 84% de todas as propriedades rurais do País são de agricultores familiares; tal forma de agricultura é responsável por empregar aproximadamente cinco milhões de famílias em todo o País. Alguns dados demonstram que a agricultura familiar produz cerca de 80% dos alimentos consumidos e preserva 75% dos recursos agrícolas do planeta.

No entanto, conforme demonstram os números acima, a agricultura familiar, sobretudo no Brasil necessita de pessoas que optem pelo meio rural para alimentar a nação, ou seja, o ser agricultor deve ter um trabalho digno e valorizado tanto quanto um médico, um advogado, entre outros.

No próximo subcapítulo são trazidas as informações sobre a visão da família em relação ao jovem e à escola.

7.5 O que a família (pais e mães) tem a dizer sobre o jovem e a EFASOL

As Escolas Famílias Agrícolas, sobretudo a EFASOL não se constitui apenas a ser uma escola formal, de Ensino Médio Técnico Agrícola, para “formar” pessoas para atuar no meio rural.

As EFAs têm como princípio primordial em suas bases as famílias, famílias estas que durante a sessão escolar do jovem são seus professores, onde os jovens ficam presenciando, praticando e aprendendo juntamente com seus pais. Segundo Costa (2012), a importância da família é fundamental nesse processo, onde ela se mantém conectada com a escola através de um instrumento pedagógico, sendo o Caderno de Acompanhamento um instrumento que permite uma ligação direta e uma participação mais efetiva com a família, havendo comunicação entre a escola, o jovem e a família.

Tendo em vista que a família está presente no processo formativo do(a) jovem, no quadro abaixo se traz a voz das famílias sobre o que elas dizem do(a) jovem hoje, como se dá o apoio caso o(a) jovem queria ficar no campo, bem como se a família indica a EFASOL para outras pessoas e/ou famílias:

Quadro 10: Visão das famílias perante o jovem e a EFASOL

O QUE A FAMÍLIA DIZ DO(A) JOVEM ATUALMENTE?			
Família Priebe	Família Emmel	Família Nery	Família Rech
<ul style="list-style-type: none"> - Aprendeu sobre tudo na UPF; - Sabe as dívidas, tamanho da propriedade; - Se preocupa com as coisas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Muito mais envolvida; - Tem interesse pelas coisas; - Não iria ajudar na roça; - Trouxe coisas novas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Outra pessoa; - Não conhecia em nada a UPF; - Não tinha gosto pela agricultura, vínculo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mudou muito; - Aprendeu a dar valor para as coisas; - Aprendeu coisas novas e a família aprendeu também; - Tem interesse pelo campo.

SE O (A) JOVEM PRETENDER FICAR NO CAMPO, TERÁ APOIO DA FAMÍLIA?			
Família Priebe	Família Emmel	Família Nery	Família Rech
- Sim, inclusive tem condição para ele ficar na propriedade; - Talvez possamos adquirir ou arrendar mais terras.	- Apoiaria; - Indiferente do que ela for fazer, a família apoia.	- Sim, mas somente se houver algo diferente na propriedade (diversificação, novas culturas).	- Sim, mais pela mãe do que do pai; - Importante ter coisas novas na propriedade.
A FAMÍLIA INDICARIA A EFASOL PARA OUTRAS FAMÍLIAS? PORQUE?			
Família Priebe	Família Emmel	Família Nery	Família Rech
- Sim; - Jovens são bem assistidos; - Não achei que fosse tão bom; - Não perde vínculo.	- Claro; - Método de ensino; - Muito bom ter uma técnica na propriedade; - Lá todos nos recebem bem; - Pena não ter isso em nosso tempo de jovem.	- Com certeza; - Lá a família sabe onde estão os jovens, onde estão inseridos; - Outras pessoas devem ter uma oportunidade assim.	- Sem dúvidas; - Não perde o vínculo com a família; - Relação de proximidade; - inha que ter mais escolas assim.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Vemos acima o quão importante é a fala das famílias nesse processo que envolve o jovem, eles e a escola, conforme traz o pai do jovem Rodrigo: “ele sempre foi da lida, mas quando foi pra lá, ele nem sabia o tamanho da nossa área de terra, não sabia nada, se chegasse no primeiro dia de aula e perguntasse quantas hectare de terra teu pai tem, ele ia dizer: eu não sei” (Depoimento de Sandro, pai do Rodrigo, 2017).

O pai da jovem Andrieli relata que sua filha literalmente não conhecia a propriedade da família, onde traz: “na realidade ela não conhecia nada na propriedade, Andrieli não sabia planta um pé de fumo, de verdura, ela foi pra lá sem sabe nada, a propriedade ela começou a conhecer depois, ela vinha e me perguntava quanto nós tinha de terra, o que nós temos na propriedade, ai ela foi se achando, ela nem sabia o que nós plantava, sabia que o fumo era a base, mas não sabia que nós plantava feijão, outras coisas assim, e agora ela tem mais interesse” (Depoimento de Vanderlei, pai da Andrieli, 2017).

Nesse momento vemos a importância da educação voltada à realidade do jovem, de estudar sobre o local onde está inserido, relação esta que segundo Vergutz (2013) é a Pedagogia da Alternância, a oferta de uma educação contextualizada com o meio rural reforça a grande necessidade de existir uma proposta metodológica de ensino voltado a esses jovens, que possibilite ao jovem estudar conhecendo seu próprio viver. Portanto a metodologia da Pedagogia da Alternância relaciona o processo de aprender ao viver.

A mãe da jovem Sandieli traz que a jovem teve grandes mudanças no seu jeito de ser, de valorizar e aprender, conforme diz: “agora a Sandi é bem diferente do que antes, quando ela estudava na outra escola, ela nem proseava quase, e agora não, ela vai uma semana pra escola, volta, quer saber o que nós fizemos, como fizemos, como que foi a semana, e antes não se interessava nisso aí, dizia pra ela: planta isso pra mãe, faz a verginha, faz o canteirinho, ela dizia: Ai mãe, eu faço um buraco e planto, aí ela fazia um buraco e plantava, e agora ela começou a estudar lá, e eu queria fazer daquele tipo, ela dizia: Não mãe, isso tem que fazer um canteiro, tem que afofar a terra, fazer isso e aquilo, mas a mãe quer fazer que nem aquela vez, eu mandava tu fazes assim e fazia tudo o contrário, aí pensei, agora tu me paga. A gente mandava ir pra roça, meu deus do céu, aquilo pegava um pimentão e depois que começou ir lá no colégio, mudou” (Depoimento de Angela, mãe da Sandieli, 2017).

A permanência do jovem no campo é um assunto extremamente discutido em vários espaços atualmente, sendo que chegar nesta decisão de ficar ou não depende de muitos fatores, pois na realidade urbana, segundo Dotto (2011) existe vários fatores de atração, como as indústrias, serviços urbanos, entre outros que contribuem para os jovens abandonar o campo.

Sobre a visão dos pais em relação aos jovens terem interesse de continuar no campo ou na propriedade da família, no caso do jovem Rodrigo, sua mãe, bem como a família adere à proposta do jovem, como relata: “tem condições do Rodrigo ficar, temos só mais uma filha, futuramente a gente podia comprar um pouco mais de terra, tem pra arrendar também, tem opções”. Para seu pai: “se ele não ficasse, no meu caso não adiantaria investir mais muito,

porque pra mim o que tem tá ótimo já” (Depoimento de Roseleni e Sandro, mãe e pai e do jovem Rodrigo, 2017).

A mãe da jovem Sandieli relata sobre o interesse da jovem em ficar no campo ou manter o vínculo com a agricultura: “a ideia dela não é ruim, de ficar em casa, sempre ajudando”. Já o pai destaca sobre que no campo, a qualidade de vida é outra, sabe que está consumindo, conforme diz em sua fala: “a roça não é o pior lugar não gente, na roça tu tá ali, tu pode come que tu planta, sabe que tu come, na cidade não, tu vai no mercado, ali não tá escrito a porção de veneno que tem. Tu vai no mercado, vê aqueles tomate vermelho e bonito, olha o quanto de veneno que tem” (Depoimento de Roselei, o Nei e Ângela, pai e mãe da Sandieli, 2017).

Vemos nesses casos que para a permanência do jovem no campo, a família em si tem grande importância nesse sentido, pois não adianta obviamente o jovem pretender ficar se a família é contrária. Portanto, nesses casos, todas as famílias demonstram apoio aos seus filhos com seus futuros, de permanecer na propriedade ou como no caso da jovem Sandieli, de ter um trabalho fora, mas continuar ali.

Esse posicionamento positivo justifica-se pelo motivo da família estar engajada na escola, pois através dos momentos de formação com as famílias é demonstrado a elas a importância dos pais darem abertura ao jovem, de experimentar, testar e ver os resultados. Conforme diz um dos Coordenadores Pedagógicos da EFASOL, Ângelo Quos: “a formação com as famílias é algo fundamental para a EFA, pois ali existem diálogos referentes ao jovem, destacando a importância da família contribuir com a formação dele, sobretudo destacando aos seus pais a importância da sucessão rural, agroecologia e qualidade de vida”.

Essa situação traz um dado importante, pois em todos os casos os pais indicam a EFASOL para outras famílias, pois quem está vivenciando o processo, presente na escola e percebendo a transformação dos jovens através da metodologia de ensino, da Pedagogia da Alternância e de tudo que os mesmos vem desenvolvendo nas propriedades percebem que se deve incentivar a mais pessoas a irem estudar lá. Conforme traz a mãe do jovem Rodrigo: “comparado com outra escola, eles são muito bem mais assistido

pelos professores, um acompanhamento bem mais de perto, como se fosse uma família”. (Depoimento de Roseleni, mãe do Rodrigo, 2017).

Para a mãe do jovem Jefferson, que sempre teve preocupação com o jovem: “Pra nós foi mais difícil na primeira semana do que pro Jeff, ele era acostumado com a gurizada, porque lá de cima veio um eito estudar no colégio, mas a gente uma semana inteira sem o Neni, foi difícil” (Depoimento de Claudemira, mãe do Jefferson, 2017).

Os pais da jovem Sandieli trazem um pouco dos diferenciais da EFASOL. Para o pai: “lá é outra coisa, eles vem te receber, isso é uma coisa que eu acho muito legal nessa escola, todo mundo vem e te cumprimenta sempre faceiro”. Para a mãe: “aquela segunda que eu fui junto com a Sandi lá, leva aqueles papel, vocês estavam tudo em reunião ali, em outro lugar a gente chega e as pessoas mal abrem a boca pra dizer bom dia, lá não, os monitores vem e abraçam a gente e se a gente fala isso pros outros, eles ficam olhando a gente assim, parece que não acreditam” (Depoimento de Roselei, o Nei e Ângela, pai e mãe da Sandieli, 2017).

Quando ouvimos o relato dos pais vemos que não é uma crítica às demais escolas, mas sim que estão destacando a importância de uma educação diferenciada para seus filhos. Conforme Costa (2012), nesse caso está se defendendo uma educação contextualizada, que valorize o meio rural, o agricultor familiar e suas peculiaridades.

De modo geral, acredita-se que os pais estão contentes com a atuação de seus filhos, foram praticamente três anos de caminhada, onde se percebe uma grande construção do conhecimento tanto para o jovem, quanto para sua família e propriedade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tinha o objetivo de analisar e descrever o contexto atual da Educação do Campo e permitiu caracterizar vários conceitos e a origem da metodologia da Pedagogia da Alternância utilizada pelos CEFFAs e sua relação com o Desenvolvimento Rural. Além disso, o trabalho pode trazer história das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil e no Rio Grande do Sul, sobretudo a EFASOL e seus impactos na visão dos jovens e das famílias.

Nesse sentido, após vermos a conjuntura da Educação no Brasil, o fechamento das escolas do campo diagnosticamos o quanto é importante discutir questões relacionadas à Educação do Campo, do público que vive na base, com suas atividades voltadas às produções e criações para consumo e comercialização, sendo o modo de vida da agricultura familiar e propriamente o Vale do Rio Pardo, região onde predomina a agricultura familiar.

No entanto, uma educação voltada a esse público, aos filhos e filhas de agricultores dessa região é fundamental para a sobrevivência das propriedades e, conseqüentemente, da agricultura familiar, pois grande parte das escolas existentes atualmente não possui um trabalho e/ou currículo voltado ao jovem oriundo do campo. Em outras palavras, um jovem urbano residente em uma grande metrópole ou capital está estudando praticamente as mesmas questões que um jovem filho(a) de agricultor que possui uma realidade extremamente diferente, está aprendendo na escola realidades de vida social, cultural, produtiva e profissional totalmente diferentes uma da outra e o ensino segue praticamente os mesmos parâmetros em ambos espaços escolares.

Vale destacar, que essa crítica não vem às escolas. A questão a ser debatida é sobre a importância de haver uma educação voltada ao jovem do campo, que valorize os agricultores e traga sua vivência prática para dentro da escola, sendo esse um dos objetivos da metodologia da Pedagogia da Alternância, que além de trazer a vivência familiar para a escola, permite que o jovem não perca o vínculo com sua família.

Analisando o contexto todo, a Pedagogia da Alternância nasceu de uma necessidade dos povos do campo, para criar naquela época uma educação que envolvia as famílias e que vinha valorizar o agricultor, o campo e a quem produz alimentos.

Esse estudo também pôde demonstrar que o processo de criação de uma Escola Família Agrícola é um procedimento longo, de resistência, mas fundamental à sobrevivência da escola. No caso da EFASOL, após a criação da Associação Local até o início das atividades escolares passaram-se quase dois anos de articulação, diagnóstico e planejamento antes do início com a primeira turma. Portanto podemos ver que o processo de criação de uma EFA parte da comunidade, das pessoas que estão na base através da necessidade de haver uma escola voltada aos jovens daquela comunidade, município e propriamente da região.

Por fim, essa pesquisa de conclusão de curso nos permitiu conhecer na ótica dos jovens e das famílias as transformações que uma escola voltada aos jovens do campo pode promover, ou seja, o pronunciamento dos jovens e das famílias nessa pesquisa concordam com as inúmeras pesquisas realizadas por diversos autores ligados principalmente à Educação do Campo, Pedagogia da Alternância e do Desenvolvimento Rural destacando a suma importância de fortalecer esse processo que existe há vários anos. Porém, cabe ressaltar que na região pesquisada a iniciativa é extremamente recente, portanto pesquisas como esta vêm fortalecer e demonstrar o quanto é importante pensar uma educação diferenciada para o público do campo.

Após as pesquisas bibliográficas, análises documentais, entrevistas com os participantes e suas famílias e visitas às propriedades foi possível contatar diretamente com a vivência no dia-a-dia do processo dos jovens e da família e analisar que a Educação do Campo, mas especificamente a Pedagogia da Alternância engloba uma série de instrumentos pedagógicos utilizados na Escola Família Agrícola de Vale do Sol (EFASOL) que são ferramentas importantíssimas para promover o Desenvolvimento Rural. Assim, pode-se afirmar que existir uma escola voltada para os filhos e filhas de agricultores é fundamental, pois como descrito e analisado no *corpus* de pesquisa, os impactos são extremamente positivos perante os jovens e suas famílias, criando perspectivas de sucessão rural, de produção de alimentos e, sobretudo valorizando a agricultura familiar como um modo de vida e profissão. Trata-se de formas e princípios que vem a promover o Desenvolvimento Rural na região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. **O capital social dos territórios: repensando o Desenvolvimento Rural**. Economia Aplicada – v. 4, nº 2. 2000

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em questão**. São Paulo. Anpocs, Unicamp, Hucitec, 1992. Uma nova extensão para a agricultura familiar. In: Seminário Nacional De Assistência Técnica e Extensão Rural. Brasília, DF, Anais, 1997.

AJALA, M. C. **Alunos EJA: Motivos de abandono e retorno escolas na modalidade EJA e expectativas pós EJA em Santa Helena-PR**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Medianeira, 2011.

ALTIERI, M. **Agroecologia. A Dinâmica Produtiva da Agricultura Sustentável**. 5ª edição. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, editora da UFRGS, 1998.

BADALOTTI, R. M. A. **Cooperação Agrícola e a Agroecologia como base para a viabilização da Agricultura Familiar no Oeste Catarinense: O papel da APACO (Associação dos Pequenos Agricultores do Oeste Catarinense) e demais agentes sociais**. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis. 2003

BASTIANI, T. M., STRASSER, R. B., **Permanência dos Jovens no Campo: Para que?** Contribuições dos Movimentos sociais para a educação dos trabalhadores: crianças, jovens, adultos e idosos (espaços formais e não formais). 2012.

BEGNAMI, J, B. **Formação Pedagógica de Monitores das Escolas Famílias Agrícolas e Alternâncias**. 2003. Dissertação de Mestrado Internacional em Ciências da Educação - Formação e Desenvolvimento Sustentável. Universidade Nova de Lisboa – Portugal e Universidade François Rabelais de Tours – França. Belo Horizonte/MG, 2003.

BEGNAMI, J, B. **Os CEFFAs e a Educação Média e Profissional Integrada**. Texto elaborado para a Equipe Pedagógica Nacional dos CEFFAs do Brasil. Brasília: Rede dos CEFFAs/UNEFAB/ARCAFAR SUL/ARCAFAR NE/NO, setembro de 2011.

CAMARANO, A. A., ABRAMOVAY, R. **Êxodo Rural, Envelhecimento e Masculinização no Brasil: Panorama dos últimos 50 anos**. IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, texto para discussão nº 621. Rio de Janeiro, Janeiro de 1999.

CAPORAL, F. R. AZEVEDO, E. O. **Princípios e Perspectivas da Agroecologia**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, 2011

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e Extensão Rural: Contribuições para a promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável**. Brasília : MDA/SAF/DATER - IICA, 2004.

CARDOSO, E. L., FERNANDES, A. H. B. M.; FERNANDES, F. A. **Análise de solos: finalidade e procedimentos de amostragem**. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2009. 5 p. (Embrapa Pantanal. Comunicado Técnico, 79. Disponível em:<http://www.cpap.embrapa.br/publicacoes/download.php?arq_pdf=COT79> . Acesso em 29 de outubro de 2017.

CERRI, C. E. P. **Compostagem**. Universidade de São Paulo. Escola Superior de Agricultura Luiz de Quieroz, Piracicaba, São Paulo, 2008

COSTA, J. P. R. **Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul – EFASC: uma contribuição ao desenvolvimento da região do Vale do Rio Pardo a partir da Pedagogia da Alternância**. 2012. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2012.

COSTA, J. P. R., ETGES, V. E., VERGUTZ, C. L. B., **Educação do Campo e o Fechamento das Escolas do Campo**. II Fórum Internacional de Educação, VI Seminário Nacional de Pesquisa em Educação, XIV Fórum Nacional de Educação e XVII Seminário Regional de Educação Básica – 27 à 30 de abril de 2016, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Santa Cruz do Sul, 2016.

COTRIM, Décio Souza (Org.). **Gestão de Cooperativas**: produção acadêmica da Ascar . Porto Alegre, RS: Emater/RS-Ascar, 2013. 694 p. (Coleção Desenvolvimento Rural, v. 2). Disponível em: <http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/E_Book2.pdf>. Acesso em 29 de outubro de 2017

DALCON, D. TROIAN, D. **Jovem no meio Rural a Dicotomia entre sair e permanecer: Um estudo de Caso**. Sociologia & Política. I Seminário Nacional Sociologia & Política. “Sociedade e Política em termos de Incerteza”. Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2009.

DOTTO, F. **Fatores que influenciam a Permanência dos jovens na Agricultura Familiar, no estado do Mato Grosso do Sul**. 2011. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, 2011.

EMBRAPA. **Adubação Verde**. Utilização de leguminosas contribui no fornecimento de nitrogênio para culturas de interesse comercial e protege o solo da erosão. Embrapa Agrobiologia. 2011

FONSECA, J. J. S., **Metodologia de Pesquisa Científica**. Apostila Curso de Especialização em Comunidades Virtuais de Aprendizagem – Informática Educativa. Universidade Estadual do Ceará – UEC. Fortaleza, 2002.

FILHO, J. A. S. MEDINA, R. B. SILVA, S. R. **Poda de Árvores Frutíferas.** Universidade de São Paulo – USP, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Piracicaba, 2011

FINKLER, I. **Nossa Terra, Nossa História: Registro da Folha Vale do Sol.** Editora Vale solence, Vale do Sol, 2012

FLORIANO, C. O. **Identificação da Qualidade de Vida no Meio Rural no município de Major Vieira.** *Ágora: Revista de divulgação científica*, Mafra, v. 16, nº 1, 2009

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 9ª edição. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1981

FRÖHLICH, E. R, DORNELES S. B. **Elaboração de Monografia na Área de Desenvolvimento Rural.** 1ª edição. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, editora da UFRGS, 2011

GADOTTI, M. FREIRE, P. GUIMARÃES, S. **Pedagogia: Diálogo e Conflito.** 4ª edição – São Paulo, Editora Cortez, 1995

GARCÍA-MARIRRODRIGA, R., PUIG-CALVÓ, P. **Formação em Alternância e desenvolvimento educativo dos CEFFAS no mundo.** Belo Horizonte: O Lutador, 2010.

GAZETA DO SUL, **Guia Socioeconômico do Vale do Rio Pardo e Centro-Serra, 2017.** Gazeta do Sul, Grupo de Comunicações, 2017.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 2ª edição. São Paulo: Editora Atlas S.A. 1989

GLIESSMAN, S.R. **Agroecologia. Processos ecológicos em agricultura sustentável.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre. 2001.

GOMES, A. C., **A operacionalização do Mercado Institucional de alimentos no contexto do Vale do Rio Pardo: o caso da Cooperativa Leoboqueirense de Agricultores Familiares.** 2014. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Programa Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2014.

LIMBERGER, D. H., **Vivências na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul: Pedagogia da Alternância, Agroecologia e os Saberes em torno das Sementes Crioulas.** Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul, 2016.

MARCONI, M. A, LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5ª edição. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2003.

MARION, A. A. **A importância da mulher na Agricultura Familiar.** Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO, 2016

MEIRINHOS, M. OSÓRIO, A. **O Estudo de caso como estratégia de investigação em educação.** EDUSER: Revista de educação, Vol 2(2), 2010. Inovação, Investigação e, Educação.

MOLINA, M. C., FREITAS, H. C. A. **Educação do campo.** Em aberto, Brasília, n. 85 p. 1-177, abr. 2011.

MOLINA, M. C. **Educação do Campo e Pesquisa: Questões para reflexão.** Brasil, Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Brasília/DF. 152 p. 2006

OLIVEIRA, D. T., **O Papel da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul na Permanência do Jovem no Campo.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

PEREIRA, M. F. C. S. **Complexo Avícola no Extremo Oeste Catarinense: Em busca de uma nova forma de Integração Politicamente Equilibrada e Economicamente Justa.** 2008. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

POZZEBON, A. **A inserção socioprofissional dos jovens egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul no Vale do Rio Pardo, RS: Uma contribuição para o Desenvolvimento Rural.** 2015. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

PRESIDENCIA DA REPÚBLICA, **Lei Nº 12.852, de 5 de agosto de 2013.** Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acesso em 25 de outubro de 2017, às 01h54min.

REDIN, E. **A Fumicultura e Agricultura Familiar: O Caso de Jaguari/RS.** Sociais e Humanas, Santa Maria, v.23, nº.02, jul/dez 2010, p.99 – 116.

QUEIROZ, S. G. **Os jovens do campo Baiano e suas perspectivas de vida.** VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão-SE/Brasil. 20 a 22 de setembro de 2012

RODRIGUES, K. **Campo tem analfabetismo em 23% e mais de 37 mil escolas fechadas.** O Globo. Atualizado em 03/11/2011. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/campo-tem-analfabetismo-em-23-mais-de-37-mil-escolas-fechadas-3079377#ixzz4eO7EbUaZ>. Acesso em 16 de abril de 2017, às 20h45min.

SANTOS, F. TONEZER, C. RAMBO, A. G. **Agroecologia e Agricultura Familiar: Um caminho para a Soberania Alimentar?** Apresentação Oral-

Agricultura Familiar e Ruralidade. Sober 47º Congresso, Porto Alegre, 26 a 30 de julho de 2009.

SANTOS, M. S. FERREIRA, D. J. SANTOS, R. L. **A Feira Livre como Alternativa de Geração de Renda para a Agricultura Familiar no Município de Santo Estevão-BA.** Vi Congresso Iberoamericano de Estudios Territoriales y Ambientales. Santo Paulo, 8 a 12 de setembro de 2014.

SCHNEIDER, S. **Educação do Campo e Sustentabilidade: O caso da Escola Família Agrícola em Santa Cruz do Sul.** Atos de Pesquisa em Educação – PPGE/ME, ISSN 1809-0354 v.8, n.3, p 964 – 985, set./dez. 2013. Secretaria do Estado e Educação do Mato Grosso – SEDUC/MT, 2013

SILIPRANDI, Emma. **Agroecologia, agricultura familiar e mulheres rurais.** Rev. bras. de Agroecologia, v.2, n.1, fev. 2007, pág. 845-849.

SILVA, N. *Et al.* **Juventude Rural e Agricultura Familiar: Diálogos através da pesquisa e extensão.** Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 7º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, Ouro Preto – Minas Gerais, 2006

SOUZA, M. A. **Educação do Campo: Políticas, práticas Pedagógicas e Produção Científica.** Modalidade Produtiva em Pesquisa. Educ. Soc., Campinas, Vol. 29, n. 105, p.1089 – 1111, set./dez. 2008. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

TEIXEIRA, E. S, BERNARTT, M. L, TRINDADE, G. A. **Estudos sobre a Pedagogia da Alternância no Brasil: Revisão de leitura e perspectivas para a pesquisa.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.34 n.2, p. 227-242, maio/ago. 2008. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Disponível em <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-2/EstudoAlternancia.pdf>

TRINDADE, C. C. **Sementes Crioulas e Transgênicos, uma reflexão sobre sua relação com as comunidades tradicionais.** 2004. Disponível em: http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/manaus/estado_dir_povos_carina_carreira_trindade.pdf. Acesso em 30 de outubro de 2017

VARGAS, M. A. OLIVEIRA, B. F. **Estratégias de diversificação em áreas de cultivo de tabaco no Vale do Rio Pardo: uma análise comparativa.** Revista de Economia e Sociologia Rural, vol. 50 nº. 1 Brasília, Jan./Mar. 2012. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20032012000100010&script=sci_arttext

VERGUTZ, C. L. B. **Aprendizagens na pedagogia da alternância da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul.** 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2013.

VERGUTZ, C. L. B. **O caminho da Aprendizagem na Pedagogia da Alternância e o Sujeito Alternante.** IX ANPED SUL – Seminário de Pesquisa

em Educação da Região Sul, 2012. PPGEduc, Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC – CAPES, 2012.

WAQUIL, P. D. MIELE. M. SCHULTZ. G. **Mercado e Comercialização de Produtos Agrícolas**. 1º edição. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Editora UFRGS, 2010.

WEINGARTNER, M. A. ALDRIGHI, C. F. S. PERERA, A. F. **Práticas Agroecológicas**. Caldas e Biofertilizantes. 1º Edição. FAPEG, INCRA e EMBRAPA. Pelotas/RS, 2006

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA



Eixo I: Perfil do(a) entrevistado(a) e do grupo familiar
Nome:
Sexo:
Idade:
Município e Localidade:
Demais integrantes do núcleo familiar e atividades desenvolvidas:
Você participa de algum movimento social, sindicato ou organização comunitária ou ainda de grupos de produção? Se sim, qual(is)?
Eixo II: Caracterização da UPA, aspectos produtivos e influência da EFASOL nas práticas agrícolas desenvolvidas.
Quantos hectares a UPA possui?
Principais culturas e criações da UPA atualmente:
São aplicados os princípios agroecológicos na UPF? Desde quando?
Descreva as principais mudanças da UPF antes e depois de você estudar na EFASOL nos distintos segmentos: <ul style="list-style-type: none"> • Aspectos estruturais da UPF; • Diversificação dos cultivos e práticas agrícolas; • Composição da renda familiar; • Autonomia e participação do jovem nas tomadas de decisão.
Eixo III – Condições de Trabalho, Vida, Comercialização e Renda
Quais produtos o grupo familiar comercializa?
Quais canais de comercialização acessam?
Você recebe ou recebeu apoio familiar para a permanência no campo e a implementação das práticas agrícolas na UPA?
Você tem acesso a internet e momentos de lazer?

Eixo IV – Perspectiva de futuro do (a) jovem e contribuições da EFASOL e da Pedagogia da Alternância na vida do (a) jovem e para o desenvolvimento rural
Por que veio estudar na EFASOL?
Fala um pouco sobre a tua visão da agricultura e meio rural antes de vir para a EFASOL?
Quais os diferenciais da EFASOL?
Você considera importantes os Instrumentos Pedagógicos, como: caderno de acompanhamento, visitas de estudos e nas famílias, tutorias, estágio de vivência etc, na formação? Por quê?
Qual a tua visão sobre o campo e sobre agricultura atualmente?
A educação do campo é importante para o desenvolvimento rural? Por quê?
Existe alguma mudança que você gostaria de promover na UPA e ainda não foi possível? Por quê?
Pensando na sua perspectiva de futuro: você pretende permanecer na UPA, diversificar a produção, conciliar outra atividade, comprar outra área rural para produzir de maneira individualizada? Porque?
Qual a importância da EFASOL na sua vida?
QUESTÕES ORIENTADAS AOS PAIS
A família participa de algum movimento social, sindicato ou organização comunitária ou ainda de grupos de produção? Se sim, qual(is)?
Quais as mudanças que vocês percebem em seu (a) filho (a) após seu ingresso e formação na EFASOL?
Qual o envolvimento dele (a) na propriedade?
Em sua opinião, a presença do (a) jovem na UPA contribui para o desenvolvimento rural? Em quais aspectos?
Se ele (a) permanecer no campo tem o apoio de vocês? Comente sobre...
A família indicaria a EFASOL para outras famílias, parentes, amigos, conhecidos, vizinhos? Por quê?
OBSERVAÇÕES:

**APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E
ESCLARECIDO**



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

**Trabalho de Conclusão de Curso
INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS**

NOME: _____

RG/CPF: _____

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso “**Escola Família Agrícola de Vale do Sol – EFASOL e a Pedagogia da Alternância: A Educação como ferramenta para o Desenvolvimento Rural no Município de Vale do Sol, RS e Região**” para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do **Trabalho de Conclusão de Curso “Escola Família Agrícola de Vale do Sol – EFASOL: A Educação como ferramenta para o Desenvolvimento Rural no Município de Vale do Sol, RS e Região” – do Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER**, que tem como objetivo: Descrever e analisar no que tange a Educação do Campo, a Pedagogia da Alternância e o processo que levou a criação da Escola Família Agrícola de Vale do Sol – EFASOL no município de Vale do Sol/RS, bem como relacionar a Educação do Campo através da pedagogia da alternância como ferramenta para o Desenvolvimento Rural através de pesquisa realizada com famílias e jovens que estão no 3º ano de formação.

A minha participação consiste na recepção do aluno “**Régis Dattein Solano**” para a realização de entrevista. Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pelo aluno. Para isso, () **AUTORIZO** / () **NÃO AUTORIZO** a minha identificação e minha propriedade, destacando nomes, imagens e gravações para a publicação no TCC.

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Assinatura _____

_____, ____/____/2017

**APÊNDICE C - RELAÇÃO DOS ESTUDANTES QUE ENTRARAM NA
EFASOL EM 2015**

Quadro 11: Os 22 jovens que iniciaram no ano letivo da EFASOL em 2015

	Estudante	Município
1	Alessandro Junior Trabach	Vale do Sol
2	Andrieli Cauna Nery	Vera Cruz
3	Cleiton Carlesso de Quadros	Barros Cassal
4	Daniel José de Oliveira	Vale do Sol
5	Eduado A. Hennig	Vale do Sol
6	Guilherme Vieira Jandrey	Barros Cassal
7	Igor Daniel da Silva	Vale do Sol
8	Ionã Ferreira dos Santos	Candelária
9	Jeferson Henrique Rech	Vale do Sol
10	Jéssica Geske	Vale do Sol
11	Joel N. Beling	Vale do Sol
12	Leonardo Muller	Vale do Sol
13	Leonardo Pimenta de Souza	Vale do Sol
14	Marcelo Tiago Bringmann	Vale do Sol
15	Marta Inês Bringmann	Vale do Sol
16	Paulo Afonso da Silva	Cachoeira do Sul
17	Ricardo Vinícius de Oliveira Machado	Vale do Sol
18	Rodrigo Luis Priebe	Vera Cruz
19	Samoel Henrique Grieger	Vale do Sol
20	Samuel Elias Rieck	Vale do Sol
21	Sandiele Molz	Vale do Sol
22	Tainá Machado de Moura	Vera Cruz

Fonte: Arquivos EFASOL, 2014.

OBS: Conforme descrito no texto em 2017 são 16 estudantes.

APÊNDICE D

ALGUMAS FIGURAS DAS PRÁTICAS DESENVOLVIDAS PELOS JOVENS EM SUAS UNIDADES DE PRODUÇÃO FAMILIAR – UPF

PRÁTICAS REALIZADA PELO JOVEM RODRIGO L. PRIEBE - LINHA
HENRIQUE D'ÁVILA, VERA CRUZ, RS

Produção de biofertilizante anaeróbico, iscas para insetos no pessegueiro, processo de compostagem com esterco bovino e área com produção de hortaliças para a família e comercialização.



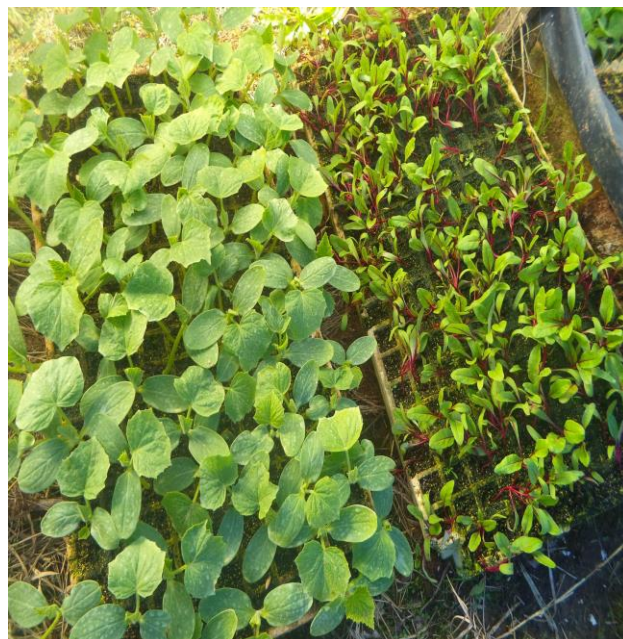
PRÁTICAS REALIZADA PELA JOVEM SADIELI MOLZ - LINHA SILVA, VALE DO SOL, RS

Processo de compostagem com esterco bovino, produção de hortaliças para o consumo da família e podas no pessegueiro.



PRÁTICAS REALIZADA PELA JOVEM: ANDRIELI C. NERY - LINHA
FLORESTA, VERA CRUZ, RS

Produção de biofertilizante a base de esterno bovino, produção de caldas, compostagem com esterco bovino e produção de mudas de hortaliças para o uso na propriedade.



PRÁTICAS REALIZADA PELO JOVEM JEFFERSON H. RECH - LINHA
TROMBUDO, VALE DO SOL, RS

Produção de hortaliças, ovos de codorna e arroz sequeiro para consumo da família e comercialização.

